AS

VIAGENS A LEIXÕES.

AS

VIAGENS A LEIXÕES,

OU

A TROCA DAS NEREIDAS;

POEMA HEROI-COMICO,

OFFERECIDO

ÁS SENHORAS PORTUGUEZAS,

ESPECIALMENTE

ÁS ILL.mas E EX.mas SENHORAS CIRNES,

POR

* * * * *

PORTO,

NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,

Praça de Sancta Thereza, n.º 28.

1855.

O AUCTOR

ÁS AMAVEIS LEITORAS, E BENIGNOS LEITORES.

Que a composição de um Poema é um dos maiores esforços do engenho humano, não o digo eu agora por ter composto este; dizem-n'o os sabios, e tenho-o por axioma. Os sublimes, como os de Homero, Virgilio, Tasso, Camões ou Garrett, são obras de angelicos talentos; os miseros, como o de Martins Rua, são-n'o de engenhos apoucados, qual é o d'elle, qual é talvez o meu; mas sempre subsiste o axioma — um Poema é um dos maiores esforços do engenho humano.

E que não entrem n'esta conta os Heroicomicos, ninguem o poderá sustentar, quando já o grande Homero se empregou em similhante composição a *Batrachomyomachia*, Horacio em suas Odes e Satyras, Martial em seus epigrammas, Ariosto, Tassoni, Casti,

Boileau, Lafontaine, Quevedo, Diniz, Tolentino, Macedo e muitos outros homens illustres em seus immortaes Poemas ou opusculos: logo, tambem a respeito dos Heroi-comicos ainda está em pé o mesmo axioma.

Mas olhando para tudo isto, e logo para mim, confesso que me affoutei a empreza, de que não podia dar boa conta; mas quando lh'as lancei, já tinha dado muitos passos, e então fui vencido da invencivel repugnancia que tenho a voltar para traz, uma vez que em meu caminho não encontre o crime, e ainda que encontre o perigo.

Appareça pois o novo Poema... mas a par d'elle estas humildes supplicas, com que imploro indulgencias plenarias, não só das benignissimas Senhoras Portuguezas, ás quaes é dedicado, mas de todos os litteratos, dos meus amigos e até dos meus inimigos, se é que alguem o é meu, que eu por mim solemnemente declaro que o não sou de ninguem, sejam quaes forem as suas opiniões. E porque as minhas sejam diversas das de alguns de meus leitores, tambem não que

elles devem julgar a minha obra, porque cada um escreve como sente, se é dotado de franqueza e sinceridade.

Nem sequer os inglezes podem com justiça queixar-se do que d'elles digo, porque sobre a immensidade de desgraças, que só a elles devemos, nos tem coberto de desprêsos e de injurias, já não fazendo caso do heroico valor de nossos soldados, que tão valioso auxilio lhes deram na guerra peninsular (*a*) (toda em utilidade d'elles inglezes), já no que por vezes teem dito no parlamento e em seus

---

(*a*) Todos sabemos que Lord Wellington, quando acabou a guerra peninsular, fez uma solemne despedida ás tropas das diversas nações, que commandára, menos ás Portuguezas.... e mais foram estas as que por ventura concorreram mais para os seus triumphos.... e mais o Principe Regente, D. João, mandou ao Lord, no fim da mesma guerra, uma riquissima baixella de prata, toda obrada em Lisboa, e que mesmo em Londres foi admirada.... e mais elle recebia de Portugal um enorme soldo annual, e foi pelo Principe coberto de honras.... era o grande homem de alma pequena, que não quiz salvar o pobre que se afogava no Thamisa, e lhe respondeu quando o infeliz implorava o seu soccorro —*Bom homem, o Duque de Wellington não se abaixa a salvar da morte um miseravel como vós sois....* — mas o salvar a vida de um homem tem sido emprego digno de grandes reis, tem-n'o sido até de um Deos....

meetings (*b*), já no que tem publicado em diversos escriptos, como ainda não ha muito se viu no misero poema, que compoz um *Harrys*, por muitos annos negociante de vinhos n'esta Cidade: logo então, nem estes podem estranhar que um legitimo Portuguez diga a seu respeito algumas verdades.

N'uma palavra: se critíco o mal, os excessos, as loucuras, jámais indico as pessoas: e mesmo, se esse mal é real, são as personagens sempre, ou quasi sempre imaginarias. Tem comtudo esta regra geral suas excepções, quando fallo de factos que todos os periodicos tem publicado, que toda a gente sabe, e todo o mundo está vendo com seus olhos; então não é o meu Poema que os vai revelar, nem dar-lhes maior gráo de publicidade: apenas prova que tambem eu sei o que os outros sabem, e que digo em verso o que todos dizem em prosa.

(*b*) Ainda ha pouco o inchado e vaidoso Almirante Napier cobriu de injuria a nossa nação e tropa, em uma das britanas orgias, antes de ir vencer, derrotar, anniquilar Cronstad, Sebastopol e todas as Russias.

Sustentarei tambem que o uso de certos chistes, ou expressões jocosas, e o da arma do ridiculo em algumas occasiões, em vez de ser digno de critica, o é de louvor, e n'esta opinião tenho por mim não só grandes sabios, como Aristoteles (*c*), Feijoo (*d*), e um sem numero de outros, mas grandes sanctos, como S. Thomaz de Aquino (*e*), e ainda Sancta Thereza de Jesus (*f*). Do que concluo que poderão os litteratos achar defeituoso o meu Poema, mas não immoral, ou o considerem no seu todo, ou em qualquer de suas partes.

E mais especialmente quanto ás expressões jocosas de que algumas vezes usamos no nosso heroi-comico Poema, já vemos que alguns farão d'ellas a brecha para nos da-

---

(*c*) Qui vero neque dicerent quidquam *ridiculi,* neque alios dicere paterentur, *rustici sunt et duri.* (Aristot. Ethic. Lib. 4, cap. 8).

(*d*) Vid. Theatro Critico e Cartas annexas.

(*e*) Illi autem, qui in ludo deficiunt, nec ipsi dicunt aliquid *ridiculum,* et dicentibus molesti sunt, quia scilicet, moderatos aliorum ludos non recipiunt; et ideo tales *vitiosi sunt, et dicuntur duri et agrestes.* (Doctor S.Thom., 2. 2. quæst. 168. art. 4).

(*f*) Vid. Cartas de Sancta Thereza.

rem violento ataque.... Mas essas expressões não tem, nem podem ter outro resultado mais do que provocar a riso, como succede com as similhantes, que se encontram no Hysope, nas Obras do Abbade de Jazente, na Gaticania, no Palito Metrico, e outros, mas particularmente na galantissima Obra = L'ART DE PÉTER = que lemos e admiramos na bibliotheca dos Ex.mos Cunhas Reis, em Braga. Verdade é que os inglezes, que tamanho incremento teem dado ás artes, deverão ter feito *n'aquella*, já antiga, grandes e magnificas descobertas; mas como d'ellas ainda não temos noticia, vamos imitando a sabia, e melhor avisada antiguidade, que estimava e empregava um genero innoxio, especifico contra a tristeza, injustamente despresado por alguns modernos, que o substituem por outro de maliciosa indole e péssimos resultados.

Não devem, logo, atacar-nos por ahi, quando não encontram n'este Poema nem uma só phrase, que offenda os mais delicados ouvidos, como tantas de que usou o sabio

Padre Macedo, nos seus Burros... quando sabem de memoria os Poemetos do Abbade Grecourt, os Contos de Bocage e de Lafontaine, muitas passagens do Canto IX dos Lusiadas, e do IV da Eneida, e tem o gosto de lêr e a barbara crueldade de dar a lêr, a inexpertas virgens, as satánicas novellas, em que abunda este tão misero, como vaidoso seculo.

Ah, não! não me ataquem por ahi!... que então poderei comparal-os a Eugenio Sue, que, ao passo que debuxava os quadros da mais intoleravel immoralidade, tractava de indecentes varias expressões do devotissimo livrinho = *O Mez de Maria* = ...

Senhoras, Amigos, Portuguezes todos, se critíco os vossos e os meus proprios defeitos, nem por isso imagineis que vos quero mal; quizera sim que, pois não é possivel extirpal-a, buscassemos sequer moderar o seu excesso, porque d'este ao crime o caminho é breve e escorregadio: a todos consagro amor, e pela bitola que elle dá, peço e espero ser tambem medido.

Sai, che lá corre il mondo, ove piu versi
Di sue dolcezze il lusinghier Parnaso;
E che'l vero condito in molli versi,
I più schivi allettando ha persuaso.
Cosi all'egro fauciul porgiamo aspersi
Di soave licor gli orli del vaso:
Succhi amari ingannato intanto ei beve,
E dall' inganno suo vita riceve.

TÆSSO, GER. LIB., C. I. OIT. 3.a

N. B. As palavras, que no texto se acham em ITALICO, *tem ao fim as suas explicações, postas por ordem alphabetica, para as pessoas a quem ellas possam ser necessarias.*

AS VIAGENS A LEIXÕES,

OU

A TROCA DAS NEREIDAS.

CANTO PRIMEIRO.

CANTAR *Barões*, cantar *armas*,
Como outr'ora se fazia,
Dar a heroes á patria caros
Nova vida na poesia,

É cousa que eu bem quizera,
Se tivera o cabedal
Necessario a commetter,
A acabar empreza tal.

Mas ainda que os talentos,
Nobre engenho me fallecem,
Assim mesmo hei-de cantar
Altos feitos que o merecem:

Nem de *Hippocrene* as correntes
O meu estro accenderão;
Mas que importa, se taes feitos
Per si mesmos fallarão?...

E correntes por correntes
Prefiro as do patrio Douro;
Talvez se ellas me influissem,
Que eu cingisse eterno louro.

Mas não, que me chamariam
Das *Bachantes* companheiro,
E mesmo estas só se trocam
Por outras de aureo dinheiro;

Por sorte que as de *Hippocrene*
Nada valem, ou mui pouco,
As do *Douro* valem tanto,
Que o compral-as é de louco.

Em fim, são tantas as minguas,
E taes as miserias minhas,
Que vou como o peregrino,
Que se atêm só a esmolinhas.

Só de falta de *Barões*
Não me queixarei agora,
Pois que *Lysia* tem mais hoje,
Do que todo o mundo outr'ora;

Mas se *assignalados* são
Sómente em vender *pretinhos*,
Ou com braço heroico e forte
Pezar arroz e cominhos;

Soppezando, em vez de lança,
Outros, covados roubados,
Algibeiras derrotaram,
Em vez de campos armados;

E se outros, roubando ás claras
Nas moedas forte e fraca,
Mostram *perfido rabinho*
Entre as abas da casaca;

Se a londrinos usurarios
Outros pedem mil milhões,
Que a Nação fica devendo,
Mas que empolgam taes Barões;

Se outros, por crueis tributos
A patria sua empobrecem,
E entre as lagrimas da patria
A si mesmos se enriquecem...

Ó patria! os Monarchas teus
Acaso assim te empenharam,
Quando imperios defenderam,
Quando imperios conquistaram?...

Se prégando da igualdade,
Em quanto foram tendeiros,
Hoje apoiam juncto ao solio
Os reverendos trazeiros,

E d'aquella alta eminencia
Seus iguaes, os pequeninos,
Os mesmos grandes já olham
Sobranceiros e ferinos...

Digo então que vão lá ter-se
C'o grande author da *Pedreida*,
Que lhes faça outra *Odyssea*,
Ou lhes dedique outra *Eneida* ;

Esse altiloquo poeta,
O cantor das *dysent'rias*,
É só digno de elevar-se
A tão altas jerarchias.

A teu sublimado canto,
Vate eximio, *Martins Rua*,
Conquistaste a eternidade
Lá no alcaçar da commua ;

Alli, por matar a fome,
Que chamas — *magriça e lérda*,
Tu com todos teus heroes
Deves ir b.... da m....

Ou á celebre *famina*
Privada do gosto ameno
Ajunctar-te vai, roendo,
Qual jumento, verde *fêno.*

Para não cantar nem pio
De *Barôas* e Barões
Tenho dado ao mundo inteiro
As mais solidas razões.

Pois cantar armas, batalhas,
Isso é cousa em que não caio:
Se vejo pinta de sangue,
Logo me toma um desmaio.

Em tal caso só me restam,
O Camões nosso imitando,
As memorias gloriosas
Para em meu canto ir cantando.

Estas memorias serão
Do que vi, do que passei;
Se n'ellas podér dar gloria,
Só ás damas a darei;

Da morte as libertará
Meu canto por toda a parte,
Immortaes serão, se auxilios
Me prestar engenho e arte.

Já deixando a terra ingrata
Pelos mares vou metter-me,
Invocando a equorea *Tethys*,
Que benigna ha-de acolher-me.

Mas dirão sabios que deusa
Não foi *Tethys* da poesia,
Que invocal-a n'um poema
É tremenda *anomalia*.

A taes *zoilos* eu respondo,
Sem me dar grande cuidado;
Que estou co'as senhoras *Musas*
Solemnemente embirrado;

D'esta embirra n'outro canto
Darei razões tão cabaes,
Que metterei n'um chinélo
Gazetas minist'riaes.

Em Camões, Sá de Miranda,
Em Tolentino e Diniz,
Pereira, Garção, Macedo
Só se amestra o aprendiz;

A estes, ao Condestabre,
Á *poetisa do Ceu*,
A Bocage, aos grandes vates
Por Musas tomarei eu.

E se invoco a equorea Tethys,
É que d'ella mil favores
Tendo sempre recebido,
Vou pagar-lh'os em louvores.

Por agora mais cavaco
Não vos dou, nem cuido n'isso,
Criticos *Momos!* que applausos
Só das Damas eu cubiço.

Sexo amavel, cuja frente
Da belleza a c'rôa adorna,
O balsamo da indulgencia
Sobre meus versos entorna.

E vós, Senhoras, a offerta
D'uma sincera amizade
Acceitai, por gloria vossa,
Por vossa benignidade;

Que o tymbre de vosso escudo,
Ave insigne na brancura,
Mostra ser em vós igual
A nobreza co'a candura;

Tambem mostra em vossa estirpe
Qual gloria tem, qual ter deve,
Por aquelle heroe primeiro,
Que de CIRNE o nome teve.

Era indomito, invencivel
Nos combates sanguinosos,
Só d'Achilles foi vencido
Nos crueis braços nervosos;

Mas o deus, que o sêr lhe dera,
Que acabasse não soffreu,
E a gloria de não ter mancha,
De ser eterno lhe deu.

A vós pois palavra dei
De que uns versos comporia,
Mas de que fossem bons versos
Nem n'a dei, nem dar podia.

Ora então vou já contar-vos
Cousas mui de vosso gosto,
Cousas raras, e só dignas
Do plectro do grande *Ariosto*.

P.

Nas curvas, amenas praias,
Onde o *Leça* tem seu fim,
Eu sósinho passeava,
Dizendo só entre mim:

Que lindo, serêno dia,
Que mar chão, resplandecente!
Não commove tenue brisa
Os dominios do *tridente*.

Será bella occasião
    De fazer requerimento,
Para poder transitar
    Pelo liquido elemento.

O peior é não ter eu
    Procurador, nem letrado,
Que n'esta terra me faça
    Um papel tão delicado!

Que doutores cá não haja
    Não quero dizer com isto,
Mesmo a grande *borla* a muitos
    Na cabeça tenho visto;

Teu pae s'onra, t'onra e m'onra
    Foi no Concelho de *Bouça*
Que se ouviu, e ouviu tambem
    Deos o ouça, t'ouça e m'ouça;

E o sabio que expressões taes
    Muitas vezes proferia,
Estudava sempre meios
    De usar de *cacophonia;*

Porque no melhor soneto
    De Camões ouvido tinha,
Logo no verso primeiro,
    O celebrado — *Alma minha;*

E porque outro insigne vate,
Cujos versos tambem leu,
Disse, ao fallar n'um telhado:
Os ventos no cume-teu.

Então cheio de bom gosto
Exclamava, e com razão:
O fallar bem só consiste
Dos mestres na imitação!

Mas procurando este sabio,
Por mais que me cance e espere,
Todos por aqui me dizem
Que morreu de *miserére.*

Em tal caso a alguns banhistas
Doutores vou recorrer,
Porque tão ameno dia
Não n'o devo, em fim, perder.

Queiroz, *Queiroz*, bem podia
Teu benigno coração
Acudir-me n'este aperto,
Tirar-me d'esta afflicção;

Ou tu, galhardo mancebo,
Tu, sympathico *Carvalho*,
Mão me negues o serviço,
Para o qual de ti me valho:

E tu, Rodrigo *Garrett*,
Bem sabes quão rigoroso
É o dever que te força
A acudir-me pressuroso;

Vós sequer, *semidoutores*,
Bom *Cirne*, amavel ***Barrêto***,
Ajudai-me n'este empenho,
N'esta empreza que commêtto.

É proprio de taes talentos,
E da vossa habilidade,
O fazer-me a petição
Á neptunea divindade.

Ouvis-me vós?... não me ouvis?
Volvem horas, passa o dia:
Pois farei, como pudér,
O que aos Doutores pedia.

Illustrissimo Neptuno,
Diz um pobre pretendente
Que deseja ir vêr *Leixões*,
Como tem feito outra gente;

Mas como alli tem ficado
Alguns, por se erguer o mar,
O supplicante declara
Que não quer alli ficar.

Portanto, e os documentos
Numeros um, dous e tres,
Pede a Vossa Senhoria
Licença por esta vez.

Eis-me já sobre um penedo,
Invocando essas deidades,
Que enfrêam soberbas vagas
No furor das tempestades.

Sob'rana, formosa *Tethys*,
Vou rogar-vos um favor,
Diverso dos que exigia
Insolente *Adamastor*:

Um de vossos muitos servos
Eu peço que aqui mandeis,
Que ao grande ceruleo Jove
Apresente estes papeis.

Não é preciso, Senhora,
Que venha o veloz *Tritão*,
Nem *golfinhos*, ou *voadores*,
Nem mesmo algum *tubarão*;

Se correm no mar as causas
Como cá na terra vejo,
O melhor procurador
Será tardo caranguejo;

Informe o senhor escriba,
    E responda o delegado,
O juiz está doente,
    Mais dias pede o letrado.

Pois se o pingue e grão negocio
    Dá com orphãos, com viuva....
Então cahe-lhe de galfarros
    Tal quadrilha como a chuva;

Porque um inventario é mina
    De juiz e de escrivão,
Mas ficam viuva e orphãos
    Como *Sam Sebastião.*

Já do *Dedalo* intrincado
    A mais alto Tribunal
Sobe o processo, onde *Themis*
    Sustenta a balança igual;

Igual se brancos *polvilhos,*
    Que em poder excedem reis,
Não apolvilham de Themis
    A balança, espada e leis,

Que se apolvilham, tal dama,
    Apesar de muito inteira,
Já não vê c'os olhos ambos
    Mais que vê c'o da trazeira;

Então, pescando-a céguinha,
O general denodado
Dos pós, chega juncto ás cuias,
Em que lança um *rebuçado* :

Logo se inclina o fiel :
E até por crueis destinos
Entre as nuvens se evaporam
Os tinteiros *filippinos*.

Concedei-me pois, senhora,
Vosso excelso valimento,
Porque a *Annazes* e *Caiphazes*
Não vá meu requerimento.

Sêde tambem medianeira
Por que bom despacho dê
O potente rei dos mares :
E receberá mercê.

Palavras não eram dictas,
Quando observo juncto a mim
Vir surgindo ao lume d'agua
Grãa lagosta, ou lagostim.

Fiquei mettido n'um sino
De contente què fiquei ;
A grande lagosta é minha,
Pelas costas a apanhei !

Ávida mão já lhe lanço,
Já fortemente a seguro,
Fóra das aguas já vejo
Seu costado ruivo e duro.

Mas ai!... quando eu já cuidava
No molho que lhe faria,
Da mão me toma outra mão
Verdenegra, dura e fria....

Será peça da *Adriana*,
Ou da *Pisca* mangação?...
Alto lá.... não quero graças,
Nem mergulhos á traição.

Em quanto esta louca idéa
Os miollos me baralha,
A mão verde já me leva,
Como quem leva uma palha.

Sobre o mar ia dizendo
Com voz tremula e mesquinha:
Acaso julgaes que eu seja
A filha da *Ferreirinha*?...

Pois attesto desde já,
Digo com toda a certeza,
Que, por mais que me façaes,
Eu não quero ser *duqueza*.

E se quereis por justiça
Levar-me *depositado*,
Como outr'ora com meninas,
Hoje é c'os homens usado,

Declaro solemnemente,
Por não ser homem de enganos,
Que sou casado e com filhos,
Ha mais de trinta e um annos.

Sei, porém, que inda assim mesmo
Póde consummar-se a historia,
Se é que mora a minha noiva
Na parochia da *Victoria;*

Ha por lá quem case a gente
Sem proclamas, sem licenças;
Não é por mal, é sómente
Por evitar taes detenças.

Sem tal zanguinha de banhos
Por solteiro passarei,
E a velha, *que já deu vinha*,
Pela nova trocarei.

Mas dizei-me vós primeiro,
Senhor da mão verde e fria,
Se me daes noiva que more
Na abençoada freguezia.

E se em dar-me só mergulhos,
    Tendes gosto, ou levaes ganho,
Deixai-me ir sequer vestir
    O meu vestido de banho.

Ah! se eu me apanhava em casa,
    Protesto que o malandrino
Nunca mais tornava a ver-me
    Juncto ao lago neptunino.

A figura da mão verde
    Na esparrella não cahiu,
E quando eu dizia — banho —
    Entre as aguas me sumiu.

Banho, banho, ind'eu dizia,
    E os mares gargarejava,
Quando, como por encanto,
    Sobre *Leixões* já me achava.

Qual não foi então meu pasmo,
    Qual a minha admiração,
Quando vi que me levára
    O gigantesco *Tritão!!!*

Ricas perolas trajava,
    Varias conchas, mexilhões,
Emfim remetto o leitor
    Para o grão Padre Camões.

Mas direi que a grãa lagosta,
Com cujo môlho eu sonhára,
Era a grande casca d'ella,
Que o vate illustre pintára.

Mais attesto que em fazêl-o
Tão feio, pouca razão
Tinha o vate, sendo o joven
Trigueiro sim, feio não.

E, c'o devido respeito,
Direi tambem que Camões
Errou mais em não vestir-lhe
Sequer um par de calções.

Mais do que muitas senhoras
O joven composto estava,
Nem, como ellas, hombros, peito
Ante o publico assoalhava ;

Nem dorsal, nodosa espinha
Elle amostrava indecente,
Quasi até onde ella acaba,
Como as taes trazem patente ;

Porque a moda diz que quanto
Qualquer baile maior fôr,
Tanto mais uma senhora
Se deverá descompôr :

Se tal moda assim progride,
Cortando sempre nos fatos,
Só cubrirão mãos e pés
Com as luvas e çapatos ;

Porque occultam com cuidado
O que tal não exigia,
E descobrem sem rebuço
O que occulto estar devia.

Do ceruleo Jove o filho
Como absorto eu contemplava,
Elle brando, affavel rosto,
Franco, aberto me amostrava.

No mais alto picarôto,
Que da rocha é como embigo,
O veloz *Tritão* se assenta,
E me assenta alli comsigo.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

CANTO SEGUNDO.

Agora vou começar,
Como o grão cantor jucundo,
Por — *Conticuere omnes* —
Este meu canto segundo.

O peior é que a *Prosodia*,
E que o *Lexicon* me diz
Que não é lá muito exacta
Esta idêa tão feliz ;

Que o nome quer dizer — *todos* —
E que o verbo diz — *callaram* ;
Mas se alli só dous estavam,
Que é dos *todos* que escutaram ?

Logo então mais logico era,
Mesmo exacto no requinte,
Que quando um dos dous fallava
Um só tinha por ouvinte,

Nem c'o grande Padre *Eneas*
Me podia comparar,
Só se fosse no *alto assento*
D'onde havia de fallar;

Mas paridade de assentos
Em taes versos, quem me diz
Se ouvidos offenderia,
Ou talvez algum nariz?

Nada, nada, que antes fique
Este canto sem prefacio,
Que peccar contra os preceitos
Do *Genuense* e de *Horacio*.

Demais, nem na *Gati-cania*,
Nem dos *Burros* no poema,
Nem na *Sechia*, ou *Desertor*
Se começa por tal thema.

N'Henriade Travestie,
No *Hysope* e no *Lutrêm*,
Não pude achar *conticuere*,
Nem *omnes* achei tambem.

Pois, portanto, e o mais dos autos,
Pensa a minha cachimonia,
Que o melhor é proseguir,
Sem usar mais ceremonia.

Então, como ia contando,
Alli estava eu com Tritão,
Mas confesso qu'em algures
Não me cabia um feijão.

Quem, diz Tritão, te ensinou
A tractar com tal deidade?...
Tethys bella gostou muito
Da tua sinceridade;

Por isso me pediu logo
Que a Leixões te conduzisse,
Que cousas te perguntasse,
E cousas te referisse.

Muito erraste tu cuidando
Que n'esta grãa monarchia
As graças, premios, castigos
Se retardem dia, e dia.

Cá no mar se faz justiça
Sem demoras, vis enganos;
Entre vós do justo e injusto
Só decidem os *sob'ranos*.

É verdade que nós temos
Secretarios e empregados,
E da policia secreta
Os *pôlvos* encarregados,

Pé ante pé juncto ás praias,
Embuçados n'um capêllo,
Tudo observam, e em segredo
Ao Pae *Proteo* vão dizêl-o.

Os *nautilios* tambem temos
Na mesma repartição,
Estes entes admiraveis
De singular construcção;

Remos, vela sobre os mares
Dando ao zéphyro jucundo,
Quando querem n'um momento
Se despenham no profundo;

São navio e marinhagem,
São tambem remos e vela,
Prototypo que imitastes
Na construcção de náo bella.

Mexilhões denunciantes,
E *crocodillos* traidores,
Temos amphibios tambem
Tartarugas e *castores*.

Zoophytos semivivos
Que vos servem mais que a nós,
Hippopotamos robustos,
Que nos defendam de vós.

D'estes todos, e outros muitos
A multiplicada acção
Se emprega só por livrar-nos
De vossa atroz condição.

Entre nós *cetaceo* enorme,
Que milhões d'arenques traga,
Não maltracta a sua especie,
Os de sua especie affaga.

Mas vós, homens, entre forjas
De tributos, e de leis,
Uns a outros vos mataes,
Uns a outros vos comeis.

Uma nação fraudulenta,
Que flagella, ha muitos annos,
Quasi toda a humanidade
Por ardis, e por enganos,

Em tres *magicas palavras*
Descubriu meio seguro
De humilhar a Europa inteira
Ante o seu dominio duro;

Umas nações intimida,
C'o poder d'outras nações,
Em quanto ella a todas prende
Com asperrimos grilhões.

Pela França, Prussia, Hungria,
Por Austria, por toda a Allemanha,
Roma, Napoles, Sardenha,
E por Portugal e Hespanha,

Pelo imperio que foi vosso,
E pelo que foi de Iberia,
Aos furores das *Eumenides*
Os *tres dogmas* dão materia;

Elles são tres, ellas tres...
Cada uma o seu tomou,
E com vivo sangue humano
Na frente hórrida o estampou.

Capetos, *Bourbons*, *Braganças*,
Fredericos, *Habsburgos*,
Quer Britannia que cedaes
Vossos thronos a *Coburgos*.

Mas sabei, Principes nullos,
Que sómente reinareis,
Em quanto d'essa tyranna
Fordes escravos fieis;

Sabei que das tres palavras,
Que ella tem na férrea mão,
Tambem victimas sereis,
Como agora outras o são.

Esta nação, que ha-de ter
De *Carthago* a sorte crua,
Que o proprio mar cuida ser
De direito cousa sua,

Esquecendo que *Neptuno*
A maior frota do mundo
N'um momento anniquilou
Dos *Philippes* ao segundo,

Porque os Deuses se offenderam
Da temeraria ousadia
De chamar-lhe elle *invencibil*,
Sem saber se ella vencia...

Nação que faz dura guerra,
Guerra barbara, inclemente,
A outra para que trague
Um *veneno crú, vehemente...*

Por sorte que ha-de expirar
A triste nação chineza,
Ou a fogo, ou a venêno,
Só porque o quer a ingleza...

Horrivel alternativa,
Que não descubriram *Neros*,
Que jámais imaginaram
Os tyrannos mais severos!!!

Sustenta na Europa e America
Demagogica doutrina,
N'Asia, n'Africa, Oceania
É despotica e ferina.

Do sublime throno arroja
Soberanos paternaes,
E seu poder põe nas mãos
De famintos canibaes.

Tu Sicilia, tu Calabria,
Tu paiz napolitano,
Dos póros todos suado
Tens cem vezes sangue humano!

Porque as garras do *leopardo*
Te afferraràm duramente,
E seus dentes laniares
Te devoram ferozmente.

Não lhe bastava roubar-te
E aos heroicos Cavalleiros
A grande ilha, tão famosa
Por altos feitos guerreiros;

Elle te embebe no seio
O crú punhal da traição,
Não lhe bastam tuas carnes,
Quer tragar-te o coração.

Vós *Encelado* e *Vesuvio*,
Que cidades devoraes,
Porque contra o traidor féro,
Vossas iras não voltaes?...

Com mil turbilhões de fogo,
Que vomitaes das cratéras,
Destruí, comei do monstro
Curvas náos, frageis galéras.

E tu, Roma, se inda lembras
Teu *vulpino rei soberbo*,
Cabeças papaveraceas
Decepando mudo, acerbo;

Se inda lembras o feroz
Exicial Domiciano,
Esse *Tiberio* malvado
Esse crú *Diocleciano*,

Um *Caligula* querendo
Que tivesse o povo teu
Um só cóllo, que cortasse
D'um só golpe o alfange seu;

Que com a mesma indiff'rença
Teus *patricios* degolava
Com que as moscas no aposento
C'o ponteiro traspassava;

Se dos reis *godos* e *scytas*
Recordas inda a fereza....
Dize em qual achas parelha
Ás traições da gente ingleza!...

Vês *mentindo Lord Minto*
E conspirações tramando,
E a sordidos carniceiros
No palacio banqueteando;

D'este e d'outros elle astuto
Arma os braços homicidas,
E o Pae commum dos Fieis
Põe nas mãos dos parricidas.

Lá na cabeça, que assombra
Sempre exhalação *mephitica*,
Continuamente revolve
Do ladrão *Caco* a politica;

Quando observa qualquer povo
Pobre, afflicto e decadente,
Então vem roubar-lhe a fera
Os restos que lhe pressente;

Na mente fecunda em crimes,
Em malvadas invenções,
Descubriu ella o systema
Das taes indemnisações.

Nem sequer a lusa gente
Com ella tão generosa,
Em seu paroxismo poupa
A ladra, cruel raposa.

Se bem dado bofetão
Daes em futre embriagado,
Logo quer Britannia contos
Em dinheiro de contado;

Se gemendo, como o enfermo
Na agonia derradeira,
Por duas vezes expulsa
Vossa ilha da Madeira

Esse apostolo infernal,
Que repouso lhe não dava,
E população ignara
Toda protestantisava...

Logo vem ella extorquir-vos
Contos e contos de reis,
Porque *Kalley*, novo *Paulo*,
Ouvir, seguir não quereis.

Indemnisações por vinhos,
Que ha muitos annos bebeu,
Indemnisações de guerras,
Que fez por int'resse seu...

O que se fez, ou não fez,
Tudo quer pago a dinheiro,
Co'as razões que dava o *lobo*
Para tragar o cordeiro...

Pague a Europa o communismo,
Pague a India a tyrannia,
Pague a China a propria morte
Á envenenadora impía.

Pois tu outr'ora opulento,
Fertilissimo *Indostão*,
Exangue, espremido jazes
Na cruel, griphanha mão;

Teus *Nasins*, *Rajhas*, *Nababos*,
Teu mesmo luzente Sol,
São miserrimos escravos,
Mais escravo o Grão Mogol;

Nem um passo no seu paço
Póde dar este infeliz,
Que não vejam, não registem
Britannos archeiros vís;

Se intenta breve passeio
Fóra da estreita prisão,
Por passeiar novo roubo
Lhe faz a ladra nação;

Logo salvas, honras, tudo
O Mogol tem de pagar,
Vem um conto e quatrocentos
Cada passeio a custar;

Triste povo!... prata e ouro,
Poder, sangue, a féra atroz
Te rouba, e nem sequer deixa
Teu mesquinho e pobre arroz.

Lá nem falla, ou fallar deixa
Em Cartas, Constituições;
Cá da praga d'ellas usa
Imperios, reinos, nações.

Por vil int'resse um liberta,
Pelo mesmo, outro escravisa,
Quer no mundo os Cultos livres
Quando a *Hybernia* martyrisa.

Qual mãe carinhosa e terna
Que os filhinhos seus abraça,
Ella sé finge advogada
Da africana, escura raça;

Mas aos milhares que toma
Dos homens de negra côr,
Só presta o illusorio auxilio
De trocar-lhes o senhor.

E que allivio é o de não irem
Ás plagas americanas,
Se no *Tormentorio Cabo*
Vão ser victimas humanas?

Claro está que se a animasse
Sincera philantropia,
A dar liberdade aos negros
Os negreiros forçaria:

Não, não... que a feroz violencia
De sua mão rapaz, griphanha
Negreiros e não negreiros,
Brancos e negros apanha.

Hoje a grande força empenha
Em favor da meia lua;
Ora verás dentro em pouco
Como o *Crescente* mingúa.

Em que mãos, Sultão mesquinho,
Te entregou cruel deidade!
Cuidas acaso haver d'ellas
Venturosa liberdade?...

Em breve exp'rimentarás
Qual será mais excellente,
Se dominar-te a *Moscovia*,
Se dominar-te tal gente.

Mas porque hei-de buscar fastos
Em longes terras estranhas,
Se nenhuma mais que a vossa
Tem provado suas manhas?

Sabe ella que derramastes
Vosso sangue generoso,
Por conquistar vasto imperio
No Oriente luminoso;

Que por mares nunca arados
Passastes da *Taprobana*,
Que vossos heroicos feitos
Não abrange lingua humana;

Pois então se vossa alliada
Se chamava, e vossa amiga,
Em qual guerra foi comvosco,
Quer moderna, quer antiga?...

Só se foi quando os cruzados
Por alto valor guerreiro,
Ajudaram juncto ao Tejo
A *Affonso* em tudo primeiro.

Mas nem sequer tal soccorro
Britannia lhe concedeu,
A poucos cabos illustres
Elle sómente o deveu.

Porque então contra *Mahomet*
Se cruzava a Europa inteira,
Bem como hoje se descruza
Por seguir sua bandeira.

Nas tristes discordias vossas,
Que renovaes tantas vezes,
Sempre os vejo a par d'aquelles
Que são menos Portuguezes.

Taes discordias ella as forja
Para vos dilacerar;
Só do perfido turbante
Quer o estado conservar?...

Por ventura á integridade
D'essa heroica monarchia
Não tinheis melhor direito
Que tem á sua a Turquia?

Tinheis, tinheis, mas já era,
No occaso vosso poder,
Como ao imperio *bysantino*
Em pouco vai succeder.

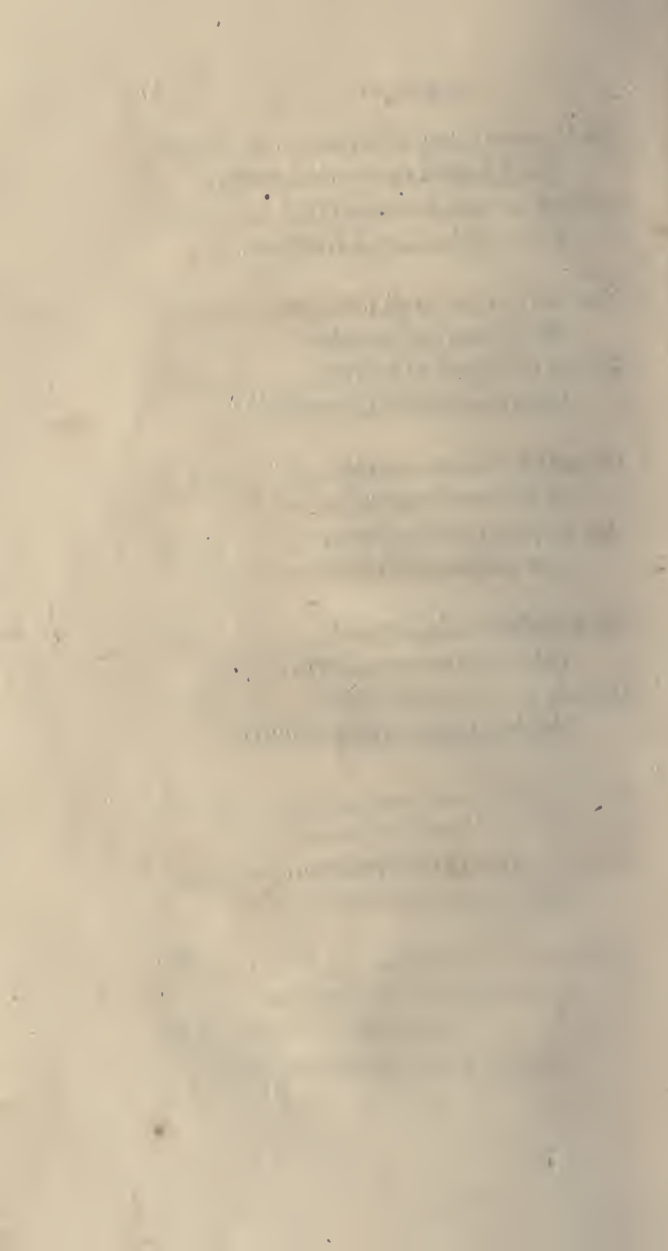
Mas já Proteo, que o futuro
A seus olhos tem presente,
Mil vezes me tem predicto
Qual sorte espera tal gente.

Qual a *torre* alta e soberba,
    Que intentou demencia insana,
Em que anciosa trabalhava
    Toda inteira a raça humana,

Mas que em pouco só prestava
    Duradouro documento
De que nada podem homens
    Contra o ethereo firmamento ;

Ou qual o colosso ingente
    De *Nabucodonosôr*,
Que pequeno seixo prostra,
    E se desfaz qual vapôr,

Tal o emblema do leopardo,
    Tal de seu poder a torre,
Quando a tocar mão celeste,
    Morde a terra, expira e morre.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

CANTO TERCEIRO.

Agora sim, vou pedir
Dos poetas ao grão Padre
Algum nobre pensamento,
Que ao terceiro canto quadre.

N'este canto põe na praia,
Que de Pylos juncto fica,
A *Telemaco* e *Nestôr*,
Que a Neptuno sacrifica.

Se Telemaco alli vejo
Por uma Deosa instruido,
Tambem eu sou por Tritão
Illustrado e conduzido;

Ou farei como Nestôr,
Já que o sou nos longos dias,
E que o filho de Neptuno
Me pôz n'estas penedias.

*

Que algum'hora dormitaes
Todos dizem, Padre *Homero*,
Pois dormide agora um pouco,
Em quanto roubar-vos quero.

Ricas joias d'ouro e prata,
Ou de fina pedraria,
Não pretende, ó Pae dos vates,
Pilhar-vos minha ousadia;

Vossas aureas expressões,
Pensamentos sublimados,
Isso sim, que isso tem feito
Os poetas mais honrados.

O peior é que, estudando
O vosso canto terceiro,
Se vou a querer roubal-o,
Dou co'as ventas n'um sedeiro!

Tudo tão sublime e bello
Na vossa Odyssêa vejo,
Que só de intentar roubal-a
Eu me côrro, eu tenho pejo.

Passai por lá muito bem,
Padre Homero, com saude,
Que sem vós irei forjando
Curto verso em pobre incude.

D'outra vez buscarei vates,
 Que sejam mais lé com lé,
Como dizem as pastoras,
 Quero fôrma do meu pé.

Continuarei pois meu canto
 Como Tritão continuava,
E ao ouvil-o todo o peito
 Fogo ardente me abrasava.

De tal nação, proseguia,
 Tambem cá no mar profundo,
Nos vem lamentaveis males,
 Como a vós lá sobre o mundo.

Pelas praias não tem vindo
 Britannas machinações,
Que as praias tem vigiadas
 Os pôlvos e os mexilhões:

Até porque, se em tal erro
 O Padre Proteo cahia,
De intendente da policia
 Neptuno o demittiria.

Mas o mal nos tem chegado
 Por gazetas e jornaes,
Que no alto mar se dispersam
 Em mil naufragios fataes;

Então de *Nerêo* as filhas
Com mãos ávidas, anciosas,
Tudo apanham, tudo espreitam
Quaes mulheres curiosas.

Já sonham com *magnas-cartas*,
Com mui legaes eleições,
Já cuidam ser deputadas,
E em tributos a milhões.

Umas pregam, quaes *Megeras*
Do *Times* acres doutrinas,
E contra o bom Pae Neptuno
Soltam fogosas *verrinas*.

Nos direitos da mulher
Outras scismam, sonham, fallam,
Mas os seus proprios deveres
Esquecem, despresam, calam.

Os projectos de tributos,
Mais tributos, e orçamento,
Outras cuidam presentar
Ao fechar-se o parlamento;

Outras mesmo elaboradas
Sobre idêas economicas
Já tem, que movem a riso
Por ineptas e por comicas.

Quer *Nesêa*, que em talentos
Brilha como o polar astro,
Que de praias, grutas, golfos
Se forme o grande cadastro.

Quer *Galene* que aos mortaes
Nenhum peixe seja dado
De graça, mas só por fructos
E outros objectos trocado;

Por exemplo: que as sardinhas,
Os cações e caranguejos
Se permutem por feijões,
Por uvas, chouriços, queijos.

Eione apoia o projecto,
Mas quer que mil commissões
Contem, um por um, chouriços,
Queijos, bagos e feijões;

A commissões devem ter
Presidentes, secretarios,
Amanuenses, continuos,
Empregados secundarios,

Portas-barreiras, vigias,
Chefes de repartição,
Pezadores, contadores
Para o queijo e para o grão;

Cada graeiro, ou baguinho
Um tributo pagará,
Que, começando por pouco,
Aos poucos se augmentará.

O chorrilho de empregados
O tributo ha-de empolgar,
E depois Britannia empresta
O dinheiro que faltar,

Britannia, que acode aos povos
Com caridade e lisura,
E não practicou jámais
A violencia, nem a usura.

Lembra *Tyro* que *elephantes*
Se acceitem pelas *balêas*,
As *girafas* por *chalés*,
Gallinholas por lamprêas,

As aboboras por *sapos*,
Peixe agulha por pepino,
O bacalhau por batata,
Cavallas por dôce fino.

Mas pague, e repague á entrada
Da terra todo o producto,
E quanto sahir dos mares
Dê tambem grosso tributo.

Pherusa tem preparada
Tremenda interpellação,
Com que os ministros da c'rôa
Porá na mór confusão;

Porque tudo o que se come,
Tributos tem de pagar,
E não ha-de haver tributos
Para quanto se c..gar?...

Por isso não chega a somma
Para o serviço do Estado,
Que entisíca o Secretario,
Mesmo o Par e o Deputado.

Pois atrazar ordenados
É mesmo grave desdouro
A quem nas secretarias
Trabalha mais do que um mouro;

De borrar muito papel
Deve bem pagar-se a obra,
Para animar um trabalho
Em que a gloria, o lucro sobra;

Tanto papel cada dia,
Centos d'homens a escrevêl-o,
Deve chegar dentro em pouco
A tocar o sete-estrêllo,

Depois, trepando, a tal monte,
Sem que alguem possa estorval-o,
Cada uma no seu astro
Ficaremos a cavallo.

Então Neptuno humilhado,
Esse rei tyranno e cru,
Só do mar ha-de enxergar-nos
O sonoro olho do c...

Na grande reunião
Muito *apoiado* soou,
Mas a Presidente *Agave*
Tanto barulho estranhou.

Na lagea triangular,
Que servia de bofête,
Tres pancadas deu com força
C'um desmedido *malhête*;

Quereis, Senhoras, diz ella,
Que por gritos imprudentes
Saiba o tyranno, do fóco
De luzes resplandecentes?...

Ora, d'aqui por diante
Por *innata* authoridade
Prohibo taes *apoiados*
Em nome da liberdade.

D'ora avante os apoiados
Silenciosos hão-de ser,
Para o que, cestos de poios
Cada uma ha-de trazer;

Então quando a algum projecto
Quizerem dar seu apoio,
Virão pôr sobre esta mesa
Um maior, ou menor poio;

E quando fôr tão geral
A apoiação, como estas,
Sobre a mesa vasarão
Dos poios todas as cestas.

Então *Pronoe*, que em talentos
As mais todas excedia,
Á sensata Presidente
D'esta sorte respondia:

Senhora, por esta vez
Prevenidas não estamos;
Mas para que conheçaes
Quanto a vós mesma apoiamos,

Aqui vos deixo este poio,
Com todo o meu coração,
Só tendes a perdoar
A minha limitação.

Então sobre a pedra lança
    Uma tamanha larada,
Que assemblea e presidente
    Deixou atemorisada.

Após esta as outras todas
    Começaram de puxar,
E pôde a grãa maioria
    A Presidente apoiar.

Por aqui forma juizo
    Da loucura e da demencia,
Com que intentam derribar
    Do grão Neptuno a potencia.

Mas que grande hypocrisia,
    Que profundos fingimentos
Não empregam, por cubrirem
    Os seus damnados intentos!

Ante o Padre soberano,
    Que domina as tempestades,
Respeitosas se apresentam,
    Fingem muitas humildades,

Ao passo que n'alma abrigam,
    Com nefanda ingratidão,
Os principios da revolta,
    Da impiedade e da traição.

Ah! não ha-de consentir
A celeste jerarchia,
Que tenha cabal triumpho
Esta raça infrêne, impía!...

Ora vou inda contar-te,
Antes de tocar meu fim,
Como nós tudo sabemos,
Tudo tim tim, por tim tim.

Lá onde a *neptunea prole*
Primeiramente reinou,
E memoria sempiterna
Do illustre nome deixou,

Vão as nymphas reunir-se
Sempre em noite feia, obscura,
Porque a ilha sobre os mares
Um *triangulo* figura.

Entre os penedos que a bordam
Antro escuro, submarino,
Ha tempos que descubriu
Certo pôlvo esperto e fino.

N'umas abras dos penedos
Se esconde muito alapado,
E do que ouve e vê dá parte
A Protêo com grão cuidado.

Sobre um'ara tachonada
De *torquezas* sobre *opálo*,
Alli se acha a mesma pedra
Que adorava *Heliogabálo.*

O opálo imitando as nuvens,
E sobre elle as pedras raras,
O firmamento simulam
Co'as estrellas azues claras.

Tambem se acha uma *colmêa*
Do negro marmor a um lado,
Está d'outro uma *amasona*
C'o dextro peito queimado;

De *stalactites* são feitas
Taes figuras parabolicas;
Tudo adornam *nenuphares*
Com suas côres symbolicas.

O pavimento é juncado
Dos lindos *busios chinezes*,
Imitando regias c'rôas,
Que ellas pisam muitas vezes.

Facilmente em tudo vimos
Clara significação,
Só p'ra o cónico penedo
Não se achava uma razão.

Quando o pôlvo esperto e fino,
Que d'olho algumas trazia,
As pescou prestando cultos
Á pedra informe n'um dia.

Uma d'ellas mais demente,
Mais louca que as outras loucas,
As conduzia a adorar
A pedra, poucas a poucas.

Mil precauções, mil espadas,
Vigilantes e *Terriveis*,
Tudo alli se via, e ouviam
Mil juramentos horriveis.

Mas o que era a pedra informe,
De quem figurava o busto
Só, como disse, o pescou
O bom pôlvo a muito custo;

Porque o torpe Imperador,
Que a pedra outr'ora adorou,
Nem sabia, e mal dizia
O que n'ella imaginou.

Agora pasmarás tu
Ao saber porque queriam
Idolatrar esta pedra,
Que beijavam, e que ungiam:

N'uma noite o pôlvo as ouve
Murmurando — *balo* — *zini*...
A mais louca disse claro —
Heliogabalo e *Mazzini*.

Então ficou decifrado
O mysterio original
Da negra pedra phenicia,
Nomeada — Elagabal;

A similhança do nome
C'o nome do Imperador,
O ter elle despojado
Os Templos em seu favor,

O ser deos creatura sua,
Casado á sua vontade,
Co' a bella, punica estatua
Da *triforme divindade*,

E sobre isto tudo o facto
De ser o principe indino
O primeiro que creou
Um senado feminino,

Senado que inda tractava
Objectos mais importantes,
Do que aquelles que hoje tractam
Assembleas similhantes;

Pois não póde duvidar-se
De que os córneos pentes pretos,
Caracóes, ou cús postiços
Valem mais que alguns projectos;

Tudo juncto despertou
N'estas nymphas tal paixão,
Que do louco amor passaram
A formal adoração.

Ao monstro que toda a Italia
Com furor cruel devasta,
Louco amor tambem consagram,
Porém amor d'outra casta.

Não só querem copiar
Suas acções horrorosas,
Mas tambem todas a um tempo
Querem ser suas esposas.

Aqui chegava Tritão,
E eu pasmado, mudo e quedo,
Na eminencia figurava
Do penedo outro penedo.

O meu pasmo interrompeu,
E a Tritão que inda fallava,
Um nautilio, que da parte
Da terra se approximava.

Navegava a meio panno,
Outras vezes se sumia,
Até que em fim pela rocha
Onde estavamos subia.

Parecia vir queixoso,
Gravemente molestado;
Não sei que lhe disse o joven
Com semblante magoado.

Tambem do triste nautilio
Não chegava a meus ouvidos
Algum som dos que na terra
São dos homens conhecidos.

Verdade é que outr'ora ao estudo
Das linguas me dediquei,
E cheguei mesmo a entender
Uma pêga que ensinei;

Tambem pesco alguma cousa
Da lingua do papagaio,
Sei da letra, sei do canto
Do bom *rouxinol de Maio.*

Porém na lingua dos peixes
Eu confesso ingenuamente,
Que minha crassa ignorancia
Jámais pôde metter dente.

Isto mesmo confessei
Com franca sinceridade
A Tritão, que respondeu
Com real affab'lidade:

O nautilio, que tu vês
Maltractado por tal arte,
Um servo meu fiel é
Que trago por toda a parte.

Ora em quanto eu fui buscar-te,
E que comtigo aqui estava,
Eu lhe mandei que observasse
A gente que se banhava.

Sobre tudo elle notou
Que nos mares vinha entrando
Um *janota*, que charuto
Pasmoso vinha fumando.

Cuidou elle (pouco esperto)
Que seria alguma canna
Das enormes que produzem
Vastos campos de *Guiana*.

Que chupassem canna dôce,
Era assaz mais razoavel
Do que encherem bôca e peito
De fedôr abominavel;

De fumo só proveitoso,
Só digno de ser tomado
Pela parte onde se injecta
N'um cadaver *asphyxiado;*

Mas se de taes cheiros gostam,
Por barato e bom reputo,
Que em tal parte as ventas cravem
Os amigos do charuto.

O caso foi que o janota,
Por alguem reprehendido,
Pelos mares atirou
Co' enorme trôço acendido;

Por desgraça do nautilio,
Sobr'elle o tição cahiu,
Queimou vella, crestou remos,
Por pouco o não consumiu.

Mas inda teve a fortuna
De escapar a tal perigo,
Por morar d'alli mui perto
Um mexilhão seu amigo.

N'uma rocha, ha muitos lustros,
Que escapa por mui matreiro
De ser no Porto acclamado
Como *mexilhão d'Aveiro.*

De todos é visitado,
Este velho mexilhão,
Tão vèlho, qu'inda se lembra
Das guerras do *Roussilhão.*

Pinta as chapadas dragonas
Chapellinho ás tres pancadas,
Dos heroes no rabo couces,
Porém no braço granadas.

Assim que toda abrazada
Elle vê do amigo a lata,
De lagrimas compassivas
Se torna em pura cascata.

Os muitos servos que tem,
Porque muito rico é,
Põe tudo em papos d'aranha,
Anda tudo n'um só pé.

Os miollos de balêa,
E manteiga de cacau
Elle dissolve nos oleos
De minhoca e bacalhau.

Em quanto as feridas unge,
O amigo vai consolando
Co'as queixas, que dos fumantes
E charutos vai formando.

Saberás, nautilio caro,
Que o Doutor de mão furada,
Que n'esse estado te pôz,
É de grande nomeada.

Alguns dotes sei que tem
De bom môço, bom 'studante,
Porém lá quanto ao charuto
É refinado tratante.

Em mestre dos cigarristas
Até se quer arvorar;
Quer dar á luz a *prosodia*
Dos mil modos de fumar;

Compõe mesmo um novo methodo,
Para os que entram na carreira,
Mais erudito e completo
Que o do Padre Antonio P'reira.

José da Cunha e Lacerda
Já tem d'elle a idéa fixa
De encher de folha um lambique
E fumarem pela bixa;

Para o bom Diogo fez,
Por invenção mui feliz,
Uma machina engenhosa,
Composta de dous funís,

Esta machina nos cantos
    Da bôca se ha-de encaixar,
E ora fumo, ora comida
    Pelos bicos alternar,

Porque ouviu que o bom Diogo
    Se relava e se moía
Por não poder charutar,
    Quando comia e bebia;

Ao nobre Almeida, e outros mais
    Imbutiu tambem na idéa
Mandarem fazer cigarros
    Da extensão de legua e meia.

Promettem-lhe os do Contracto
    Ser Barão *Nicotiano*,
Se arranjar que os peixes fumem
    Todos no prazo d'um anno;

E por isso fuma sempre,
    Quando ao mar se vem banhar,
Fumantes charutos lança
    Pelas ondas sem cessar.

Ora pois, nautilio amigo,
    Teu amo bem perto está,
Vai contar-lhe tudo logo,
    Qu'elle te despicará.

Aqui tens o que o nautilio
Acaba de relatar-me;
Agora pois te asseguro
Que de tudo hei-de vingar-me.

Pela *Estyge* agora juro,
E juro á fé de Tritão,
Que o *Dias* hão-de almoçar
Jacaré ou tubarão;

E se aqui vier, será,
Depois de manietado,
N'uma *pyra* de charutos
Aos nautilios immolado.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

CANTO QUARTO.

O' gloria da illustre Italia,
Tasso amante apaixonado,
Bem podias tu valer-me,
Pois me vês desamparado;

Não sei n'este quarto canto
Por ond'heide começar,
Nem sequer sei como pude
Tres cantos alinhavar;

Bem vês tu que estas senhoras,
Que préso, que me são caras,
N'este assado me metteram,
Ou camisa d'onze varas.

Ora, se tu me ajudares,
Da camisa sahirei,
Senão fico o general,
Que dizia — *não cuidei.*

Irei, pois, no canto teu,
Que corresponde com este,
Com respeito procurar
Muita cousa que me preste.

Canto quarto... canto quarto...
Bravo, bravo! muito bem;
Isto sim, que é fazer versos,
Como não n'os faz ninguem.

Meus senhores, paciencia,
Não me podeis criticar,
Porque este bello começo
Ao grão Tasso o fui buscar.

Mas abaixo d'este ponto
Não sei como hei-de fazer,
Porque o Tasso aqui começa
O grão démo a descrever.

Chammejantes olhos pinta
Nas orbitas revolvendo,
E os blasphemos, negros beiços
C'os negros dentes mordendo.

Isto será precioso
Para tantos cavalheiros,
Que sempre na bôca tem
Os diabos aos milheiros;

Porém como estes meus versos
Ás damas são dedicados,
É provavel que não gostem
Dos taes démos chamuscados.

Por isto tambem me vejo
Na triste necessidade
De abandonar do grão Tasso
A rica sublimidade.

A casa do meu visinho
Fui pedir, envergonhei-me;
Voltei para minha casa
Bem ou mal remediei-me.

Já nas ultimas palavras,
Que Tritão me dirigia,
Sensivel inquietação
No seu rosto transluzia.

Em breve tempo, umas ondas
Começamos de observar,
Branqueando no horisonte
A superficie do mar;

Após estas, outras vagas
Maiores se alevantavam,
E por fim como em montanhas
Os mares se transformavam.

Caso estranho, diz Tritão,
Singular entre os primeiros,
Que assim veja o mar irado,
Sem ventos, sem nevoeiros!...

Se outr'ora meu régio Padre
Contra *Eólo* se indignou,
Porque as vagas do Tyrrhêno
Contra Enêas sublevou,

Quem poderá vêr agora
Suas iras, seu furor,
Na presença d'este crime,
Mais atroz, muito peior?...

Mas de tamanho attentado
Quaes os cumplices serão?...
Esmagal-os vai meu braço,
Sepultal-os minha mão...

Então com semblante estranho,
Com medonho aspecto irado,
Põe á bôca o busio enorme
Que tinha sempre empunhado.

Espantoso, horrivel som
Pelas vagas retumbou:
Que faria nos ouvidos
De quem tão perto o escutou?

Antes eu quizera estar
Juncto de *Paulo Cordeiro*,
Ou mesmo em *Sebastopol*
N'esse ataque derradeiro...

Martello, *bigorna*, *estribo*,
Ossinho lenticular,
O *timpano* e as membranas
Do apparelho auricular,

Tudo se desconjunctou,
Ficou tudo n'um pastel,
Mas inda mais me aterrava
Do mar a furia cruel.

Então se arroja o mancebo
Entre as vagas espumosas,
Eu debalde entrego aos ventos
Minhas queixas lastimosas.

As ondas já me lambiam
No picaroto elevado
Já por cautela me achava
C'o picaroto abraçado.

Os ceos, a terra, a mim proprio
Em minha angustia accusava,
E meu fim tragico e duro
D'esta sorte deplorava:

Que demencia foi a minha,
E que triste hora ominosa,
Quando desejei sahir
D'onde passeia a raposa!...

Pois agora os devaneios
De minha cabeça fraca,
Pago com lingua de palmo,
Morro de morte macaca!

Se ao menos, como *Cajeta*,
Eu visse que ia acabar,
Dando fama e nome eterno
A algumas praias do mar...

Mas não, que a soberba Tethys
Vai lançar-me nú e obscuro
Por arêas sós e ignotas,
Como fez a *Palinuro*,

Talvez nem queira me tragué
Balêa ou *chalé* graúdo,
Mas que em mim vá debicando
Sardinha e peixe miúdo;

Manteado qual foi *Pança*,
Inchado como um repolho,
Uma sôlha come um dêdo,
Um chicharro chucha um olho...

E que tal é a menina,
Que á minha sinceridade
Dava aprêço?... ella se ria
Da minha brutalidade.

E que devo então dizer
Do tal senhor Tritãosinho?...
Comigo de mano a mano,
Depois deixar-me sósinho!

Antes que onda *decumana*
Me arraste aos profundos pégos,
Vou despicar-me tractando-os
Como a sordidos gallegos.

Senhor Tritão, bellas nymphas,
E vós mesmo, ó Tethys dura,
Parti todas sem demora
Para a terra da fartura...

E se não quizerdes ir,
Eu a Jupiter supplico
Que p'ra vós converta os mares
Em conteúdos de penico.

Grão portento observo então,
Que jamais succederia,
Socegar-se o mar n'um ponto
Em volta da penedia.

N'este espaço bonançoso
Vejo surgir de repente
De delphins uma parelha,
Arreada ricamente;

Par'ciam como vaidosos
Do pêso por que puxavam,
E como náos alterosas
Sobre o mar ambos *arfavam;*

Após elles tambem surge
Concha enorme de mil côres,
Contendo formosa dama,
Mais formosa que os amôres.

Como extatico fiquei,
Ao vêr tamanha belleza,
Pareceu-me que os penedos
Perdiam sua dureza.

Seguiam-n'a quatro nymphas,
Sobr'outros delphins montadas,
Menos graves do que a dama,
Vinham rindo ás gargalhadas.

Milhões de animaes marinhos
Grande sequito formavam,
E c'os olhos fóra d'agua
Tanta belleza admiravam.

De seu coche a gentil dama
Nos penedos se apeou,
E cada uma das quatro
O seu exemplo imitou.

Alguns animaes amphibios
Ás damas se adiantaram,
E de esponjas, brandas algas
Varios assentos formaram.

Alcione em torno á deusa
C'o consorte vem voando,
De terno amor conjugal
Bello exemplo aos homens dando.

Tambem nos ares suspenso
De *Hesperie* infeliz amante
Com pandas azas a guarda
Do planeta rutilante.

Mas era tal a grandeza
D'estas aves que voavam,
Que eu julguei serem *condóres*
Que nas pennas se pairavam.

A princeza foi sentar-se
No assento mais alto e brando,
A seus lados as taes nymphas,
Sempre rindo e galhofando.

Em mim, que estava qual pito,
Ou qual bacalháo de môlho,
Par'cia não attentarem
Senão c'o rabo do ôlho;

Eu porém no alto penêdo
Meus males quasi esquecia,
Ao vêr tantas maravilhas,
Como juncto de mim via.

Mas quando vejo surgirem
Muitas *phocas* temerosas,
Co'as bôcas escancaradas
Dando vozes espantosas,

Um tal susto me tomou,
E por tal sorte fiquei,
Que pelas calças abaixo
Todo, todo me alaguei;

A torrente foi tamanha,
Puro effeito do meu mêdo,
Que foi molhar um'Alcione,
Que era juncto do penedo;

As pennas sacode, e corre
C'o bico agudo e cumprido,
Do licôr, que, por ser quente,
Lhe era mui desconhecido.

As quatro finórias damas,
Que pitada não perdiam,
Claramente viram tudo,
E a bom rir, de mim se riam.

A mais cachôrra e damninha
A deusa acotovellou,
E o meu lamentavel caso
Cochichando lhe contou;

Esta então não pôde mais
Sustentar a gravidade,
Como quem não quer a cousa,
Já se ria de vontade.

O peior foi que a cachôrra,
Qu'á sua conta me tomou,
Para certa phóca enorme
Um dos olhos empiscou;

O monstro p'ra o meu penêdo
De vagar se vem roçando,
E por fim mostra querer
Ao penedo vir trepando;

O tino perdi de todo,
Como o fiz nem sequer sei,
Sei que pela parte opposta
Do penedo me mirrei.

Ouço então que a tal cachorra,
Ladina mui disfarçada,
Em voz alta por mim chama,
Porém voz alambicada:

Venha cá, senhor brutinho,
Foi preciso que eu mandasse
Uma phoca p'ra ensinar-lhe
A politica que usasse?...

Aqui chega uma rainha,
E o senhor, muito apoiado,
Lá se fica no penedo,
Nem que fosse um deputado?...

Venha já lançar-se aos pés
D'esta sua protectora,
Aliás no papo á phoca
Vai chiar já n'esta hora.

Que remedio?... vou andando,
Por minha triste mofina,
Porém c'um olho na phoca,
Outro na tal malandrina.

Chegando aos pés da rainha,
Reverente ajoelhei,
E todo assaralhopado,
D'esta sorte lhe fallei:

Certamente, alta senhora,
Não sois mortal creatura,
Que mortaes nunca tiveram
Similhante formosura.

Se a belleza peregrina,
Que brilha no vosso rosto,
Tem os deuses soberanos
Na voss'alma tambem posto,

Em tal caso, ó grãa rainha,
A graça que pediria,
Seria que me dissesseis
Vosso nome e jerarchia.

Sou Tethys, me respondeu,
Com voz tão branda e tocante,
Que não sei qual mais tocava
Se a voz, se o gentil semblante.

Grande foi, replico eu logo,
A minha desattenção
Em desconfiar de vós,
De voss'alta protecção;

Mas, sabendo quem vós sois,
Meu perdão julgo seguro,
Porque dentro do meu peito
Vêdes um coração puro;

E tambem porque mais quadra
Ás mais altas personagens
Perdoar, conceder graças,
Que receber homenagens.

E pois que mostraes gostar
Da minha sinceridade,
Permitti-me que vos diga
Uma patente verdade:

Vós fostes, senhora, injusta,
Castigando *Adamastôr*,
Pois não é possivel vêr-vos
Sem vos consagrar amôr;

Por quem sois, não vos mostreis
Da terra aos habitadores,
Porque então fareis de todos
Immoveis Adamastôres.

Aos labios da gentil deusa
Assomou grave sorriso;
Mas a tal dama das duzias
Pareceu perder o siso;

Em mui claro portuguez
Começou muito lampeira
A dizer muita tolice,
A vomitar muita asneira:

E que tal é o velhinho
De cabellos como a neve,
Que a dizer finezas taes,
Têzo e crespo, inda se attreve?...

Não pôde ter mão nas aguas
Inda ha pouco, por caduco;
Ei-lo rasgando baêtas,
Como um *janota* maluco!...

Por diante proseguia,
Quando logo a interrompí,
Dizendo — que vos fiz eu,
Em que foi que delinquí?

Para quando eu vos disser
A vós a menor fineza,
Será melhor que guardeis
Tanto melindre e esperteza...

Quando acaso vós pizaes
O rabinho de uma bixa,
Ou que o rabinho arrancaes
Do sardão, da lagartixa,

Tubulosos dentes mostra,
Quer morder seu aggressor,
Com mil contorsões, mil silvos
Dá signaes de sua dôr;

Tal a nympha me lançou
Rubros olhos de *goraz*,
E por entre os dentes disse:
Inda tu m'as pagarás!...

Fingindo não perceber,
Fui de Tethys inquirindo
Que nymphas eram aquellas
Que com ella tinham vindo.

Respondeu: *Scylla*, *Centauro*,
Veloz *Pristis*, grãa *Chimera*,
São estas nymphas, que foram
Náos de Enèas, n'outra era.

Em mim não pude ter mão,
Como um pimentão me fiz,
E fui respondendo á deusa,
Co'a mostarda no nariz:

Por essas contas, senhora,
Quem tem mais de dous mil annos,
Como póde chamar velho
Ao mais velho dos humanos?

Pristis foi féra marinha,
Uma sérpe, ou jacaré;
E agora, se eu sou caduco,
Ella muito mais o é.

Delicados comprimentos
Um ao outro vos dizeis!
Diz Tethys, mas por agora
Ordeno que vos caleis;

Vossos dictos me divertem:
Mas olha, Pristis, bem vês,
Tão brutinho não é elle,
Como tu dizes e crês.

A ti, mortal, porque humilde
Imploraste o meu poder,
Sobre as graças que te fiz,
Outras te hei-de conceder.

Mas de ti quero o serviço,
Que não poderás negar-me,
De varias cousas da terra
Sinceramente informar-me.

Principalmente das cousas,
Que vão nas visinhas praias,
Que assim pelas outras todas
Temos nossas atalaias;

Assim juncto do *mar branco*,
Do *vermelho* e *glacial*,
Do *caspio*, *baltico* e *morto*,
Do *negro*, do *oriental*,

Nós temos informadores:
Mesmo agora no d'*Asoff*
Acceitou tal commissão
O principe *Menschikoff*.

E para melhor dispôr-te
A taes fins, a taes objectos,
As linguas do mar te outorgo,
Com todos os seus dialectos.

FIM DO CANTO QUARTO.

CANTO QUINTO.

Ha muito c'os meus botões
Que ando sempre a conversar
N'um ponto d'alta importancia,
Que me faz parafusar:

Se as doutas, peritas Musas,
Invocam todos os vates,
Como em versos vêmos postos
Tão pasmosos disparates?

Talvez será porque ás damas
Delicadas, melindrosas
Cumpre serem mais que as outras
Dorminhocas, preguiçosas.

No paiz da *Papimania*,
Que descreve Lafontene,
Alguma quinta terão,
Porque deixam a Hippocrene;

Longos somnos lá se dormem,
Qu'elle jurava dormir:
Ha muito que eu lá me achava,
Se soubesse por onde ir.

N'esta hypothese provavel,
Fica então só no *Parnaso*
Despachando as petições
O bom cavallo *Pegaso;*

Os pobres vates então
Teem a desgraça fatal
De recēberem na mente
Influencia burrical;

São filhos d'esta influencia
Os sonetos, as poesias,
Que larga largo *buraco*
No theatro em certos dias,

Mas que no dia seguinte
Servem de purificar
Outro buraco menor,
Que dizem convém limpar.

Ovações de *primas donas*,
C'rôas d'ouro, e mais loucuras,
São tambem filhas castiças
Do animal das ferraduras.

São das Musas os mimosos
Garrett, *Mendes*, *Lemos*, *Cunha*,
Camillo, *Palha*, *Bandeira*,....
Outros são vates de alcunha.

Julgo pois que em *Papimania*
Quasi sempre estão dormindo
As Musas, pois são tão raros
Os que as encontram no Pindo.

Logo então fica provado,
Por demonstrações geometricas,
Que eu não devia arriscar-me
Ás taes influencias tetricas.

Por isto, tendo de expôr
Objectos tão scientificos,
Julguei melhor invocar
Antigos vates magnificos.

E certo fico de que
Os melhores mathematicos,
Observando estes meus calculos,
Hão-de ficar como extaticos.

Hão-de ficar... e patentes
Aos maiores sabichões
De minha embirra co'as Musas
As inconcussas razões.

Destapado o escuro arcano,
Cumprida fica a promessa,
Que vos fiz, ó sabios, quando
Vos fallei sómente á *pressa;*

Agora só me cahiu
A talho de fouce o caso,
Não tem senão perdoar,
Meus senhores, este atrazo.

Vem pois, ó fertil *Ariosto*,
Annuindo ao meu systema,
Dar-me de um dos cantos teus
Para o meu quinto um bom thêma.

O teu quinto não me serve,
É do sexto que mais gosto;
Aqui sim, que vou brilhar
Com tua luz, ó grand'Ariosto.

Que moral sublime e pura,
Que moral tão verdadeira,
Com respeito vejo, aprendo
Na tua *oitava primeira!*

Envolvidos mil dictames
D'esta moral, a que assinto,
Prescrutam sabios, encontram
De enredos no labyrinto.

Mas que desgraça esta minha,
De que jamais me liberto!
Por mais que de burros fuja,
Topar com elles é certo.

Ora no canto d'Ariosto,
De que hoje valer-me quero,
Um logar brilhante occupa
O *hyppogrypho* de Rugero;

Mas hyppogrypho e Pegaso
São legitimos burrinhos:
Terei sempre a triste sina
De em burros dar c'os focinhos?

D'isto sinto a maior mágoa
Por ser cousa mui constante,
Que o similhante se chega
A outro seu similhante.

Logo então, porque ás más linguas
D'este mundo não dê pasto,
D'um e d'outro dos taes burros
Com muita pressa me affasto.

E proseguirei meu canto
Sósinho e desamparado,
Que mais vale andar sósinho,
Do que mal acompanhado.

Ante a deusa ajoelhado
Ind'eu estava, confundido,
Recebendo o dom de linguas,
Que me fôra concedido;

E conhecendo ella então,
Benigna e judiciosa,
Ser tal posição violenta
E por extremo penosa,

A nympha que n'outras eras
Já *Chelone* se chamou,
E que em feio e duro amphibio
Cruel poder transformou,

Por uma das outras nymphas
Para alli manda chegar,
E sobre o seu liso dorso
Juncto a si me faz sentar.

Logo depois continuou
Com sua voz carinhosa,
Inquirindo varias cousas
De sabêl-as anciosa.

Sem dar-me tempo á resposta
Succediam-se as perguntas,
Por sorte que tinha a dar-lhe
As respostas todas junctas.

Qualidades, modas, nomes,
Costumes, divertimentos,
Indoles e caracteres,
Genios brandos, ou violentos,

Das damas, que n'estas praias
Se costumam vir banhar,
Tudo ella saber queria,
Queria tudo indagar.

Vendo eu pois que tal conversa,
Teria largas demoras,
E que o pobre ventre meu
Já me estava dando horas,

Á deusa fiz meus queixumes,
Co'a mais profunda humildade,
Por sentir que me acabava
Extrema debilidade:

Mil cousas, alta senhora,
Vós de mim saber quereis,
E do que tenho a contar-vos
Cuido vos contentareis;

Mas para tão graves casos
Ordenar, para dizêl-os,
Aqui terei de fallar
Por ambos os cotovêllos.

No entanto, sabereis vós
Que fico como um basbaque,
Porque estou sentindo effeitos
De incuravel, grande achaque;

Se não comer por tres vezes
Pelo menos cada dia,
Já cuido que vem rapar-me
Da cruel *Parca* a mão fria;

Prefiro o ter pouco siso
A ter a barriga em vão;
Sôffro o vacuo na cabeça,
Porém no estomago não;

Muito mais quando hoje mesmo,
Por mofina sorte minha,
Trabalhos taes hei passado,
Que estou mesmo já na espinha.

E portanto, bem podeis
Conceder-me, como peço,
Que chegue a casa a curar-me
D'este achaque que padeço;

E pois que vós me haveis feito
Quasi um semideus do mar,
Pela *Estyge* tambem juro
Qu'hei-de em breve aqui voltar.

As minhas ingenuas queixas
Mal eu tinha rematadas,
Quando as quatro nymphas soltam
Descompostas gargalhadas.

Não podendo eu supportal-as,
Disse a Tethys mui severo:
Eu não posso mais calar-me,
Por mais que calar-me quero.

Pois se Jove omnipotente
C'os mais deuses á porfia
Lá no Olympo se abarrotam
De bom *nectar* e *ambrosia*,

Se anda sempre o senhor *Baccho*
Pelas tascas e tabernas,
Quereis que eu falle, soffrendo
Da fome angustias internas?...

Ninguem melhor que as senhoras
Sabe que o grão Padre *Enêas*
Não conversou muito a *Dido*
Sem ter as tripas bem chêas;

Nem de minha patria as glorias
Contou *Gama* valeroso,
Sem despejar o seu copo,
E o do mouro escrupuloso.

Pois esse que sabiamente
Nossa divida amortisa,
E que por nossa ventura
Nos vai sacando a camisa,

Sabereis que não dá passo
Das estradas n'alta *empreza*,
Sem acudir á barriga,
Que qual tambôr anda têza.

Comem ministros d'estado,
Comem desembargadores,
Deputados e juizes,
Escrivães, procuradores;

Mas isto como á surdina,
E sem palavra dizer:
Só de mim querem que falle,
Mas que falle sem comer?...

Será cousa razoavel,
Que de regras tão geraes
Eu seja unica excepção
D'entre deuses e mortaes?...

Mil razões, replíca Tethys,
Acho no que me tens dicto;
Quanto a ellas, eu vou dar-lhes
Pena condigna ao delicto:

Porque vós injustamente
Meu valido escarnecestes,
Ao passo qu'inda ha bem pouco
Vós mesmas tanto comestes,

Mando que por vossas mãos
N'um momento prepareis
Comidas varias, que logo
E aqui mesmo apresenteis.

Todas quatro se erguem promptas,
Sem dizerem chus, nem bus:
Uma d'ellas fogo accende
Sobre alguns penedos nús.

De pedaços de madeira
Pelas ondas arrojados
Se fórma vasto braseiro,
Para os promptos cosinhados.

Co'as alvas mãos outra nympha
Toma peixe singular,
O salmão, xerne e morêa,
A *tramelga* c'o *escollar*.

Viventes, que a muito custo
Colhem homens á traição,
De bom grado se entregavam
Da nympha na bella mão.

Pristis quebra d'um *spadarte*
A forte, horrenda armadura,
Com ella atravessa e mata
A medonha phoca escura;

Era a mesma qne me havia
Quasi, quasi vindimado;
Muito concho disse eu logo:
D'aquella estou já vingado!...

Scylla chama uma grand'ave,
E manda que um ôvo ponha,
A figura era de pata,
Mas o bico de cegonha;

O grande ôvo encher podia
Uma cassoula de arrôz,
Mas ind'era mais pasmosa
A grande pata que o pôz.

De mariscos muita copia
Ellas tambem vir fizeram,
Nem do liquido das *cracas*
Saboroso se esqueceram.

Férreas obras dos *Cyclopes*
Foram postas sobre o fogo,
Tudo, tudo o necessario
Alli se apresentou logo;

Veio a ardente especiaria,
    A pimenta, o cravo, a nóz,
Já ferviam, já chiavam
    Fricassés e fricandós.

Das quatro nymphas o aspecto,
    Desabrido e carrancudo,
Revelava a má vontade
    Com que preparavam tudo.

Eu de vista as não perdia,
    Gesto seu não me escapava ;
Vi que Pristis de repente
    Como extatica ficava ;

Logo as outras tres chamando,
    De mansinho lhes fallou ;
O que lhes disse não sei,
    Sei que tudo alli mudou ;

De tristonhas, carrancudas,
    De cabisbaixas que andavam,
Se tornaram mais que alegres,
    Malignos olhos piscavam.

Em momentos preparadas,
    Cheirosas, bellas comidas,
Sobre *anomias placentas*
    Ante mim foram servidas.

A primeira era uma raia
De tamanho regular,
Ensopada em molho escuro,
Mesmo estava a convidar.

Vendo raia tão risonha,
Ganhei mesmo um'alma nova,
E por louvavel costume
Quiz logo tirar-lhe a prova,

Mas nem pausinhos das Indias,
Nem garfo, faca e colher
Me davam, com que pudesse
Partir, e á bôca metter.

Julguei que seria moda
Entre os taes deuses marinhos
Agarrar co'a benta unha,
Ir comendo c'os dedinhos,

Mas o peixe tinha um rabo
Comprido, como uma enguia,
E por isso eu duvidava
Por que parte o tomaria.

Em fim, não soffrendo mais
Cruel fome, impertinente,
Os gatazios lanço á raia,
Vou cravar-lhe ávido dente.

Oh momento triste e horrivel,
Momento de eterna dôr!
Paralysa-me as mãos ambas
Violentissimo torpôr;

Lá vai a raia co'a bréca
Cahida para uma parte,
O molho por mim abaixo
Se entorna, não sei por qu'arte.

Com cara estupida e tôla,
Sem palavra articular,
Fiquei eu como o gamenho,
Cuja historia ouvi contar:

Em quanto n'este hemispherio
A *Morpheo* se dava culto,
Um chorrilho de suspiros
Enviára a immovel vulto,

Vulto que n'uma janella,
Onde vira bella dama,
Se mostrava, ao passo qu'elle
Se ensopava em chuva e lama;

Cruel sol veio arrancal-o
Da dulcissima illusão,
E mostrar-lhe em vez de dama
Formoso mangericão.

Quando um pouco em mim tornei,
Com voz sumida e chorosa,
Disse a Tethys: ó senhora,
Sêde comigo piedosa;

Depois de molhado e fraco,
Por mil trabalhos afflicto,
E até no molho da raia
Alagado como um pito,

Vejo agora as mãos tolhidas
Por cruel paralysia,...
Ah! deixai-me ir descançar
Dos flagellos d'este dia.

Voltando-se ás nymphas Tethys
Lhes disse — porque trouxestes
Aquella *tramelga* viva,
Que por guisada off'recestes?...

Pois agora, em justo premio
De vosso genio mofino,
Mettei-lhe o comer na bôca,
Como se fosse a um menino.

Sem mais réplica, nem tréplica
Aquellas quatro perversas
A pobre bôca me entulham
De mil comidas diversas.

Nem c'os dentes, nem guéla
    Podia dar-lhes vasão,
Rosto e barba enxovalhada
    Tinha já qual besuntão.

Que tormento !... nem podia
    Sequer das mãos ajudar-me,
Arrolhada a bôca estava,
    E nem podia queixar-me.

Depois que por largo espaço
    Tão crú martyrio soffri,
Poder usar já dos braços,
    E das mãos reconheci ;

Do assento vivo em que estava,
    De repente me alevanto,
Chego a Tethys com meu rosto
    Cheio de molho e de pranto ;

Diz-me a deusa : muito folgo
    Que, por tão gratas comidas,
Encontreis já vossas forças
    De todo restab'lecidas.

A vós, respondo, ó senhora,
    Eu só devo obrigações,
Porém áquellas meninas
    Murro sêcco e cachações.

Sabeis vós como as perversas
As vossas ordens cumpriram,
Em quanto paralysadas
As mãos e braços me viram?...

Todas junctas me embutiram
Mil cousas, de que não fallo,
Entr'ellas foi toda inteira
A cabeça de um roballo;

Por testemunhas contestes
De suas graças brutaes,
Aqui ponho em vossas mãos
Estes dous tristes queixaes,

Pinhões e nozes quebravam,
Por tão fortes qu'elles eram,
Co'a cabeça do roballo
Do queixo fóra os puzeram.

Verdade é que o senhor Fontes
(Não lhe sirva de desdoiro),
Não se ergue dos seus almoços
Mais capaz de dar um estoiro;

Mas de que servem comidas
A que nem gosto tomei,
Se sem meus ricos queixaes
Por fim de contas fiquei?...

Como na Sicilia viram
  Desdentar *Entéllo* a *Dáres*,
Agora assim me privaram
  D'estes saudosos molares.

Com severo rosto a deusa
  Tanta ousadia estranhou,
E que não ficava impune
  Logo alli lhes protestou.

Então frívolas desculpas
  Cada uma d'ellas dava,
Tentando aplacar as iras,
  Em que Tethys se inflammava.

Entre tanto o ventre todo
  Me tomava uma dorzinha,
Nem podia já conter
  O que no ventre continha;

Por mais pontos que apertava,
  O dorifero licôr
Em torrentes me rompia
  Do orificio post'rior.

N'um momento se divulga
  Cruel, maligno cheirête:
D'um navio que passava
  Fez amarello o traquete;

As aves, peixes, amphibios
N'um momento desertaram,
Com as mãos a deusa e nymphas
Os narizes se taparam.

Fingindo pura innocencia
Logo as quatro, todas junctas
Dirigem umas a outras
Maliciosas perguntas:

Que perfume será este,
De que parte sahirá?...
Será myrrha, ou puro incenso
Vindo agora de *Sabá?...*

Eu cuberto de vergonha,
De mil côres me tornei,
E desculpa miseranda
Não sei como atrapalhei.

Vejo, ó nymphas, que ignoraes
Lá da terra os bons costumes,
Pois sabei que usamos todos
D'estes, e d'outros perfumes;

Para repellir aromas
Que nos são mais naturaes,
Vamos roubar os aromas
Ás flôres, aos vegetaes.

Nem a mais alta rainha,
Ou mais nobre cavalheiro
Passam dia sem cheirarem
Este mesmissimo cheiro.

Até pareceis creadas
Na Lourinhã, na Laponia,
Onde são desconhecidos
Vidros d'agua de Colonia;

Para dar a certas damas
D'estes vidros tinha uns poucos,
Vós fizestes-m'os quebrar
Com vossos gracejos loucos;

E tambem poderá ser
Que narizes tão aguados
Não gostem d'estes perfumes,
Que na terra são prezados.

Retomando a deusa então
Toda a sua gravidade,
Disse ás nymphas: bem conheço
A vossa perversidade.

Comidas de injusta inveja,
A que elle causa não deu,
Só por vêrdes que o tomava
No real agrado meu,

Foi que quizestes tornal-o
A meus olhos despresivel ;
Pois sabei que affecto opposto
Sente o meu peito sensivel ;

Nem da electrica *tramelga*,
Nem do *escollar* propriedade,
Podem mover-me ao desprêso
Da ingenua sinceridade.

Ora pois, ó loucas nymphas,
Se não quereis emendar-vos,
Ás Nereidas rebeldes
Eu protesto de ajunctar-vos.

Por agora vos castigo
Separando-vos de mim,
Que innocentes brincos prézo,
Mas não loucuras assim.

Ide pois, e em quanto escuto
Diversas informações,
Da minha parte as *Serêas*
Mandai vir logo a Leixões.

FIM DO CANTO QUINTO.

CANTO SEXTO.

Singular livro, que involve
Bello marroquim dourado,
Mas que a cada folha encontro
Todo em lagrimas banhado!

Se em ti com tão vivas côres
Entre mágoas e lamentos
Lacrymoso, eximio vate
Pintou da ausencia os tormentos,

Deixa o livro, deixa, ó vate,
Que ensope n'esse teu pranto
Os versos, que vão tecendo
Este meu saudoso canto.

Porque ensinavas a amar,
Cruel degredo soffreste,
Porque a amar sou inclinado,
De mim te compadeceste.

Os influxos teus já sinto,
Sinto dares-me a elegia
Que os corações ind'agora
Afoga em melancholia.

Assim pois vou referir,
Debaixo d'esta influencia,
As queixas com que intentei
Mover Tethys á clemencia.

Quando sobe á minha idéa
Terna imagem saudosa,
Outr'ora alegre, hoje triste
Dos filhos, da cara esposa,

Vêem teus olhos de meus olhos
Correr chôro amargo e vivo,
Não sei como elle não toca
Teu coração compassivo.

Estes mares, ceos e terra,
Tudo contra mim conspira,
Meu coração desfallece,
A minha constancia expira;

Como aquelle que ferido
Da mão de Jove iracundo,
Que vive, mas que não sabe
Se inda existe sobre o mundo.

Confesso-vos que tres vezes
Já tentei lançar-me ás agoas,
A terminar a existencia
E com ella tantas mágoas.

Quem vencerá tal batalha,
Tão cruel, e tão ferida?...
Ha-de ser a gratidão,
Inda que acabe esta vida.

Mas se voltar a meus lares
Benigna me concedesses,
Nem ficava eu por ingrato,
Nem quebravam teus int'resses.

Já d'um lado do horisonte
Foge o planeta dourado,
Pelo opposto vem surgindo
O planeta prateado;

E se eu já me achava posto
Sobre esta escarpada rocha,
Antes que fosse ao zenith
Rutilante, phebea tocha,

Vês então por quantas penas,
Funestos presentimentos,
Passa agora a esposa amada
N'estes lugubres momentos;

E vês que, Angelica sendo,
Nas virtudes, honra e nome,
É força que em bem querer-me
Dos anjos o exemplo tome.

Estas ultimas palavras
Inda eu triste proferia,
Quando começa a escutar-se
Inaudita melodia;

Ternas vozes, como ao longe,
Brandamente consoavam,
E dos asperos penedos
Em breve se approximavam.

Meus ouvidos nunca ouviram
Musica tal, tão sonora,
Os sentidos, mesmo as almas
Surpr'endia encantadora.

Sobre o crêspo mar erguiam
Meios corpos as donzellas,
Que esta musica entoavam
Gentis, engraçadas, bellas.

Na dourada eburnea lyra
Seu cantar acompanhavam;
Com tal canto as duras penhas
Parecia que abrandavam.

Aquella lyra era a mesma
Que tocou saudoso *Orpheu*,
Quando os tartareos tormentos
Com seu canto suspendeu.

A toada encantadora,
Que os sentidos enleava,
Outra magica harmonia
De bella letra encerrava:

Nem sempre *Ulysses*
Haverá duros
Que destruissem
Troyanos muros.

Nós acharemos
Humanos peitos
Sensiveis, brandos
A amar affeitos.

Se escapa astuto
Feroz guerreiro
Prendendo os braços
A alto madeiro,

Se ouvidos cerra
Ao nosso canto,
Qu'enlêa as almas
Com doce encanto,

Nem sempre Ulysses
Haverá duros
Que destruissem
Troyanos muros.

Oh que seria
Da especie humana
Se ella assim fosse
Dura e tyranna!

Perder quizemos
Grego sagaz,
Porque era em tudo
Traidor, fallaz;

A ti sincero,
Franco mortal,
Ninguem nos mares
Tractará mal.

No reino equoreo
Todo o vivente
Adora a Tethys
Gentil, clemente;

Se pois de Tethys
Tu és valido,
Onde ella impéra
Serás querido.

Graciosas nymphas
Brincar quizeram,
Nem te abominam,
Nem te offenderam.

Se alto serviço
De ti esperamos,
Todas as nymphas
Fieis te amamos.

Modestas nymphas
Encantadoras,
Has-de enviar-nos
Pelas traidoras.

Ajuda a Tethys
Na grande empreza,
De tudo a informa
Com singeleza.

Divinos dotes
Gosem mortaes,
Soffram ingratas
Golpes fataes,

Golpes fataes
Das Parcas duras,
Punam dolosas
Nymphas perjuras.

E tu, que a Tethys
Formosa viste,
Da terra esquece
Lembrança triste:

De vêr a deusa
Tiveste a gloria,
Da terra ingrata
Deixa a memoria

Extatico, absorto e mudo,
Sem acção, quasi sem tino,
Fiquei eu, tendo escutado
Este canto peregrino.

Em tal extase ind'agóra
Eu cuido que me acharia,
Se a deusa me não tocasse
Com sua dextra eburnea e fria.

Então me diz: por acaso
Tentarás queixar-te tanto,
Mesmo depois de escutares
Tão grato, celeste canto?...

Já que nem minha presença,
Nem sequer minha amizade,
Te moviam a ficares
Aqui de boa vontade,

Porque tudo me relates,
Que ha pouco te perguntei,
Se este meio não bastar,
Outros mais empregarei.

Á deusa respondi logo:
Já vos disse, e vos repito,
Que ha-de sempre a gratidão
Vencer-me em qualquer conflicto;

De meus lares a saudade
Este canto mitigou,
Mas o amor para comvosco
Nem m'o deu, nem augmentou;

Bastava para que eu fosse
Todo vosso na verdade,
Vêr em vós tão brandos termos,
Tão rara benignidade.

E porque vejaes que a bôca
Vos falla do coração,
Vou prender dentro no peito
Saudades, queixas, paixão.

Em quanto o quizerdes, pois,
Ficarei n'estes penedos,
Tornará vossa presença
Apraziveis taes rochedos;

E porque tambem vejaes
Que aggravos sei perdoar,
Vos peço que as quatro nymphas
Mandeis logo aqui chamar:

Não é máo quem dos Ceos teme
A sob'rana magestade,
Quem ao seu Principe guarda
Constante fidelidade.

Conheci que taes discursos
Á deusa muito agradavam;
Logo as nymphas, que alli perto
N'uma lapa se occultavam,

Mandou que uma das *Serêas*
Promptamente lhe chamasse,
E a *Proteo* mandou dizer
Que seu gado lhe enviasse.

N'um momento alegres nymphas
Ante a deusa ajoelhavam,
E em signal de gratidão
As níveas mãos lhe beijavam.

Em cardumes vem surgindo
Milhões de equoreos viventes,
Já fugindo, já tornando,
Já saltando de contentes.

Como quando juncto ao lago
    Bando inquieto de meninos
Lança ás aguas sem cessar
    Seixos grandes, pequeninos;

Por déstras mãos impellidos
    A superficie raspando,
Parecem como animados,
    Sobre o lago pullulando.

Tal era a scena que *Phebo*
    Me mostrava ao mergulhar-se,
E que a pallida *Diana*
    Me amostrava ao levantar-se.

Tudo, emfim, foi restituido
    Á sua ordem primeira,
Mesmo a enorme tartaruga,
    Que fôra minha cadeira.

Manda a deusa então que eu tome
    Meu grande assento animado,
Ás nymphas que se colloquem
    A seu dextro e esquerdo lado.

Logo me diz com voz branda,
    Terno accento mavioso,
Que acompanha um gesto lindo
    Entre affavel e queixoso:

Jámais cuidei de encontrar
Tamanha difficuldade
Em satisfazer o empenho
Da minha curiosidade;

Agora pois que te vejo
A tal fim melhor disposto,
Mais não tardes em contar-me
O que saber levo em gosto.

No momento em que eu traçava
Do meu discurso o comêço,
Se alevanta a veloz nympha
De inquieto genio travêsso:

Perdoai-me, diz a Tethys,
Se retardo um só momento
A vosso honesto desejo
Suspirado complemento;

Tambem queria dar provas,
Com a vossa permissão,
De que não cêdo a mortaes
Em pontos de gratidão;

Este os meus duros gracejos
Tão promptamente esquecendo,
Mostrou peito generoso
Por mim mesma intercedendo.

Pois agora concedei-me
 Que, em torno da bella acção,
Eu lhe offerte a antiga joia
 Que trago sempre na mão.

O annel que foi de *Cassandra*,
 E que em mim já se guardava,
Quando entre a troyana armada
 Co'as mais náos eu navegava.

Deu-lh'o Apollo ; annexo a elle
 Era o dom de prophecia,
Mas inda tinha outros chistes
 De que a virgem não sabia ;

Um dos chistes consistia
 Nos effeitos que causava,
Quando o *carbunc'lo* do annel
 Entre os dedos se apertava.

Quando as palmas delicadas
 Lhe atava grêgo brutal,
Ella a joia esconder pôde
 Sobre o peito virginal ;

E porque esta não cahisse
 Nas mãos do feroz imigo,
A fiel serva ordenou
 Que a levasse antes comsigo.

A serva pôde evadir-se
D'entre o confuso tropel,
E vendo-se perseguida,
Apertou acaso o annel;

Então logo campo raso,
E largo caminho abriram
Os que os effeitos do annel
Em si mesmos e outros viram;

Mais ou menos taes effeitos
Toda a gente ha-de sentir,
Conforme fôr mais ou menos
A força que o comprimir.

Tambem gosará da graça
Quem comsigo o annel trouxer
De vêr pasmosos portentos,
Que os mortaes não podem vêr.

Acceita, pois, bom mortal,
Esta joia preciosa,
Mas a pedra não comprimas
Sem prudencia cautelosa.

Ao tomar o annel, lhe digo:
Agradeço um tal primôr,
Porém á vossa amizade
Dou muito maior valor.

Depois, voltando-me á deusa
Começo de lhe fallar
Nos mais respeitosos termos,
Que na mente pude achar:

Senhora, as informações,
Que de mim quereis saber,
Sem mais dilação vou dar-vos
O mais amplas que souber.

E primeiro vos direi;
Segundo tenho observado,
As causas que determinam
Tanto banho, tão escusado:

Os *Hypocrates* d'agora,
Se não sabem, não atinam
A curar de enfermidades,
Que os mortaes tanto amofinam,

É cousa certa e sabida
Dizerem ao triste enfermo,
Que seu mal penoso e longo
Só terá no mar o termo.

Assim, de banhistas formam,
De *Esculapio* por encanto,
Exercito tão pasmoso
Que o de *Xerxes* deita a um canto.

As provincias mais longinquas,
    As cidades, villas, êrmos,
Parece que de enojados
    Lançam no mar seus enfermos;

Lá vem loucos, aluados,
    Cegos, surdos, paralyticos,
Aleijados, côxos, tortos,
    Corcovados e rachyticos;

Quasi todos, quaes vieram,
    Assim voltam a seu lar;
Então lhes diz o Esculapio:
    Para o anno, outra vez mar...

Não cuide que os banhos curem
    Achaques tão veteranos,
Senão depois de tomados
    Por doze, quinze ou mais annos.

D'esta sorte, na grãa leva
    De banhistas que elle faz,
Jámais dá baixa Esculapio,
    Só se a fria morte a traz...

N'este ponto a inquieta Pristis
    Me diz, sorrindo com graça:
Levareis acaso a mal
    Que algumas perguntas faça?

Se a deusa assim o quizer,
E vós tambem o admittirdes,
Tornarão ellas mais claros
Os factos que referirdes.

Mostrando a deusa annuir
Ao que a nympha desejava,
Eu tambem lhe respondi,
Que em muito gosto o levava.

Torna logo a viva Pristis:
Nada estranho que, em taes termos,
Cegos venham, cegos voltem
Os incuraveis enfermos.

Mas agora que meninas,
Tão sanzinhas como um pêro,
No salgado mar se ensopem,
É mysterio, ou destempêro.

Se de taes medico eu fôra,
De remedio lhes daria,
Que, em vez de banhos, tomassem
Bons clysteres d'agua fria.

Para que?... prompto lhe digo,
Grande injuria lhes fazeis;
Quão limpinhas, puras sejam,
Já vejo que não sabeis.

Pois attesto-vos que ha damas
De uma tal delicadeza,
Que jámais tem, nem tiveram
Precisões da natureza.

Como hão-de têl-as, se comem
Sómente d'uva um baguinho,
Um bico de rouxinol,
Ou de roza um botãosinho?...

D'uma sei eu, que obrigada
Por seus Paes, e até por mim,
Lançou no vaso sómente
Pura essencia de jasmim.

Assim vêdes que uma d'estas
Mais depressa acceitaria
Da Parca o golpe fatal,
Que os clysteres d'agua fria.

Mas se tendes gosto, empenho,
Que acceitem vossa lembrança,
Ordenai que fallem d'ella
As modistas lá de França.

Se virem nos figurinos,
Que vem de França aos milheiros
Desenhadas as mulheres
Co'as seringas nos trazeiros,

Eu vos fico que não bastem
A tão vaidosas mulheres,
Nem do Tejo e Douro as aguas
Para tomarem clysteres.

Por ser moda é que ellas veem
Nos salsos mares banhar-se,
E se o esposo, ou pae duvida
Com taes gastos arruinar-se,

Lá vai por baixo de mão
Presente ao senhor doutor,
Que diz logo : ou tomar banhos,
Ou typho, lepra, estupôr.

Por exemplo do que digo,
Caso raro vou contar-vos,
Não ha muito succedido,
E que muito ha-de admirar-vos :

Formosa, gentil menina,
Entre dôres e fanicos,
Se queixava que dos membros
Lhe sahiam como uns bicos ;

N'estes morbidos logares
Ninguem podia tocar-lhe,
Sem tormentos e fanicos
Violentamente aggravar-lhe ;

Mandou-se logo chamar
Da casa o senhor doutor,
Que dos membros extrahia
Varias agulhas, sem dor.

A molestia a continuar,
O doutor a repetir;
Mas emfim, já dava o caso
Que fallar, e até que rir.

N'um longo escripto o *Galêno*,
Medico-physico-astronomo,
Prova então ser natural
Das agulhas o phenomeno,

E que, sem nada admirar,
Póde haver no ventre humano
Fabrica tal, que produza
Milhões d'agulhas por anno,

Com seus bicos, fundos feitos
Com a maior perfeição,
E que até mesmo enfiadas
Varias d'ellas sahirão.

Por fim de contas se viu
Que *agulha mais volumosa*,
Em nove mezes forjava
A tal fabrica engenhosa.

Tendes pois visto as razões
Por que correm, quaes dementes,
Para o mar muitos mais sãos,
Que achacados e doentes,

Depois que o meu auditorio
Deu largas á hilaridade,
Nova instancia a arguta Pristis
Me faz com vivacidade:

Não quebram minhas perguntas
Ao vosso discurso o fio,
Antes são como os regatos
Que dão força a caudal rio;

E portanto permitti-me
O dizer-vos francamente,
Que inda encontro obscuridades
No ponto mais transcendente;

Só pelo imperio da moda,
E por medica influencia,
Vós dos banhos explicaes
Esta universal demencia;

Mas cuido eu dar-se ainda,
No movimento inconsulto,
De agentes taes outro agente,
Que se esconde, que obra occulto.

Oh senhora! lhe respondo,
D'outro motôr não sei eu,
Só se fôr o deus risonho,
O cubiçado *Hymeneu;*

Este deus, que a frente adorna
De languentes rosas bellas,
Tem altar nos corações
De velhas, novas donzellas;

N'estas aras tão secretas,
Ninguem vê chammas luzentes,
Mas as proprias aras queimam
Os desejos mais ardentes.

Talvez outro nenhum deus
Queiram ellas mais propicio:
Sem cessar lhe sacrificam,
Encubrindo o sacrificio.

Se tal deus hoje tivesse,
Como outr'ora, templo, altar,
Não seria nas cidades,
Mas sim nas praias do mar,

Porque a somma dos consorcios
Pasmosamente subiu,
Desde que a moda dos banhos
No mundo se introduziu.

Estatisticas exactas,
De que tirei certidões,
Nos provam que os banhos rendem
Casamentos aos milhões;

Os de jovens não tem conto,
E idosas celibatarias,
Houve mesmo alguns dez mil
De velhas septuagenarias.

Muito não ha que uma d'estas,
Lá do tempo de Bofelhas,
Acabou de completar
A conta das dez mil velhas;

Na occasião do terremoto
Já comia pão com côdia,
Por fim só papas comia
A noiva dona Serôdia;

Arrimada ao bordãosinho,
Foi jurar perpetua fé
Ao mais feliz dos mortaes,
A monsieur de Cagaré.

O banquete nupcial,
Em que encheram seus bandulhos,
Constava só d'ovos molles,
Pecegada com tortulhos.

Dizem que este par ditoso,
Na quinta de Pinga-pinga,
Viveu sempre muito devoto
Da casta nympha *Syringa;*

E que achando-se os esposos,
Elle tonto, ella pateta,
Deu com elles a familia
Ambos mortos na secreta,

Porque assim como na vida
Amor uniu taes consortes,
Assim uma dysenteria
Os junctou tambem nas mortes.

Sepultados alli mesmo,
Veio o grande *Martins Rua*,
Que o epitaphio lhe escreveu
Sobre a tampa da commua:

Aqui jaz Serôdia Rêpas,
E jaz Cagaré Rabicho,
Que fez em creme d'abob'ra
D'*Hecate* o cruel capricho.

Entre balsamos cheirosos
Foram postos os defunctos,
Que a fazerem sua vida
A vida acabaram junctos.

Não lhes negueis, passageiros,
De vossa dôr testimunho,
Por um só olho chorando
Grossas lagrimas de punho.

Vós tambem que aqui chegardes,
Nas humanas precisões,
Lançai sobre estes consortes
Mil piedosos massapões;

D'este tumulo regai
Rôxos goivos e boninas
Com vivos borrifadores
De purissimas ourinas;

E em torno recebereis,
D'estes actos tão piedosos,
Os suavissimos perfumes,
Qu'inda exhalam taes esposos.

Eis-aqui, formosa Pristis,
Se não vou na conta errado,
D'esse agente dos agentes
O mysterio revelado.

FIM DO CANTO SEXTO.

CANTO SETIMO.

Por quem chamarei agora
N'este extremo desamparo,
Se tenho encontrado os vates
A cada qual mais avaro?

Ás portas vou d'uns e d'outros
Batendo com ancia e pressa;
Todos dizem lá de dentro:
Irmão, Deos o favoreça....

Silio heroico, tu que pintas
Triste marmore suando,
Quando *Annibal* ante a estatua
D'*Elissa* se viu jurando;

Tu que os combates descreves
Por termos tão naturaes,
Que parece ouvir-se o estrondo
De escudos, lanças, punhaes;

Que contas o insigne feito,
Por ventura sem segundo,
Quando *Bruttio* a aguia romana
Salva exangue, moribundo;

Que desenhas vivamente
Esse *fogo corredor*,
Com que illude o pêno astuto
Quinto Fabio Tardador....

Bem vès guerras prolongadas
Que eu tenho que sustentar,
Tenho batalhas campaes,
Tenho rios que passar.

Se *Annibal*, junto a *Literno*,
Viu perdidos seus soldados,
Tambem eu já vi meus versos
Pelas damas assaltados;

São meus versos minhas tropas,
Com que o mal, com que a loucura,
Valerosamente ataco,
Sustento a moral mais pura.

Ó Silio, allegar-te vou
Serviços em teu favor:
Que sou contra os *zoilos* teus
Teu ardente defensor.

Mas, se vingo a gloria tua
D'esses zoilos mordedores,
Tambem peço que me emprestes
Teus pinceis e vivas côres.

Então, Silio, que me dizes?...
Ouves, ou não, rogos meus?...
D'esta vez não póde ser,
Irmãosinho, vá com Deos.

Vou, vou... mas entre mim mesmo,
Da miseria no tormento,
Me comparo ao bom mendigo,
A ti ao ricco avarento.

Triste allivio dos mortaes,
E consolação miserrima,
É vêrem-se acompanhados
Na desgraça dura, asperrima.

Larga esmola achavam sempre
Enfermos, nús e famintos
Nas gothicas portarias
Dos mosteiros hoje extinctos;

Agora, se um triste chega
A Sancto Thyrso, a Tibaens,
Suas carnes macilentas
Lhe rasgam sanhudos caens;

D'aquellas casas voltou
Aos Ceos terna caridade,
Veio do inferno habital-as
Dura avareza e vaidade;

Casas de Deos, por vós chora
Inda a gente Portugueza,
Ereis sua hospedaria,
Seu asylo de pobreza!

Enxuga, ó Patria querida,
O teu copioso pranto,
Que hão-de os Ceos inda outorgar-te
Paternal governo santo,

Governo que ha-de trazer-te
De gloria e paz longos dias,
E livrar-te dos padrastos
Que te acabam com sangrias.

Se os mosteiros já não prestam
Prestante auxilio ao mendigo,
Que mil portas vai correndo
Por negro pão, triste abrigo,

Na minha penuria extrema,
Tal exemplo seguirei,
Se um me diz — não póde ser —
Aos outros recorrerei.

Já me lembra eximio vate,
Que a meu canto começado
Ha-de acudir com auxilios
De seu cantar sublimado:

Senhor *Petrarcha*, meu amo,
Trus, trus, trus, á sua porta
Bate um pedinte tão pobre,
Que até *d'alma os fios corta.*

Pela Italia vou pedindo,
Venho de casa de Silio,
Se elle nem chavo me deu,
Dai-me vós benigno auxilio,

Vós que o terno amor de *Laura*
Levastes além da morte,
Por amor de Laura ouvi-me,
Tende dó da minha sorte;

A senhora Laura tinha
Peccadinhos que pagar;
Pois por alma d'ella agora
Boa esmola me heis de dar.

Quanto da vossa dissestes
D'outras Lauras vou dizer,
Mas não que sejam mais bellas,
Só por não vos offender...

Ah! tu sim, sinto que acolhes
Minha humilde petição,
Porque fiz vibrar as cordas
Da tua eterna paixão;

Escutaste o chôro meu
Por teres tambem chorado:
É lingua estranha aos ditosos
A lingua do desgraçado.

Fallando eu pois de Hymeneu
A auditorio feminino,
Via as bôcas como as flôres
Ante o orvalho matutino,

Nem dos velhos desposados
Á borda da sepultura,
Alguma nympha estranhou
A miseranda loucura.

Eu que os gestos das ouvintes
Ia prudente observando,
Fui no meu veraz discurso
D'esta sorte continuando:

Tal é pois a multidão
D'esses banhistas de luxo,
Que nos mares determinam
Um novo fluxo e refluxo;

Porque o seu *pezo* é tão grande,
Ou maior é que o da lua,
Quando no mar se introduzem
De agastado o mar recua.

Quasi todos n'este tempo
Deixam cuidados, negocio,
Para o darem todo inteiro
Ao jogo, brinquedos, ocio.

Os fructos de economias,
Os lucros de seus trabalhos,
Juncto ao mar entregam muitos
Ao duro azar dos baralhos;

Em quanto estes, grandes sommas
Perdem d'uma, e d'outra vez,
Em casa a esposa, os filhinhos
Carpem fome e desnudez;

E sobr'isto, quando a sorte
Maltracta os taes jogadores,
Cabe á esposa inda o soffrer-lhes
Os satanicos furores.

N'esse vicio, que a mil crimes,
Em sua furia atroz e insana,
Arrasta, sem ter desculpa
Sequer na fraqueza humana,

Tu não és cumplice, não,
Feminino sexo amavel,
Antes victima innocente
D'esse vicio abominavèl !...

Sabereis que dona Eva,
Mãe de rainhas, de nobres,
E mãe fecunda tambem
Das pastorinhas mais pobres,

Deixou no seu testamento,
Té á mulher derradeira,
Por herança uma fraqueza,
Em que ella fôra a primeira.

Dona Eva a horrenda sérpe
Muitas lérias escutou,
E talvez por agradar-lhe
Aureo cabello entrançou ;

Ora como a mãe gostava,
As filhas gostam de lérias ;
A mãe as teve mui grandes,
Estas, pequenas miserias.

Mas sêde de sangue humano,
E cruel barbaridade,
Não se encontra entre os legados
Da immensa posteridade :

No berço do mundo vimos
Um Cain matando Abel,
Só tres mil annos depois
Vimos uma *Jezabel.*

Mas sendo como essa raras,
Como *Isabel d'Inglaterra*,
Dos homens ás mãos dos homens
Bebeu sangue sempre a terra.

N'estes reina impio furor,
Nas senhoras a piedade,
Entr'ellas muitas se elevam
Á esphera da heroicidade:

Só póde a revolução,
Entre o povo mais polído,
Arrancar muitas mulheres
D'este trilho tão seguido;

Mas a par de cada uma
D'essas barbaras *Megéras*,
Se viam milhares d'homens
Mais ferozes do que as féras.

Elles foram que, inda vivas,
Formosas virgens assaram,
Que um *paciente rei* benigno
No cadafalso immolaram;

Elles foram que á *rainha*,
  Á pia, casta *Isabel*
Deceparam collo eburneo
  Com férreo gume cruel;

Elles foram que o mimoso
  Delfim, nos mais tenros annos,
Acabaram com tormento
  Jamais visto entre os humanos.

Elles, que até Sacerdotes
  Do proprio Deos que adoraram,
Com barras de bruto ferro
  Aos milhares esmagaram.

Eram tigres, que fallando
  D'alguns reis na crueldade,
Ondas de sangue entornavam
  Em nome da liberdade.

Fria morte, a fouce tua
  Inda o mesmo horrivel bando
Nas rapaces mãos conserva
  Sangue humano gotejando!

Retoma a tal bando, ó morte,
  A tua fouce ensanguentada
Mais vidas poupa do que elle
  A tua sêcca mão myrrada.

Á vista de taes horrores
Mal se enxergam as fraquezas,
Que no sexo feminino
Deslustram muitas bellezas;

Ó Tethys, em taes fraquezas
Eu nem quizera tocar,
Mas pois quereis saber tudo,
Devo tudo relatar.

Sabei pois que, em se fallando
Em modas, passeios, danças,
Muitas damas assizadas
Se transformam em creanças.

Vou, Senhora, um d'estes bailes,
Que em Leça são mui frequentes,
Pintar-vos com circumstancias,
E com casos precedentes.

Meu pae, diz certa menina,
Vai dar baile dona Urraca,
Bem sabeis que os meus vestidos
São mais pôdres do que a caca.

Inda ha pouco, torna o pae,
Tres vestidos te comprei,
E as contas que tens abertas
Nem sei quando as pagarei.

Chapeos de palha d'Italia,
Com flôres de Constantino,
Chapeos de têa d'aranha,
E de tripas de pepino.

Na rua de Sant'Antonio
Compras luvas por milheiro,
Por dia gastas tres pares,
Que será n'um anno inteiro?...

Com luvas vaes para a mesa,
E vaes á casa do cabo,
Com luvas tocas piano,
Com luvas limpas o rabo.

José Joaquim já não presta,
Só tem gosto o bom *Mourão*
Para ornar d'uma senhora
As orelhas, peito e mão.

Então, se por toda a parte
Te queres adornar tú,
C'o rabo d'esta vassoura
Quero hoje adornar-te o c...

No sofá rico, estofado
Cahe a dama c'um fanico,
A propria falla perdeu,
Disse só — dem-me o penico...

Acode n'este momento
Nutrida mãe extremosa,
Que da filhinha deplora
Cruel morte lastimosa :

Amor meu, para assim vêr-te
Negros dias acabar,
Ao peito te amamentei,
E trouxe aos banhos do mar?...

Foi um pae duro e tyranno,
Que morte acerba te deu,
Elle foi só teu verdugo,
Elle só tem sido o meu!

Se um trapinho lhe pedimos,
Camarote, ou carroção,
Já diz que mais lhe gastamos
Que o *Quintella*, ou que o ***Bolhão!***

Ai, ai! Brites dá cá vidros
De Colonias e de tudo,
Ai! que ella nem sequer chega
A mascarar-se no entrudo!

Tinha mascaras e esguichos
Para um drama apresentar;
Oh como entre as outras todas
Tinhamos nós de brilhar!

Ella seria *Victoria*,
Eu seria *Nicolau*,
Seringando-se um ao outro...
Agora, tudo babau!

Sobre a filha então se lança,
Seu formoso rosto affaga;
Diz a filha, mui de manso:
Ah, mãesinha, que me esmaga!

Então manda o pobre pae
Chamar o senhor *Ventura*,
Por ser medico-cirurgico
Que de mil molestias cura.

Vem logo o facultativo,
Que manda a enferma ao leito;
Mas ninguem podia erguêl-a,
Nem por força, nem por geito;

Pelos effeitos do susto
Estava ao sofá collada,
Foi preciso despregar
Do sofá rico a almofada.

Posta, em fim, no leito a enferma,
Por um'hora toda inteira,
Conta a mãe da enfermidade
Larga historia verdadeira.

Moído, martyrisado,
Diz o sabichão Ventura :
A molestia é no miôllo,
Nas boticas não tem cura ;

Só receitas da *Guichard*,
Gautier, *Ferin*, *Simão*,
Esta chronica molestia
Por agora vencerão.

Venha cá papel e tinta,
Que tambem sei receitar
Para os gallos pharmaceuticos,
Que os bons lusos vem limpar.

Recipe : *de moire antique*,
Valencienne e *cremoline*,
Quanto baste, e ajuncte logo
Tarlatane e *grinadine* ;

Ponha de infusão em *tulle*,
Dissolva n'isto *chinés* ;
Tudo abafe com *bruxellas*
E *mantas oriferés*.

Mande em *palhas de Liorne*,
E *palhas de fantasia*,
Pára causticos e emplasto
N'uma cabeça vasia.

E cá ponham-lhe por cima
 Alguns *marabús* medianos:
Se a cabeça os não soffrer,
 Introduzam-lh'os no ánus.

A menina, que inda toma
 O mortal, duro accidente,
Mal escuta nomes taes,
 Bate as palmas de contente.

Outro caso vou contar-vos,
 Que eu mesmo testemunhei,
Quando acaso um cavalheiro
 Mesmo em Leça visitei:

Varios outros lá se achavam,
 Ou jogando, ou discorrendo,
Quando pela escada abaixo
 Se escuta barulho horrendo.

Sahimos a vêr qual era
 Tal desordem nas escadas:
Eram moças e senhora
 N'um gallego engalfinhadas;

A senhora enfurecida
 Pela guedelha o travava,
Uma moça d'um tição,
 Outra de espeto se armava;

Põe-me já fóra da porta,
Diz a senhora ao marido,
Este pôdre, este bolonio,
Desobediente, atrevido...

Mandei-lhe que me apertasse
D'este collete o cordão,
Elle deixou-m'o tão largo,
Qu'inda póde entrar-lhe a mão.

O gallego miserando,
C'o cabello depennado,
Tendo sete espetadellas,
E o focinho chamuscado,

Assim diz: *treinta reales*
Tengo a la dueña prestado,
Más de cien me estan debiendo
De mi sueldo bien gañado;

Se quier que salga, saldré,
Pero paguen mi soldada,
E pido tambien la deuda
D'essa muger condenada.

Mil demonchos la descubran
En las noches más nevadas,
E mil otros la calienten
En las noches abrasadas.

A las dós mozas tambien
Mil demonchos se introdusgan
Por las ancas, e a cenizas
Aqui mismo las redusgan...

Não custou pouco trabalho
O socegar tal motim,
Só por ser dia de baile
Foi que teve um prompto fim.

E que dia não foi este
Funestissimo, aziago!...
Parecia adivinhar-m'o
O meu coração presago.

D'aqui passo a visitar
Dona Enguia de Bostello;
Fugindo d'uma batalha,
Fui metter-me n'um duello.

Inda mal tinha eu subido
Da escada os degráos primeiros,
Quando sobre mim desaba
Graniso de travesseiros;

D'estes eram dez ou doze,
E outras tantas almofadas,
Que sem recurso me atiram
Rolando pelas escadas.

Logo no degráo primeiro
Dei co'a canna do nariz,
E quando chegava ao fundo
Desmanchei os dous quadrís.

Maldizendo a sorte minha,
Dous criados me tomaram
Nos braços, e sobre um leito
Promptamente me deitaram;

Mas no leito em que jazia
Travesseiro não se achava,
E esta míngoa tão sensivel
Inda mais me molestava.

D'alli mando chamar logo
O Santos de Rio Tinto,
Quer de indireita um sob'rano,
Quer de burro mais um pinto.

Ora em quanto assim gemia,
Um dos servos me contou
A historia da grossa chuva,
Que na escada me apanhou:

A senhora dona Enguia,
Delgada por natureza,
Não ha chumaços que a fartem
Para encubrir a magreza;

Ella usou por muito tempo
Adaptar sobre o trazeiro
Um ôdre cheio de vento,
Que comprara a um vinagreiro.

Eu tive por muitas vezes,
Por meus enormes peccados,
De ir bufar-lhe ao rabistel
Para os bailes mais fallados.

Porque quanto era maior
O baile a que concorria,
Tanto mais inchado o folle
Sobre o rabo ella queria.

Um costume tão louvavel
Houve só de abandonar
Por um funesto accidente,
Que deu muito que fallar.

Sobre o ôdre muito inchado
Por acaso se assentou,
Que com estrondo medonho
Por mil partes rebentou;

Cavalheiros e senhoras
Fugiu tudo a bom fugir,
Nem ao baile, nem á casa
Nunca mais quizeram ir.

Cuidaram que era diabo
Que n'aquella casa andava,
E que sem ninguem vêr como
D'aquella sorte estourava.

Mas d'essa vez ficou bem,
Porque o caso se encubriu ;
Fogem d'ella e não n'o sabem,
Ella finge que fugiu ;

Mas a todos perguntando,
Manhosa e dissimulada,
Se andaria cousa má
Na tal casa malfadada.

De costumes não mudando,
Só muda as taes ventanias
Por sólidos, com que altêa
As ancas magras e esguias.

Outra lição, mais moderna
Igualmente não tomou,
Quando um sacco de batatas
Sobre o rabo accommodou ;

Depois no baile a mazzurca
C'um *petit maitre* dançando,
Foi-se o sacco, em tantas voltas,
Pouco a pouco desatando.

Então lança dona Enguia
Do traz somma de batatas,
Que por toda a sala rolam
Redondas, compridas, chatas.

Alguns dos pares dançantes
Nas batatas tropeçaram,
E c'os narizes no chão
Redondamente malharam.

Muitos *mirones*, que em torno
Se apinhavam dos bailantes,
Não punham termo ás risadas,
Aos dicterios insultantes;

Uns diziam: são tomates,
São malapios, são cerejas,
Outro que eram figos lampos,
Outro ameixas caranguejas.

Um ratão mais consummado,
Do que os outros, só dizia:
Cinco razas de batatas
Hoje cag...ou dona Enguia.

Ella, porém só bradava,
No meio da confusão:
Não são minhas, não são minhas,
Vejam lá de quem serão...

Bem vimos, diz o ratão,
    O rabistel com que entrou,
Se não era de batatas,
    O diabo lh'o levou...

O marido, que da porta
    O caso todo observava,
A demencias taes pôr côbro
    De futuro protestava.

E porque hoje havia um baile,
    E baile de figurões,
Tudo ajuncta, e nem lhe escapam
    Do fumeiro os salpicões.

Pesca o marido que d'elles,
    E de muito travesseiro
Um promontorio ella forma
    Sobre os ossos do trazeiro,

Quer desmanchar-lh'o ; ella foge
    Direita para as escadas ;
Elle a segue, e alli lhe corta
    As prisões das almofadas.

Os antigos partazanas
    Assim faziam prisões
C'uma navalha de gancho,
    Que deitavam aos calções ;

Do cóz cortado o negalho,
Os calções aos pés cahiam,
E recrutas e larapios
Nem mais pé bulir podiam;

Mas queixaram-se as cidades,
E mesmo povos inteiros,
De serem citados sempre
Por milhares de trazeiros.

Providencias então deram
Sabios ministros d'estado,
E mais na tinta inda estavam
Dignos pares, deputados:

Tres milhões de suspensorios
Foram *gratis* distribuidos,
E com penas muito graves
Os taes cózes prohibidos.

Mas o nosso caso foi
Que, cortados os cordões,
Lá vão nádegas de munha,
Cambadas de salpicões.

Mais vale, diz o patrão,
Despejar-se este armazem
Dentro de nossas paredes,
Do que em bailes de ninguem;

Agora vejo a razão
Por que, d'uma e d'outra banda
Acho no meu travesseiro
Um cheirête que trezanda.

Logo, de irado, ás escadas
Arremessa o merendeiro,
Que á senhora dona Enguia
Despegára do trazeiro.

Foi então que por desgraça,
Subindo vossa excellencia,
A tempestade o apanhou:
Tenha agora paciencia.

A senhora, a consolar-me
Ao baixo quarto desceu,
Onde larga perlecção
De cús postiços me deu.

Pelo contrario, o marido
Contra os cús argumentava
Com dilemmas, syllogismos,
Que todo o mundo admirava.

Quanto a mim, nunca emitti
Nenhum voto temerario,
Nem dos cús era a favor,
Nem aos cús era contrario.

Mas não podendo aturar-lhe
Tanta asneira nua e crua,
Lhes roguei que a toda a pressa
Fossem ambos á tabua.

Eis-aqui, Tethys, d'um baile
Os precedentes enredos,
D'outros mais não fallo eu,
Que sou pôço de segredos.

Releva agora dizer-vos
O que em taes funcções se passa:
Vou fazêl-o, se o já dicto
Ante vós encontrou graça.

Sabereis, porém, senhora,
Que alguns nobres cavalheiros,
Do Principe exilado
Por paizes estrangeiros,

O dia do nascimento
Tem por uso festejar;
Tambem os de nobres damas,
Que n'este mez vem a dar.

Cuido então que a vosso empenho
Eu melhor satisfaria,
Se primeiro bem notasse
O que em taes funcções havia.

Tethys responde: inda mesmo
Que tal razão se não dera,
De voltar aos lares teus
Permissão te concedera,

Porque vejo em teu caracter
Franqueza e benevolencia,
Quero usar para comtigo
De toda a minha clemencia.

N'um d'esses delphins cavalga,
Para ás praias te levar,
Mas dá-me palavra d'honra
Que has-de em breve aqui voltar.

Dou-vol-a sim, torno então,
Palavra, que proferida,
Só a Parca impedirá
Ser fielmente cumprida.

Então beijo as mãos á deusa,
Que deixava com saudade,
E das nymphas me despeço
Com signaes de urbanidade.

O golphinho, n'um momento,
Me põe juncto á foz do Leça,
E á luz d'argentea Diana
A meus lares volto á pressa.

FIM DO CANTO SETIMO.

CANTO OITAVO.

Era d'uma vez um rei
De paiz mui dilatado,
Que tinha um bello jumento
No seu palacio creado.

A pellagem era branca,
Mais branca que a mesma neve,
Zebrada de riscas pretas,
Como nenhum outro teve.

O rei amava o jumento
Como se filho seu fôra,
E muito mais do que a esposa,
Gentilissima Senhora.

O burro mais que alguns homens
Tinha juizo e razão,
Mostrando a seu bemfeitor
Mil signaes de gratidão.

Mas a certos criadinhos,
Que o tractavam duramente,
Ferrava couce bravío,
Agarrava-os mesmo a dente.

Tinha em fim mil raros dotes,
Só lhe faltava fallar,
E tinha o rei d'esta falta
Profundissimo pezar.

Nas prisões se achava então
Um criminoso d'estado,
Que segundo as leis do reino
Fôra á morte condemnado;

Porque n'esses tempos fósseis
Todo o crime a lei punia,
E quem com ferro matava,
Tambem com ferro morria.

Hoje porém no systema
Que nos rege *felizmente*,
Quem quizer, por faceis meios,
Rouba e mata impunemente:

Frequentando certas furnas,
Ou tractando de eleições,
Póde matar quem quizer,
E póde roubar milhões;

Póde escrever contra o rei,
Contra os Papas, contra Deos,
E por isto teem commendas
Quando de morte são reos.

Esses Neros de *Midões*,
Esses barbaros *Marçaes*,
Os *Suancas* de Vallongo,
E outros monstros seus iguaes,

Não sei que diff'rença tenham
Do tyranno mais horrivel,
Só que seu reino infernal
É muito mais insoffrivel.

Geme e chora a humanidade
Por esses tempos feudaes,
Porque então mais raros eram
Suancas, Brandões, Marçaes.

Arredemos nossos olhos
De tempo tão lastimoso,
Melhor é voltal-os antes
Ao jumento, ao criminoso.

Era pois este mais fino,
Mais esperto do que um alho,
E estudava arbitrios mil
Por fugir da Parca ao talho.

Mandou dizer ao monarcha
Que tinha idéa infallivel,
Porque o burro fallaria
Uma lingua intelligivel;

E que tambem s'off'recia
A instruil-o por tal modo,
Que mesmo em letra redonda
Lêsse um grande livro todo.

Que por premio só queria
Que da morte o libertasse,
Mas tendo só liberdade
Se o burro lêsse e fallasse.

Com noticia tão plausivel
O rei ficou mui contente;
Mas temendo de cahir
Em lograções facilmente,

Determinou que o tal reo
Um prazo estabelecesse,
No qual ou fallasse o burro,
Ou elle reo padecesse.

Para lêr só de seis mezes
Quer o prazo limitado,
Mas só em dez annos pôde
Fallar como um Deputado.

Acceitas as condições
Com geral aprazimento,
Começa o mestre as lições
Ao discipulo jumento.

Tendo expirado os seis mezes,
Manda o mestre ao rei dizer,
Que o discipulo está prompto
Para o grande livro lêr.

Venha o principe e a rainha,
Venha toda a minha côrte,
Diz o rei, quero que vejam
Se ha portento d'esta sorte...

Em momentos tudo é prestes,
E o quadrupede estudante
Chega tambem com seu mestre
Que ante o rei põe ricca estante.

Sobre esta põe livro em folio
De bella encadernação,
E o jumento faz chegar
Com certo acêno de mão.

O burro entra a ornear,
E as folhas de pergaminho
Uma a uma vai voltando
Com seu burrical focinho.

Os vivas não tinham termo,
Nem as palmas e alegrias;
As mãos a muitos ficaram
Inchadas por muitos dias.

Um clamava: burro assim
Jámais houve entre os humanos,
Quanto mais vale qu'ess'outro
Que foi *consul dos Romanos!*

Outro dizia: eu desculpa
Déra ao *padre Bysantino*,
Se por tal burro cahisse
Em seu louco desatino.

Outro gritava: oh que sabio
Que d'aqui não sahirá,
Quando ha velhos Deputados,
Que nem dizem *b-a-ba!*

O mestre coberto d'honras,
De elogios, de meiguices,
Foi despachado Intendente
Das reaes cavalharices.

A mulher, que desde muito
De fallar-lhe era impedida,
Tambem no mesmo palacio
Foi honrada e recebida.

Assim qu'esta c'o marido
Em particular se achou,
Logo lhe diz: caro esposo,
Que demencia te cegou?

Ensinar a lêr um burro
Póde o teu saber profundo,
Mas emfim lêem muitos outros
N'este paiz e no mundo;

Mas a vida preciosa
Sujeitares a impossiveis,
Como o de fallar um burro
Palavras intelligiveis!

Foi erro improprio de ti,
Era só proprio de brutos!
Não verão teus olhos mais
Estes meus olhos enxutos!

Então abraça o marido
A mulher judiciosa,
Que sobre amante e gentil,
Era mesmo virtuosa.

Não deplores, lhe diz elle,
Cara esposa, a minha sorte;
Já vês trocada por honras
Uma pavorosa morte;

Ensinei a lêr o burro
Por entre o livro mettendo
Punhadinhos de cevada,
Que faminto ia roendo,

Pois via que muita gente,
E gente de nomeada,
Abre só de livro folhas
C'o sentido na cevada.

Lá por não fallar o burro
Cesse, ó esposa, o choro teu,
Tem por certo qu'em dez annos
Foi-se rei, ou burro, ou eu.

Digo agora, ao terminar
Este caso moralissimo:
Ai de mim pedaço d'asno,
Até mesmo asno inteirissimo!

Pois se esta moral historia
Nos miollos tinha prêza,
Porque não pedi dez annos
Para acabar tal empreza?

Não se achou longo esse prazo
Para ensinar um jumento;
Então compôr um poema
Será de menor momento?

Prometto compôr poemas,
    Como bom *papalvo solha*,
Com a mesma promptidão
    Com que se move uma folha?

Não haverá quem me agarre
    N'estas mãos desperdiçadas,
E lhes casque sem piedade
    Duzias de palmatoadas?

Tenho agora de brilhar
    Com meu annel de condão,
Tenho a descrever dos bailes
    A graciosa confusão.

Eis-me como anda nos montes
    Solícito perdigueiro,
Corro acima, volto a baixo,
    Aqui cheiro, acolá cheiro.

Ás vezes perfume ingrato
    Meu pobre nariz chupita:
São exhalações de rabo,
    Ou do que o rabo vomita.

Mas emfim cheirando sempre,
    Algum poeta farejo,
Que me acode nas miserias,
    Nas mingoas em que me vejo.

Agora mesmo de todo
Não sei quem valer-me possa,
Que nenhum vate descreve
Epocha tal como a nossa.

Só se fôres tu, *Weilland*,
A quem chamo, a quem me torno,
Que a meu encantado annel
Dês o teu eburneo côrno;

E tu da tua Assemblea,
Portuguez puro, *Garção*,
Dá-me tintas, com que possa
Desenhar uma funcção.

Doze soes tinham passado
Em que a palavra que dera
D'em breve a Leixões voltar,
Nem momento m'esquecêra.

A casta e rara belleza
De Tethys, sua bondade,
No meu peito eram gravadas
Á mão de viva saudade.

Por contar-lhe os mil successos,
Que por servil-a observára,
Dirigi-me á mesma rocha,
D'onde Tritão me levára.

Oh que lindo animalzinho,
 Que no mar pareces fogo,
Ah! não fujas, não de mim,
 Chega a mim, que voltas logo;

Eu não tenho anzol, nem rede,
 Não quero fazer-te mal,
Dos Açôres te conheço,
 Sou velho amigo leal.

Por exp'rimentar o idioma,
 Que Tethys me concedêra,
Assim fallei ao peixinho,
 Que o acaso alli trouxera.

Ao penedo logo chega
 Com branda docilidade;
Só dos homens foge o bruto
 Por temer-lhe a crueldade.

A cabeça rubicunda
 Fóra d'agua ergue o peixinho,
E me diz: que quereis vós
 D'este pobre animalzinho?

Quero que vás, lhe respondo,
 Dizer a Tethys graciosa
Que seus preceitos aguardo
 Sobre esta rocha limosa.

Voltando a triplume cauda,
Já salta o *rocaz* formoso
Parece voar, qual setta,
Que despede arco forçoso.

Não tarda o veloz golphinho,
Já do meu conhecimento,
Que me conduz a Leixões
Dentro em rapido momento.

Alli beijo as mãos a Tethys,
Encontro tambem Tritão,
Que saúdo, e ás nymphas todas
Como civil cortezão.

Passados alguns minutos
De amizade nos signaes,
Comecei no meu discurso
Por estes termos formaes :

O que tenho a referir-vos
E que mais prenda a attenção,
É do dia vinte e seis
A primorosa funcção.

Mal a noite começára
Negro manto a desdobrar,
Quando no grande salão
Emprazei firme logar.

Por toda a parte suspensas
Se viam riccas lustrinas,
D'entr'ellas, como admiradas,
Se debruçavam boninas.

Alli se via tambem
De *suspiros* variedade,
Via-se a *c'rôa imp'rial*,
Enlaçada co'a *saudade*.

Ao níveo *lyrio* se unia
O rôxo *perfeito amor*,
Vivo affecto, amor, candura
Dizem uma e outra flôr.

As *rosas* eram só brancas,
Porque silencio indicavam
Entre as *murtas* que d'amor
De sentimento fallavam.

Vem chegando nobres damas,
Chegando vem cavalheiros,
Ellas não tinham segundas,
Elles não tinham primeiros.

Oh que jubilo sincero
Senti no meu coração,
Quando vi que muitos eram
De diversa opinião!

Toda a vez que os olhos meus
Vêem principios d'harmonia,
Entre os Lusos, elles vertem
Doce pranto de alegria.

Já brilhante confusão
Nas salas redomoinhava,
Ùm e outro cavalheiro
Nobres damas cortejava.

Illustres nomes se ouviam,
Patrias glorias recordando,
Dos tempos em que o universo
Se curvava ao Luso mando:

Pangins, Bourbons e Menezes,
Alcoforados, Teixeiras,
Cirnes, Pintos e Coelhos,
Os Mendonças e Silveiras,

Alpoins, Almeidas, Mênas,
Cunhas Mellos, e Garrettes,
Canavarros e Carneiros,
Freitas, Guedes, e Huetes,

Bacellares, e Louzadas,
Wanzellers, Ferrões, Monteiros,
Brawnes, Lopes, e Beltrões,
Viannas, Porto-carreiros,

Alvellos, Lacerdas, Guerners,
Sequeiras, Lemos, Queiroz,
E outros muitos que vieram
Das provincias, Porto e Foz.

D'indica folha aromatica
Vem fumando em taboleiros
Bello extracto, que apresentam
Aceiados escudeiros.

Após d'estes muitos outros
Com mil dôces vem chegando,
Os damascos, figos, limas
E castanhas imitando.

Este primeiro serviço
Inda bem não se acabava,
Quando a musica sonora
Para o baile convidava.

Ninguem da primeira dança
Por caso algum se esquivou,
Os annos e enfermidades
Tudo em casa se deixou.

Alli melhor se gosavam
Ricas telas fluctuantes,
Sobre as frentes, sobre o peito
Scintillavam mil diamantes.

Por bem pouco se podiam
  Admirar estas riquezas,
Que os brilhantes offuscava
  O brilhar d'outras bellezas.

Aqui me pergunta a deusa:
  D'essas damas graciosas
Quaes eram mais elegantes,
  Mais gentis e mais formosas?

Perdoai-me, lhe respondo,
  Se em tal ponto me calar,
Nem devo, nem sei, nem posso
  As mais bellas estremar.

Por virtude d'esta joia,
  Que a bella Pristis me deu,
Vi portentos, que de todos
  Ninguem via senão eu.

Observei que sob o aspecto
  Das senhoras lusitanas
Se occultavam varias deusas,
  Como Junos e Dianas.

Alli se achavam tambem
  As Minervas, Ceres, Floras,
E os *emblemas* ostentavam
  De taes deusas, taes senhoras.

Só Venus não se encontrava,
Que a sua lubricidade
Não tinha a menor cabida
Entre tanta honestidade.

Bem pesquei que um *Cupidinho*
N'um parapeito pousou,
E por uma frincha aberta
Dardos mil arremessou.

Mas achava os corações
De tal sorte resguardados,
Que os dardos todos cuspiam
Pelo chão, como embotados.

Então volta-se aos janotas,
Lança um dardo como em brinco,
E d'este primeiro tiro
Atravessou logo cinco.

Nem sequer um dos mancebos
O Cupidinho poupou,
E por fim mesmo aos idosos
O malvado se voltou.

Par'cia a mãosinha debil,
Mas era forte e certeira,
Era como a mão do tigre
Cruel, feroz, carniceira.

Se este annel me não salvasse,
Nem eu mesmo escaparia,
Mas furtava-me a seus golpes,
Porque os golpes seus previa.

Ora então, se alli se achavam
Deusas, nymphas, como eu vi,
A ser *Páris* d'ellas todas
Nem por sombras me atrevi;

Pois sei que nunca foi Juno
Menina para brinquedos,
E revolve por vingar-se
Ceos e terra com enredos.

E retomando o meu fio,
Vos direi que por instantes
Só paravam no salão
Os folguedos incessantes,

As contradanças francezas,
As polkas, walsas, mazzurcas,
As danças das nações todas,
E supponho que até turcas.

Tambem vi por que mysterio
Quanto mais se revezavam,
Tanto menos de taes nymphas
Delicados pés cançavam:

Entre os musicos se achava
Oberon mui disfarçado,
Magistralmente tocando
No eburneo côrno dourado.

Nos momentos de repouso
Se servia em profusão
Quanto sabe preparar
De copeiros habil mão:

Pastelinhos e fiambres,
Queque francez, créme brando,
Transparente gelatina
Os topazios imitando.

Varios liquidos suaves
Igualmente eram servidos,
E os decrepitos preciosos
No aureo Douro produzidos.

No meio d'esta alegria
Não deixei de me zangar,
Quando vi certo *duende*
Por entre os homens furar;

Enleou a dous ou tres
C'o longo rabo torcido,
E levou-os muito concho,
Voltando logo atrevido.

Uns e outros foi levando,
E os levados não voltavam,
Que nem baile, nem manjares,
Nem senhoras lhe importavam.

Toda a casa andei correndo.
Instigado da amizade,
Mesmo por vêr se os salvava
D'alguma infelicidade.

Deparei com elles junctos
Cercando uma grande banca,
Um tinha a cara amarella,
Outro vermelha, outro branca.

Alli, sobre um dos baralhos
O duende se assentava,
Quando aquelle lhe tomavam,
Para o outro se mudava.

Tirar cartas, mudar cartas,
Despintal-as com presteza,
Eu tudo lhe vi fazer
Habilmente e com destreza.

Dava pulos de contente,
Quando o áz de copas via,
Dava-lhe salva real
De peças d'artilheria.

Entretanto escaceavam
No salão pares dançantes,
E por isso de lá vinham
Embaixadas aos jogantes.

Mas logo a ponta do rabo
Nos ouvidos lhes mettia
O duende, por tal arte,
Que o recado não se ouvia.

Na minh'alma o triste fado
Dos amigos deplorei,
E por vêr cousas mais gratas
Ao salão prompto voltei.

Na janella inda se achava
O formoso Cupidinho,
Mas chorando a bom chorar,
Oh que pena! coitadinho!

Condoendo-se com elle,
Pedindo-lhe que não chore,
Da parte de dentro estava
A formosa *Terpsychore*.

Mas elle mais se queixava,
Quanto mais miminhos tinha,
Que é costume bem sabido
Da malvada creancinha:

Se nas damas se quebraram
Os meus dardos mais certeiros,
Consolavam-me as conquistas
Sobre tantos cavalheiros;

E agora vêr que m'os rouba
Um duende abominavel,
Que nymphas, que deusas trocam
Por esse *monte* execravel!..

Antiga cavallaria,
Que honra e brio despertava,
E que a par de tanto heroismo
D'honrar-me tambem se honrava,

Já lá vae... agora aos restos
De meu mesquinho dominio
Dura ambição, bruto *monte*
Trazem ultimo exterminio!...

É tormento doloroso,
É tamanha mágoa esta,
Que vou matar-me a mim mesmo
Co'este dardo que me resta.

Não te mates, bello infante,
Lhe responde Terpsychore,
Que tens mais quem te acompanhe,
Que suas mágoas tambem chore;

Tambem já contra os meus cultos,
Que as tres *Graças* ennobrecem,
Os cultos do horrendo Genio
Sobre a terra prevalecem.

E mais eu não causo aos homens
O mal que lhes tens causado,
Só se fôr quando comigo
Vens fazer algum tractado.

Mas emfim, pois que hoje soffres
Dura mágoa lastimosa,
Eu me off'reço a acompanhar-te
N'uma empreza gloriosa.

Esse dardo que te resta,
Ambos nós sopesaremos,
E com forças duplicadas
Níveó peito cravaremos.

Escutando tal proposta,
Elle troca o pranto em riso,
Como faz qualquer infante,
Em que mal desponta o siso.

Da nympha amimando o rosto,
Um braço ao collo lhe lança,
E com outro lhe compõe
Desmanchada, loura trança.

Ambos logo se combinam
Para o ataque fatal,
Porque a victima innocente
Soffra atroz golpe mortal.

O buído aço do dardo
No maligno pranto ervou,
Que inda tinha sobre as faces,
Porque agora o derramou.

Vendo, ouvindo crueis planos
Dos terriveis alliados,
Eu tremia, como os ramos
Do rijo Noto agitados.

E calar-me por mais tempo,
Não me soffrendo a consciencia,
Vendo descuidada a victima
Em pura, inerme innocencia,

Lhe digo: reductos mil
Promptamente alevantai,
Revesti d'arnêz o peito,
Triplice escudo embraçai...

Mas já a musica e dançantes
Para o baile se aprestavam,
Que Terpsychore e Cupido
Tudo, tudo aguilhoavam.

Meus avisos salutares
    Não pude mais proseguir,
Sensivel victima inerme
    Crueis mãos vão já ferir.

Dos logares já se mudam,
    Uns a outros já se rendem,
Dançando formam cadêas
    Em que uns a outros prendem.

No esquerdo braço Terpsychore
    O menino sustentava,
Um e outro o mesmo dardo
    Na dextra mão empunhava.

Opportuna occasião
    Por algum tempo espreitando,
Finalmente á gentil dama
    Lá se vão approximando.

Lá parece que recuam,
    Que retorcem corpo e mão,
Lá cravam de lado a lado
    Innocente coração.

Fervente sangue espadana
    Da larga rôxa ferida,
Desfallece, arqueja, exhala
    Extremo alento da vida.

Quem era a dama é segredo,
Que comigo ha-de morrer:
Não digo nada a ninguem,
Ninguem tal ha-de saber.

FIM DO CANTO OITAVO.

CANTO NONO.

Bella Italia, não, não póde
Minha mente abandonar-te,
Tu soubeste em solio augusto
Como princeza elevar-te.

Se em tua frente já não brilha
Emplumado elmo guerreiro,
Conservas n'ella um diadema,
Que avassalla o mundo inteiro.

Não mostra a tua figura
Que és do mundo *calcanhar*,
Mas que os hemispherios ambos
Teus pés viriam beijar.

Quando o mundo escravisava
Tua indómita ambição,
Sincero amor não n'o achavas
Nem sequer n'um coração;

Mas quando nas bellas artes,
Nas sciencias tu primaste,
Da terra, do mesmo Empyreo
Terno affecto conquistaste.

Se *combatida das ondas*
És por uma e outra parte,
Põe nos Ceos tua esperança,
Que hão-de os Ceos inda salvar-te.

Não lamentes férreo sceptro,
Que mil odios te ganhára,
Melhor quadra elle nas garras
De Britannia atroz, avára;

Ella ganha-o, e sustenta-o
Por impias revoluções,
Tu por heroico valor
Subjugaste cem nações.

Queira o Ceo que inda decepes,
Por tua gloria infinita,
Essa *Holofernea cabeça*,
Que traições sempre medita.

Florentino, egregio *Dante*
Teu soccorro pedir vem
Um mesquinho forasteiro,
Que d'esmolas se mantem.

Bem sei que pobre te fez
    Teu genio soberbo, audaz,
Envenenou-te a peçonha
    De tua lingoa mordaz:

Mas a esmola que te rogo
    Não peza á tua pobreza,
Que é dos bellos pensamentos,
    Em que tens vasta riqueza.

Tu que os antros infernaes
    Com Virgilio visitaste,
Dá-me agora a fertil penna,
    Com que os quadros teus traçaste.

Se me off'reces ir comtigo,
    Como foste com Virgilio,
Teimarei que nem por sombras
    Quero vêr tal domicilio.

Na sua palavra horrenda
    Me fio completamente,
Na do pio heroe Troyano,
    Na de muita e boa gente.

Mas entrar do Averno as portas,
    Senhor Dante, perdoará...
Tudo, tudo, menos isso,
    Não caio em tal *langará*.

Não tenho a pintar, ó Dante,
Nem taes *circulos*, nem *centro*,
Nem as grandes personagens
Que tu lá metteste dentro.

Cá de fóra, cá de fóra
Algumas cousas verei:
Mesmo só de ouvir contal-as,
Satisfeito ficarei.

Ha *Deleuses*, ha *Rostans*,
Ha por cá muito bruxêdo,
Que tractam c'o pôrco sujo...
Mas eu não, que tenho mêdo.

Além d'isto, se fugindo-lhe
Elle está sempre a tentar-me,
Que faria se ao tal melro
Eu buscasse approximar-me?

Nada, nada, que bem bastam
Os demonios a milhões,
Que trazem caras de gente,
Mas almas como tições.

Nem com *Sino-Salomão*,
Nem d'azeviche com figa
Me livro de que tal casta
De demonios me persiga.

Nem nas praças, ruas, casas,
Nem no mais obscuro canto
Lhes escapo ás olhaduras,
Que me tolhem de quebranto.

Mas em fim vivendo vamos,
Em quanto licença derem,
E o pouco que não comeram
De todo nos não comerem.

Retomando agora a estrada,
Que levava, e que deixei,
A fallar á amavel deusa
D'esta sorte continuei:

Senhora, d'um baile ouvistes
Muito exacta descripção,
E d'este podeis tirar
Para os mais comparação;

Cirne, Freitas, e Teixeira,
Mêna, Almeida, e Cunha Mello
Déram bailes, que imitaram
D'aquell'outro o ricco, o bello.

Nos amaveis pastelinhos
Um brilhava, outro no doce,
Outro brilhava no queque,
Outro fosse no que fosse.

D'esses queques um tal era
Como a roda de um moinho,
Mas por dentro era tão brando
Como fôfo algodãosinho.

Inda os beiços hoje lambo
De lembrar-me que o comia,
Com ser tamanho o passamos
N'um momento á sacristia.

Tambem n'estas assembleas
Duas amaveis meninas,
As attenções attrahiam
Com suas prendas divinas;

Cirne cantando, encantava
De todos os corações,
Tocando Huet os feria
De vivas, ternas paixões.

Afóra os que deixo dictos,
Varios outros passatempos
Dos banhistas entretem
Os fugitivos momentos;

As manhãs leva-as o banho,
O bordado, as costurinhas,
A tarde o vagar nas praias
Semeadas de conchinhas,

Para colher taes conchinhas
Pelas praias salitrosas,
Aureas arêas revolvem
Delicadas mãos formosas.

Assentado n'um penêdo,
N'uma d'estas tardes bellas,
Observava eu a attracção
Entre conchas e donzellas.

Notava Isabel, que o rosto
Compoem de rosa e marfim,
Que ao nascer trouxe na mão
Um guarda-sol de setim;

Guarda-sol e Isabelinha
Peça inteiriça formavam,
Cortar-lhe-hiam fóra a mão,
Mas da mão não lh'o arrancavam.

Era defeito, e não era,
Ninguem mesmo o descobria,
Pesquei-o eu porque vi,
Que nas costas o escondia.

D'Isabel o defeitinho
No reino da moda entrou:
Quer haja sol, quer não haja,
Sempre o guarda-sol reinou.

Em quanto estes e outros casos
Do penêdo vou notando,
Espantosas aventesmas
Para mim se veem chegando;

Se algum'hora juncto ás eiras
Vistes mêdas de centeio,
Tereis ideia das palhas
Que vinham como a passeio:

Cuidando que as aventesmas
Me queriam engulir,
Aos impulsos do meu susto
Deitei com pressa a fugir;

Só me julguei por seguro
Do castello na muralha,
D'onde vi que eram inglezas
Bem carregadas de palha;

Doze molhos cada uma
D'alta painça d'argola
Tinha no caco entrançada
Como em cabos de cebola.

Mas deixando as aventesmas,
Que em bacalhau salitroso
Nos pagam do fertil Douro
O licor mais generoso,

Continuarei relatando
Como *Eunomia*, *Dice*, *Irene*,
Em Leça voando, fogem
No veloz curso perenne:

Uma vez do rio as aguas
Vão sulcando em mil barquinhos
As damas, levando aos lemes
Por arraes os cupidinhos.

Outra vez ligeiro galgo
Timida lebre correndo,
Ella imita agreste Nympha,
Como elle o satyro horrendo.

Outra vez lá vamos vêr
Os dons que nos concedeis,
Oh deusa, quando pescados
Trazem lanchas e bateis.

Mas entre estes passatempos
Por este annel pude vêr
Cousas feias, espantosas
Como agora vou dizer:

Certa dama mui formosa,
Que do esposo é terna amante,
Dizem que dúvidas tinha
De sua fé sempre constante;

E tambem certa menina,
Que trazia em braza o peito,
Desejava dos futuros
Formar seguro conceito.

Vão buscar *Sibylla* annosa
De *Deiphobe* horrenda filha,
Que o porvir lia nas mãos,
Como um môço na cartilha.

Era o tempo em que a Sibylla
Certos mixtos preparava,
Certos oleos, com que o corpo
Muitas vezes besuntava,

Após das damas entrára
Tambem eu mui surrateiro,
Querendo passar por tonto,
Ou por lépido escudeiro.

Enganei-me : que sentida
Na medonha habitação
Foi n'um momento a virtude
Da joia da minha mão.

Espantosas vozerias,
Como em combates de guerra,
Ouvia de toda a parte,
Mesmo debaixo da terra.

Mas as damas nada ouviam,
E a bruxa mui disfarçada
Lhes tomava as niveas palmas,
Na mão tremula e enrugada.

Ás damas mil cousas gratas
A velhinha predizia,
Que ao encarquilhado ouvido
Um demonio suggeria.

E sabendo eu que o demonio
Nada sabe do futuro,
Lhe disse : a que mais não mintas
Por este annel te conjuro.

Dos olhos sulphureas chammas,
Do nariz fumo brotando,
Da bôca liquido ferro
Como baba derramando,

Me responde : como queres
Um castigo embaraçar,
Com que o mesmo Ceo fulmina
A quem nos vem consultar?...

Se na mente póde entrar
De racionaes creaturas
Que possam bruxas ciganas
Revelar cousas futuras,

Da demencia indesculpavel
Terá por penas primeiras
Levar os ouvidos cheios
De imposturas e de asneiras.

Mas é certo, lhe replico,
E não sei porque influencia,
Que este vosso bom negocio
Se acha ha muito em decadencia.

Não sabes, elle me torna,
Porque és mais bruto que esperto;
Pois não vês que outros negocios
Nos dão mais lucro e mais certo?

Não vês esse *magnetismo*,
Comnosco tacito pacto,
Que uns clamam ser fabuloso,
Outros certissimo facto?

Nunca tanto nos rendeu
Judiciaria astrologia,
Necromancias, bruxas, augures,
Como esta nova mania,

Mania a nós gloriosa,
Porque muitos bichos gordos,
Sabichões, medicos, nobres
Cahem n'ella como tordos.

Só as mesas conversantes
Não tem minha approvação,
Por ser n'ellas manifesta
Nossa propria intervenção.

Já *Cognat*, já *Viviers*,
Sabios francezes, tratantes,
As malhoadas descobrem
Das taes mesas conversantes.

Muita gente assim perdemos,
Que era nossa e nos negava,
E por não crêr no diabo,
Ao diabo se entregava.

Juizo teve *Rostan*,
Nosso amigo, que prudente
Prohibiu que alguem buscasse
De taes prodigios o agente;

Como a amigo nos mostramos,
Como sabio elle nos viu,
Como amigo e como sabio
Que os mais vissem prohibiu.

Por meio de taes phenomenos,
Lá nos Estados Unidos,
Grande *seita* já formamos,
Da qual somos bem servidos.

Em fim cresce o nosso imperio
Por mil modos, por mil lados,
Sobre tudo nos paizes
Onde imperam Deputados.

Ora pois, eu sou aquelle
Que tenho uma perna manca,
E que tive a habilidade
De disparar uma tranca:

Queres vêr?... Eu? Nada, nada,
Lhe respondo promptamente,
Do que tens dicto e tens feito
Pódes dar-te por contente;

Não te farei mais perguntas;
Deixa-me em paz aqui estar,
Que só quero d'este canto
Os bruxêdos observar.

Em quanto isto se passava,
A velha lia e relia
Nas mãosinhas, e a suas donas
Maranhões mil embutia.

As damas por fim contentes
Melhor sina á bruxa lêram,
Quando na rugosa mão
Varias moedas metteram.

Mal tinham sahido as damas,
Quando mil risadas soam
Do tecto, do chão, dos lados,
Que meus ouvidos atroam.

A bruxa a tosca janella
Com dez ferros aldravou,
E á desengonçada porta
Sete trancas arrimou,

Então muitas outras bruxas
Pelo tecto entrando vem,
Mostrando respeitar n'esta
Annos d'officio que tem.

Vinham algumas do Algarve,
Outras de Espinho e d'Ovar,
De Villa do Conde e Povoa,
De Espozende e de *Avremar*.

Mil indecentes loucuras
Umas ás outras diziam,
E mais indecentes fórmas
Sem vergonha descubriam.

Eis que chega outra mais môça,
Mui chorosa e maltractada,
Por cabeça, rosto e collo
Vinha toda ensanguentada.

Era uma aprendiz de Espinho,
Que os termos usára errados,
Dizendo quando se ungia:
E por baixo de valludos.

As outras erro tão crasso
Todas junctas lhe estranharam,
E ás lanhadas dos espinhos
Certos oleos applicaram.

A dona da casa então,
Velha caixa escancarando,
Objectos mui variados
Para fóra foi tirando:

Um triangulo equilatero,
Quatro azes de baralhos,
Circulos, cravos, martello,
E grandes cabeças d'alhos.

De animaes esquerdos cornos,
Clarins, cornis, e cornetas,
Varias caveiras humanas,
E mãos de finados pretas.

Estas mãos accendem logo
E sobre a parede as cravam,
Que, como infernaes lustrinas,
Uma luz medonha davam.

Correi, meninas, correi,
Diz a velha ás taes caveiras...
E começam de rolar
Entre os pés das feiticeiras;

Cada uma das caveiras
Arrastou seu instrumento,
Que começou de tocar
Com forte impulso de vento.

Sem ordem, sem harmonia,
Sem alguma afinação
Os instrumentos soavam
Como um rijo furacão.

Alli apparece um monstro,
Meio mulher, meio gato,
Trazendo pendente ao collo
D'*Eugenio Sue* o retrato.

Esta musica vai mal,
Diz com fina voz aguda,
E o tempo ternario bate
Com sua pata cabelluda.

No meio da casa as bruxas
Grande circulo formando,
Mãos direitas ás esquerdas
Umas ás outras vão dando.

Debaixo da terra surge
    Negro chibo desmedido,
Tinha o pêllo de cabrão,
    Tinha de pôrco o grunhido.

Em brancos veos envolvida,
    A cavallo n'elle vinha
Da antiquissima *Palmyra*
    A *myst'riosa rainha*;

Era o chibo a mesma burra
    Sellada por natureza,
Que no *Libano* guardava
    Essa astrologa princeza.

Elle continuas lições
    Lhe dava da *astrologia*,
Que seguida, acreditada
    Na Europa fôra algum dia.

As cautellas, com que a Lady
    A jumenta, e a si previne,
E de que ella prescindiu
    Apenas com *Lamartine*,

Tem por fim cubrir o trato,
    Que com a burra sellada
Elle tem ha muitos annos
    N'essa montanha escarpada;

De noite em chibo se torna
A baia burra syriaca,
E comsigo a longes terras
Leva a rainha maniaca;

Por sceptro na dextra tinha
Telescopio em forma cónica,
Na esquerda tinha o *Thalmud*,
E a bibliotheca maçonica.

As bruxas com mil rizadas
O felpudo saudaram,
E as caveiras grandes olhos
De vivas brazas mostraram.

A desafinada orchesta
Os ouvidos estrugia,
Em quanto o *hybrido* monstro
Rijo compasso batia.

Das bruxas o grande circulo
Se agitava com furor,
Tendo por centro o cabrão,
Que exhalava atroz fedôr.

Por saudarem o felpudo
Paravam de quando em quando,
Que acceitava os cumprimentos
Negra cauda alevantando;

Uma a uma se chegava,
E lhe pespegava um beijo
No tal olho menos limpo
C'o mais pasmoso despejo.

Tambem a mão beijar querem
A Stanhope, alta rainha,
Mas ella não quer mostrar-lhes
Nem d'um só dedo a pontinha,

E em resposta a taes obsequios
Sómente dizer-lhe ouvi:
Vai com Dis, vai pra Diable
Kiss em chiba dar vóci!...

Terminado o baile accendem
De *cire mustache* uns côtos,
Que por horas mortas roubam
Pelos quartos dos *janôtos*.

O grão chibo então se assenta,
Ellas, c'os côtos na mão,
De seus torpes maleficios
Exactas contas lhe dão.

Elle agradece, ou premeia
Com justiça muito igual
Áquella que vemos hoje
Practicar-se em Portugal:

Uma que era *corpo aberto*
E dez almas tinha em si,
Teve Carta de Conselho,
E fitas d'aqui, d'alli;

Outra que chuchado havia
Mais de trezentas creanças
O titulo de Barôa
A passar em tres heranças;

Outra que tinha roubado
Sagrados Vasos e Altares,
Teve a Intendencia geral
De espeluncas e bilhares;

Outra que se distinguíra
N'um solemne desacato,
A Ordem da Cabra Loura
E de *Marcos* o retrato.

Tambem pelas mais perversas
Medalhas de Eugenio Sue,
Com larga munificencia
O grão chibo distribue.

As menos maliciosas
Repr'endia, e protestava
De negar-lhe o rabo aos beijos,
Se o seu genio não mudava.

A rainha de Palmyra,
A grande Lady Stanhope,
Muitas medalhas de *estanho*,
Que mandou cunhar em *Joppe*,

Tambem reparte; mas rosto
Nem mãos quer alli mostrar;
Comeu por isso as medalhas,
Para pelo anus lh'as dar;

Tinham estas bella effigie
De *Volney*, sabio profundo,
Que com *Ruinas de Palmyra*
Quiz em ruinas pôr o mundo;

Cada bruxa a receber
A medalha ao c... chegava,
Que a rainha promptamente
Com *treze* estrondos lhe dava.

Depois, como d'um morteiro
Tremendo estouro se ouviu
E a terra abrindo uma bôca,
Chibo e rainha enguliu.

Ficou inda o tal demonio
Que uma tranca disparára,
E que durante o bailado
N'um caibro se empoleirára;

D'alli, repuxando ourina
Pela cara ás feiticeiras,
As finadas mãos borrifa,
Como os olhos das caveiras.

Logo diz: a casa, a casa...
E as caveiras vão rolando,
E as vivas brazas dos olhos
Se lhes iam apagando.

Toca a safar, diz ás bruxas,
Amiguinhas de Peniche,
As carinhas não laveis,
Se quereis que vos esguiche.

Com est'agua de Lavander,
Que mais alvas vos fará
Que algodão da *Groenlandia*,
Que neve de *Panamá*;

E se n'esses mesmos rostos
Quereis ter de rosa a côr,
Um guardanapo de França
Vou dar-vos inda melhor.

Parece de papel pardo,
Mas deve ser estimado,
Ha seis mezes que com elle
Sempre o c... tenho limpado.

Deixando cahir o trapo,
Outro estouro tambem deu,
E pelo telhado fóra
Como fumo se escondeu;

Mas o estrondo foi menor,
Não causava grande susto,
Era como o da castanha
Que arrebenta n'um magusto.

Que tremenda bulha então
Alli vejo suscitar-se
Entre velhas, novas bruxas
Ricco trapo a disputar-se?

Se algum'ora vós notastes
Quando Principe grandioso,
Hospedado em pobre terra,
Quer mostrar-se generoso,

Das janellas lançar manda
Miudo cobre e pratinha,
E os rapazes se agglomeram
Apanhando á *rebatinha;*

Sabereis como as taes bruxas
Disputando o guardanapo,
Pelas trombas umas d'outras
Vão lascando crú sopapo.

E já com tremendas unhas,
Como as do louco *Roussó*,
Os focinhos se alanhavam
Sem compaixão e sem dó.

Interpôr a auctoridade
Quiz então a bruxa velha,
Mas algumas a travaram
Da emmaranhada guedelha.

E como das mãos faziam
Para os côtos castiçaes,
Luzinhas que hiam mostrar-se
Lá por cima dos pinhaes,

Nas guedelhas prende o fogo
Da triste velha mesquinha,
Que alevanta labaredas
Como carqueja em cozinha.

Em momentos fica o caco
Como um perfeito melão,
Differindo só na côr
Que era como a d'um tição.

Aqui d'El-Rei, clama a velha,
Que anda o fogo em minha casa!
Aqui d'El-Rei, fogo grande,
Que Leça toda se abrasa!

Então corre com presteza
Para a janella a gritar,
E as outras com negro mixto
Se entram logo a besuntar.

Por esses telhados fóra
São levadas n'um momento,
As luzinhas vão brilhando,
Correm como o veloz vento.

Quanto a mim, de susto e zanga
Dava voltas como as osgas,
Por me vêr alli mettido
Em tão miseras *entrosgas:*

Que dirá de mim agora
De Leça a população,
Do castello inconquistavel
Valorosa guarnição?

Á testa de sete cabos
Lá vem o *Sêr* Regedor,
O *Mathozinho* senado,
O recto Administrador;

Lá vem o polido *Gêmas*,
Boticario, e *Carniceiro*,
Que aos banhistas sem dó rapam
E sem consciencia o dinheiro.

Que dirá toda esta gente,
Quando fechado me achar
C'uma velha meia assada,
Como um demonio a berrar?

Na verdade sou tam asno,
E me enredo em taes mexidas,
Que bem mereço me ponham
Orelhas como as de *Midas*.

Pensamentos taes volvia
Na cabeça perturbada;
Por fim animo cobrando,
Digo á velha chamuscada:

Oh bruxa de satanáz,
Que te abro de meio a meio,
E com ambas as molêtas
O espinhaço te derreio!...

Se a porta me não destrancas
Por tua myrrada mão,
D'aqui já vou accusar-te,
Metter-te n'um cagarrão...

Abrindo ella a porta então
Para a rua me safei,
E ao dar um ai de contente,
Outra cousa tambem dei.

FIM DO CANTO NONO.

CANTO DECIMO.

Ante os olhos temos sempre
Vulgarissimo animal,
Que entre os homens hoje póde
Pòr cadeira de moral.

Se hoje os homens a virtude
Despresam da gratidão,
Ind'hoje a conserva pura
O fiel, amante cão.

Ao seu Deos, seu pae, seu rei
Póde um homem ser traidor;
Não póde ser infiel
Um cãosinho a seu senhor;

Nocturno crime urde o servo,
Forja o cortezão no paço,
O cão por velar seu dono,
Nem se entrega a somno escaço.

O Ministro a patria rouba,
O Conselho os reis engana,
Em quanto o cão veda os roubos
No palacio e na choupana.

Muita vez viuva e filhos
Do prazer já toma o sôno,
Em quanto o cãosinho expira
Junto á campa de seu dôno.

Contra seu pae póde um filho
Parricida braço armar;
Póde o cão fiel ao dono
De cruel morte salvar.

Em quanto os irmãos a irmãos
Se dilaceram, se comem,
O grato cão lambe os pés,
Acompanha, guarda o homem.

Na verdade, ó cão, tu pódes
Doutrinar a raça humana,
Pódes depôr contra ella,
Accusal-a de tyranna.

Não podendo tolerar
Teu exemplo e accusações,
Hoje as Camaras te tractam
Peior que aos mesmos ladrões,

A dura prisão perpetua
Sem processo te condemnam,
E se a liberdade buscas,
Sem processo te envenenam;

E no excesso da demencia
Tributos chegam a impor
Contra quem te conservar
Por utilidade e amor.

N'um pobre quarto vivia
Amargurado ceguinho,
Sem ter outra companhia
Além do fiel cãosinho;

O cão guiava o ceguinho
Pelas ruas populosas,
Indicava-lhe as escadas,
As passagens perigosas;

Ás casas caritativas,
Que muito bem conhecia,
Em dias determinados
O bom cego conduzia.

O cego fez mil esforços
Sem poder nunca junctar
Do malvado imposto a somma
Para a vida ao cão salvar;

Desprovido da colleira
Vigia algoz o encontrou,
E co'a *pilula* fatal
Em momentos o acabou.

Melhor arbitrio eu lembrava,
Fundado em melhor principio:
Que acabassem d'uma vez
Co' as pulgas do municipio;

E se alguem quizesse ter
Animaes de raça tal,
Désse um pinto por cabeça
Ao poder municipal.

Essas pulgas que ficassem
Deviam trazer colleiras,
Aliás seriam mortas
Ás crueis mãos *caceteiras*.

Então que rios de prata,
Á Camara correriam!
Uteis *Obras da Batalha*,
Do Bolhão se acabariam:

Até póde ser que então
Algum pintinho crescesse
D'esses bairros predilectos,
Que aos *bastardos* abrangesse;

Póde ser que por ser fossil
    Pelo chão c'os pés andar,
Todo o municipio andasse
    Com as pernas para o ar.

Mas emfim, metter não devo
    Em seara alheia a fouce,
E passo a dizer porque
    Os cãesinhos aqui trouxe:

Taes viventes não só tem
    Olfato raro e finissimo,
Mas ainda no uso d'elle
    Gosam d'instincto vivissimo.

Se em jornada o dono amado
    A longes terras seguindo,
Succede roubar-lh'o á vista
    Duro acaso sobrevindo,

C'o nariz no chão cozido,
    Lá vai na estrada apressado,
Correndo em cata do dono,
    Da saudade aguilhoado.

Mas ai! que difficuldade
    Que se off'rece ao pobresinho!
Uma cega encruzilhada
    Que se encontra no caminho...

Não, não pára, farejando
Uma estrada, duas, tres,
Pela quarta vai correndo
Sem farejar quarta vez.

Até que topando o dono,
Que já d'elle se esquecia,
Agita a fagueira cauda,
Grita, exulta de alegria.

Chamando agora ao meu caso
O que do cão tenho dicto,
Vai conhecer o orbe todo
Quanto devo achar-me afflicto.

Divagando pela Italia,
Nem caminho, nem carreira
Posso achar, nem vejo mais
Do que a míope toupeira.

Se ao menos nariz de cão
Eu tivesse n'esta cara,
Algum vate caridoso
Promptamente farejára;

Mas estou só como o cão
Junto á cega encruzilhada,
Sem com tudo ter o faro
Para escolher certa estrada.

Os bemfeitores de Italia
    Já tenho escorrupichado,
Uns tem dado muito pouco,
    Outros nada me tem dado.

Ir pedir á Inglaterra,
    Seria forte loucura,
Que acabo de pôr-lhe á mostra
    Feia calva, e matadura;

Ha lá *Milton*, *Shakespear*
    Ha lá *Dryden*, *Ossian*, *Pope*,
E póde ser que entre os beefes
    Mais algum vate se tope.

Mas se tenho esta mania,
    Herdada de avós, de paes:
Assim que pescar Inglez
    Lhe digo: *Go dem'youryes...*

Ora, assim que ouvem tal phrase,
    Que não sei como os obriga,
Tremenda roda de couces
    Querem dar-me na barriga;

Mas não sendo eu muito affecto
    A tão civis comprimentos,
Das garupas me desvio
    De taes burros, taes jumentos.

Para ir buscar Francezes,
Que são mais meus favoritos,
Elles hoje lá se matam,
Como quem mata mosquitos,

Màs se tenho isto comigo
(Perdôe a nação Franceza),
O não gostar que me espichem,
Mesmo com delicadeza!...

Sobre este medo, outro tenho:
Que, entre *Racines*, *Boalós*,
Não vá eu dar c'os focinhos
Em *Voltéres*, ou *Roussós*.

Para demandar a Hollanda...
Eu só lá banqueiros vejo,
E não m'appetece agora
Encher o papo de queijo.

Pois ir aos Paizes Baixos
Nem por sombras: isso irra!
Que os paizes baixos lançam
Cheirinhos da minha embirra.

Nem me puxa a natureza
Que vá buscar a Suissa,
Nem ouço de lá canto algum,
Só se fôr o da carriça.

Pois n'essa Allemanha e Russia
Eu nem quero ouvir fallar:
Se lá me apanhavam c'os ossos
Na Criméa vou malhar.

D'aqui, d'alli, d'acolá,
Tal, et cætera, sim senhor...
Ir agora ter a Hespanha
Talvez seria o melhor.

Bons amigos tenho lá
Por Aragão, por Castilla,
Tenho *Quevedo* e *Feyjóo*,
Tenho *Rancio*, e *Hermosilla*.

E se inda aspirasse a ser
Deputado em Portugal,
Fray Gerundio de Campazas
Era um mestre sem igual:

O peior é que na Iberia
Se fallo em *Reina amada*,
Tenho certa na barriga
Formidavel estocada;

Se me mostro apaixonado
Da *innocente Isabelinha*,
Fazem de mim o que fazem
Os Gallegos á sardinha;

Se digo ser de *Dom Carlos*,
Vem os da mãe e da filha,
Que me rasgam pelo meio,
Como quem rasga a rodilha.

Se mostrando a calva digo
Ser um ministro do Altar,
Em *Marat*, em *Robespierre*
Melhor era lá fallar...

Bella idéa já me occorre:
Sem metter-me n'estas pêtas,
Entro a dançar o fandango
Com pandeiro e castanhêtas.

Vou cantando cegadilhas
De *Cervantes* e de *Yriarte*,
E intacto como *Vidréra*
Passarei por toda a parte.

Venid a escuchar mi canto,
Zagalillas mas hermosas,
Traigo pandero encorado,
Traigo coplas primorosas.

Ri ti pli, taplá, taplá,
Con el códo e con el dedo
Por limosna me enseñad,
La puerta de Don Quevedo.

Alla bajan cien pastoras
Que no las pintan pinceles,
Tan hermosas ellas bajan
Todas cobiertas de peles.

Con el dedo ri ti pli,
Con el côdo ra ta plá,
La puerta de Don Quevedo,
Zagalas, d'onde será?

Por un rato abandonad,
Zagalillas, el ganado,
Que de ovejas e cabrillas
El amor terá cuidado

Ri ti pli, taplá, taplá
Con el côdo, e com el dedo,
Por limosna me enseñad
La puerta de Don Quevedo.

Finalmente á vossa porta
Sou chegado, sabio illustre,
Engraçado, original
Quevedo da Iberia lustre.

Eu tenho boa batata,
Mas não pyramide de Egypto,
Tan fiera não é como essa,
Que en Anaz fuera delicto.

Isto por senha te dou
De ser amigo de veras,
E por contra-senha dou-te
Sueño de las calaveras.

Influencias vem pedir-te
Um mesquinho vagabundo
D'esse teu genio inventor,
Inexgotavel, fecundo.

Não és capaz de negal-as
A velho, constante amigo;
Contando com tal soccorro
No meu canto já prosigo.

Varios casos, circumstancias,
Tethys benigna, hei contado,
Pelos quaes vosso juizo
Tereis de certo formado;

Por ventura muito menos,
Ó deusa, sobejaria
Aos fins que tem projectado
Voss'alta sabedoria;

Mas conta a minha ignorancia
Com tanta benignidade,
Que um caso mais vou contar-vos,
Se fôr de vossa vontade;

Tambem quizera que Pristis
D'esta joia, que me deu,
Ouvisse os effeitos raros,
Que na terra promoveu.

Tethys então: por mui paga
Me dou da fidelidade,
Com que teus pinceis me pintam
O estado da sociedade;

Agora esse novo caso
Nós folgaremos de ouvir:
Refere-o com circumstancias,
Que nos possam divertir.

Assim, prosegui dizendo:
Pelo rio divididas
Estão Leça e Mathozinhos,
Pela ponte reunidas.

Pondo de parte os banhistas,
População numerosa
Ambas as terras possuem
Esperta, laboriosa.

Os homens mais tempo habitam
Teus dominios dilatados,
Ó Tethys, que sobre a terra
Em que os homens são creados.

Este reino que tu banhas
Em toda a sua extensão,
E em grande parte alimenta
Tua benefica mão,

Por elles é que recebe
Os dons que tu lhe repartes,
Assim como em toda a costa
Em mil praias, em mil partes.

Verdade é que muitas vezes
Tuas iras despresando,
Em fragil lenho se arriscam
A naufragio miserando;

Mas se isto prova a miseria,
Que os impelle desabrida,
Como vem rapaces féras
Comer-lhe inda o pão da vida?...

Cruel, iniquo tributo
Vem roubar ao pescador
O fructo de mil perigos,
Da coragem, do valor.

Uma das causas é esta,
Que determina a mór parte
A demandar longes terras
Com trabalho, engenho e arte.

Assim vemos nas duas terras
Quasi mulheres sómente:
São a irmã, a esposa, a filha
Do varão que se acha ausente:

Ora, d'esta longa ausencia
Nasce uma triste incerteza,
Que ás vezes produz desgostos
De funesta natureza.

As *Penelopes* de Leça
Seus *Ulysses* esperando,
Nem por isso afflige muito
De *Procos* teimoso bando;

Mas d'aquellas que Hymeneu
Em seus laços não tem prêsas,
Eu poderia, Senhora,
Contar-vos altas proezas:

O que em graças tem de menos,
De menos em formosura,
Ellas o tem de sobejo
Na esperteza e na finura.

Como vêem que as náos seguram
Viradores, cabrestantes,
Assim ellas se precatam
Com dous, tres e mais amantes.

Para melhor entenderdes
O caso que vou contar,
Julguei preciso illustral-o
Com este preliminar.

Bem segura se cuidava
A tres amarras Corina,
Mas a todas viu quebrar
Por cruel sorte mofina;

O Potrica, o Isidóro,
O Filippe Palrador,
Os dous primeiros marujos,
O terceiro lavrador.

Os marujos por acaso
Tinham chegado d'America,
Dentro na mesma semana,
Na verdade *climatérica.*

Uma tal coincidencia
Punha Corina em tortura:
Mas sendo d'estas matreiras,
Que dão verde com madura,

Assentou em conservar
Os papalvos todos tres,
Admittindo na audiencia
Cada um por sua vez.

Mas nas tardes dos domingos
Era o caso perigoso,
Porque aos tres ao mesmo tempo
Dar cavaco era forçoso.

Sendo fertil em recursos,
Estratagema estudou,
Que c'uma avó velha e relha
Habilmente combinou:

Da parede ouvia a um,
Do postigo outro escutava,
Ao terceiro da portinha,
Que em diversa rua dava.

Quatro vezes cada hora
A mestra abelha chamando,
Dá pretexto á innocentinha
Para os tres ir alternando.

D'uma casa mui chegada
Pude uma vez observar
Tal comedia, e dos actores
Mesmo as phrases escutar.

Ai Gidorio, diz a nympha,
Quem te biu de pequenino,
Crearem-te para crelgo,
E acabares pelingrino!...

Um'ora á Debinamarca,
D'oitra bez baes ó Pirú...
Má mez p'ra quem ganha freimas
Por marinhos como tu.

S'ando com'o pelingrino
Por esses mares de Deus,
Elle responde, é menina
Por amor dos olhos seus.

Quando venta, molha a véla,
Deixe o barco navegar,
Que no seu porto, menina,
A fateixa ha-de deitar.

Ind'ha *poucu-cá-ganhou-se*
Bô carôço em *Mustardão*:
Agora viro de escôta,
Vou a *Xeringapatão*.

Se sou navio mercante,
Tu és a cruel corsaria,
Que a carga dos meus affectos
Toda roubas, ó falsaria.

N'este comenos, de dentro
A raivosa velha grita:
Cori, Corina, onde estás?
Hei-de atar-te c'uma guita.

C'um *pêdro-luiz* n'um dedo,
C'um *sarilho* nas guelas,
Com este *claustro* nas costas
E *salomão* nas canellas,

Não tenho quem de mim tracte,
Nem que um pontico me dê,
Tenho as fraldas empastadas
De papas, ou não sei que!...

Eu volto já, diz Corina,
Qu'inda ha muito que dizer;
E sem vêr sequer a avó,
Vai o Filippe entreter.

Oibes tu, meu Fulippinho,
Isto num tem geito assim;
Andar tôdalas sumanas
Sem te bêr, nem tu a mim!

Pois qui queres, elle torna,
Se por ser dos mais fieis,
O patrão me empurra sempre
As *croacas dos Carteis*?

Na renda que d'ellas paga
Bô lucro tira o patrão,
Mas eu sou que amargo e chucho
O que as taes croacas dão.

Dos estrumos da cidade
Ninguem n'o póde fartar,
De sorte que oitras sacrétas
Inda me manda probar.

Poil-os bugias da Cambra
Gente e carro embargo ás bezes,
Como um me fez na Batalha
Stoitro dia, ha barios mezes;

Foi p'ra tiral-a montanha
Que junto ao triato fez
Pelo muito que comeu
Um delicado braguez;

Era com'a serra d'Ossa,
Ao bêl-a todos pasmábom,
E olicos de ber ao longe
Das jinellas lhe deitábom.

D'uma bez lubar num pude
O que d'uma bez obrou;
Terrinha aonde elle chegue
Do preço o estrume baixou.

Bedes bós que taes guizotes
Todo o dia ando a probar,
Espetado n'elles ando
Toda a noite a carregar ;

E já beiços e narizes
Trago tão enfastiados,
Que tomara os cus do Porto
D'uma bêz todos tapados.

«Cori, Corina» outra vez
De dentro clama a velhinha;
Lá vai Corina ao Potrica,
Que está esperando á portinha.

Em perpetua roda viva
Toda a tarde anda a donzella,
Da parede para a porta,
Da porta para a janella.

Cada um dos tres cuidando
Unico ser, ser primeiro,
Triste acaso lhe revela
Os tres gallos n'um poleiro.

Na esquerda margem do Leça,
Na alameda, ao fim d'um dia,
Muita gente se junctára
Vindo d'uma romaria.

O Palrador toda a tarde
A Corina acompanhára,
E na viola, e no canto
Seus encantos celebrára.

E n'estes cantos passaram
Ambos juncto do Potrica,
Que, ao vêr tal, como uma estatua
De frio marmore fica;

Tambem chega, e tambem fica
Vermelho, como um tomate,
Isidóro, o marinheiro
Com seu barrete escarlate.

O Potrica rompe o fogo,
Dizendo: Labroste sujo,
Que diacho t'atentou
A zombares d'um marujo?...

Isidóro, por sua parte,
Tambem diz: á su birbante,
Deixe a môça, largue a môça,
Ou pilei-o n'este instante!...

Você mette-se com gente
Que c...ga sempre nos mares,
E c'um bufo que lhe dê,
Vai você por esses ares!...

Deixe a môça, largue a môça,
Essa môça que lhe importa?
Ou pôr-se d'aqui cem leguas,
Ou lhe ponho ess'alma torta...

O meu amigo carreiro,
Sem responder palavrinha,
Com a viola desanda
Pelo caco ao Potriquinha.

Á violencia da pancada
Logo a potrical cachola
Ambos os tampos arromba
Da desmedida viola;

Seguro pelo pescoço
Jaz o pobre do Potrica,
E c'os bordões da viola
Inda mais seguro fica.

Então chega-se Isidóro
Com medonha catadura,
Mas tambem pelo pescoço
O Palrador o segura.

Já se vê rosto e vestido
Do Potrica ensanguentado;
E lingua de palmo e meio
Deita Isidóro esganado.

Á vista do rubro sangue,
A *Cleopatra* de Leça
Intentava separar
A miseranda tripeça;

Mas era baldado esforço,
Que o valente lavrador
Nos ferreos braços prendia
Um e outro contendor;

Então clama angustiada:
Ah Fulippo, Fulippinho,
Deix'ó probe do Potrica,
Num mátel-o Gidorinho!

Os dous prêsos, meio tontos
Em tal aperto se achavam,
E com vozes suffocadas
Assim mesmo ambos clamavam:

«Deixe a môça, largue a môça»
Isidóro repetia;
O Potrica, sem cessar,
«Çujo labroste» dizia.

Do placido Leça as aguas
Muitos barquinhos cruzavam,
E ao verem tal tempestade
Na terra, a terra abordavam;

Muitos homens se assentavam
Nas guardas da longa ponte,
Uns correram á desordem,
Outros viam-n'a defronte.

Varios heroes empregaram
Os esforços derradeiros
Por sacar das ferreas unhas
Do labroste os marinheiros ;

Mas tinha mãos tão robustas,
Tinha braço tão valente,
Que zombava dos esforços
De tal multidão de gente.

O peior era que as ondas
Do povo, que redobravam,
No recinto d'alameda
Em que estava me estreitavam ;

Do logar em que me achava
Nem me podia safar,
E por fim já nem podia
De apertado respirar.

Do meu annel, por acaso,
Na desordem tumultuosa,
Para a palma se voltou
A bella pedra preciosa.

Que phenomeno espantoso
Começa então de observar-se,
Quando o carbunc'lo do annel
Na mão começa a apertar-se !...

Em tiroteios de traques
Os cús todos resoavam,
Nem um só ficou calado
De quantos alli se achavam;

Eram pasmosos, horrendos,
Como os estouros de obuz,
Os do labroste, e miudos
Soavam: truz, catatruz;

Os do povo eram communs,
E mesmo nada admiravam,
Mas nos barcos uns se ouviam
Como gatos que miavam;

Assim devia de ser,
Porque os senhoris trazeiros
Não cantam lá como os outros
Que dão roncos mui grosseiros.

Então me lembrou de Pristis
Certa recommendação,
E comecei de apertar
Inda mais o annel na mão;

Logo passa a tempestade,
De puras ventosidades
A sólidos mais compactos,
A palpaveis realidades;

As calças todas manchadas,
Vestidinhos de cambraia,
Já se viam na alameda,
Nos barcos, na ponte e praia.

Por méra curiosidade
Meu annel mais apertando,
Então se viram dos rabos
Mil esguichos repuxando.

Em momentos se despeja
D'alameda a grãa planicie,
E os barquinhos vão varrendo
Das aguas a superficie;

Porém alguns, que da ponte
Os arcos atravessaram,
Ás senhoras que levavam
Novo trabalho causaram,

Porque os que estavam nas guardas
Da ponte, por muitas partes,
As cubriram de mostarda
De *Pedro de Malas-artes*.

O valente Palrador
Os seus rivaes deixou logo,
E cáda um foi seccar
As cuecas juncto ao fogo.

Quem d'este caso se rir
 Seja prêso n'uma torre,
Porque ninguem n'este mundo
 Veste calças que as não borre.

FIM DO CANTO DECIMO.

CANTO UNDECIMO.

Quem se cança a demonstrar,
Em paginas eruditas,
Que a natureza dos homens
É serem *cosmopolitas*...

Quem se estafa, e o mundo estafa
Co'a tresloucada mania
De introduzir o systema
De facil *pasigraphia*...

Quem se mata por fazer
Das nações uma nação,
Mas ataca ao mesmo tempo
Do amor a *Religião*...

E enchendo de paradoxos
Livros mil, e mil gazetas,
Quer tirar o eixo dos pólos
Nas sociedades secretas...

Na secreta deveria
Ter os focinhos mettidos,
Por não vêr sempre na praxe
Seus escriptos desmentidos.

E que vasto mar de sangue
Mana da especulação
Que no papel traça um homem,
Mas que de um Deos risca a mão!...

De pobre rustica aldêa,
Demandando outro hemispherio,
Vai buscar imberbe moço
Opulento ricco imperio;

Predilecto da fortuna
Juncta em breve montes d'ouro,
E a chave d'este metal
Das honras lhe abre o thesouro;

Mas no meio de taes honras
O rebanho que pascêra
Na memoria tem gravado,
E a choupana em que nascêra.

Por fim triumpha a saudade,
Das honras, do cabedal;
Lá deixa os salões doirados,
Volta á choça paternal;

Aos olhos lhe assoma o pranto
    Vendo a choça em que nasceu,
E despende largas sommas
    Para honrar o ninho seu.

É preciso ter no peito
    Um coração de panthera
Para não abrigar n'elle
    Tão grata affeição sincera:

Tão commum, tão simples facto
    Arranca ao philosophismo,
E lhe atira pelos ares
    Todo o seu cosmopolismo.

As pestanas queimo ha muito,
    Por essas noites tamanhas,
A estudar, lêr e fallar
    Algumas linguas estranhas;

Mas ao vêr que mal conheço
    Apenas duas ou tres,
A maldição de Babel
    Me lembra uma e outra vez:

E este facto tambem prova
    Ao senhor philosophismo,
Que lá vai por esses ares
    Todo o seu pasigraphismo.

O mancebo heroico emprega
Incansavel diligencia,
Golfos, mares atravessa
Ajudado da sciencia;

Outro a vida baratêa
Defendendo a patria amada,
E mostra de cicatrizes
O peito, a frente crivada;

Um locupleta, outro salva
A sua propria nação,
E por taes meios fizeram
Da riqueza a acquisição.

Pelo contrario outros jazem
Entre os braços da preguiça,
E só dos bens que outros ganham,
Não de gloria, tem cubiça.

Pois d'estes só toma a parte
O senhor philosophismo,
Chama roubo á propriedade,
Deifica o communismo.

Prégai vós aos corcovados,
Amiguinhos de Peniche,
Que eu por mim vos esconjuro
Com mil figas de azeviche;

E como não bebo nada
Dos philosophos da moda,
Mas das fontes crystallinas
De illustres sabios sem noda,

Tomando só de *Bonald*,
De Maistre, *Rancio*, *Hermosilla*,
Barruel, *Bergier*, *Vicco*,
A sciencia dos ceos filha,

Pego na pasigraphia
E juncto ao cosmopolismo,
Reunindo ambas de duas
Ao roubador communismo,

E tendo de taes palhadas
Feito volumosa rima,
Atiro tudo á secreta,
E depois c..go-lhe em cima.

Por taes razões vou deixar
A Iberia dilacerada,
E vou entrar exultando
Em Lysia infeliz e amada.

Verdade é que o rijo braço
Que te açouta não descança,
E que vejo em ti mais chagas,
Que na Italia, Iberia ou França;

Mas ai! que os mesmos açoutes
Me vareja a dura mão,
E os espinhos que te pungem
Traspassam meu coração!

Como o filho a mãe queixosa
Acompanha nos lamentos,
Assim teus males eu choro,
Dos teus faço meus tormentos.

E voltando á patria minha
Eu te pergunto, ó Macedo,
Como póde ser que a Lysia
Tenha a um tempo amor e medo?

D'aqui vejo mil punhaes,
Vejo horriveis cataduras;
D'acolá serenos rostos,
Porém tintos d'amarguras;

Os que ferem e os feridos,
Os famintos e os cevados
São nascidos d'um só ventre,
N'um só peito amamentados.

Lá dizes que os *Burros* teus
Me darão resposta certa,
E descubrirão do enigma
A metaphora encuberta.

Muito bem, muito obrigado,
Senhor José Agostinho;
Não vê que de burros fujo
Á garupa e ao focinho?

Não tem Vossa Senhoria
Riquezas em verso e prosa,
Com que acuda a um seu patricio
Com larga mão generosa?

Nada responde Macedo
Senão — Burros e mais Burros —
E por todo o Portugal
Ouço zurros e mais zurros.

D'esta sorte só me resta
A tal fado resignar-me,
E a muito couce e dentada
Paciente sujeitar-me.

Ai! que na bôca do estomago
Com ambas as ferraduras
Um dos taes já me empanzina,
Ai! que dôres, que amarguras!...

Ai! que outro no dextro braço
Co'a dentuça me filou!
Ai! que outro pelas ilhargas
Dez patadas me arrumou!

Lá vem outro sobre mim
Sem albarda a galopar,
Que até mesmo em tres vintens
Um couce é capaz de dar!

Já vejo que praças, ruas
Transitar não poderei;
Vou vêr se n'algum cantinho
Tanto couce evitarei.

Vou para sempre habitar
Lá n'umas aguas-furtadas,
Porque aos altos sempre chegam
Menos couces e dentadas;

E os Burros do bom Macedo,
Como elle a *Besta*, *esfolando*,
Minhas mágoas e as da Patria
Irei triste consolando.

Agora tu, lyra amiga,
Deixa as cordas afinar,
Que inda temos grandes feitos,
Raros casos que cantar.

E já, terminado o fio
Do discurso que tomei,
Estas poucas expressões
Reverente accrescentei:

Excelsa deusa dos mares,
    Nymphas bellas e fieis,
Eu vos rogo que a rudeza
    De meus termos desculpeis;

Não medi vossa bondade
    Por essa bondade humana,
Muitas vezes apparente
    Com que o homem outro engana.

Sei que os deuses lêem nas almas,
    Que prescrutam corações,
Então não curei de termos,
    Não limei as expressões;

Nos meus quadros só tractei
    Da verdade rigorosa
Nos usos de varias classes
    D'esta terra desditosa.

Voltando agora a meus lares,
    E beijando a vossa mão,
Levo de vós mil saudades,
    Vós levaes-me o coração.

Então me responde a deusa:
    O' mortal, tu que soubeste
Ganhar a minha affeição,
    Pelo bem que procedeste;

Tu que a palavra que dás
Sabes cumprir fielmente,
Que abominas a traição,
Que fallas sinceramente,

Nos mereces que comtigo
Tractemos da mesma sorte,
E assim vaes vêr como os deuses
Tem na mão a vida e morte.

Vou desvendar os teus olhos,
Teus ouvidos vou tocar,
Porque os arcanos celestes
Tu possas vêr e escutar.

Como outr'ora o pio Eneas
Entre as chammas crepitantes,
Na extrema noite de Troya
Viu dos deuses os semblantes,

Porque a *mãe*, a cujo aspecto
O espumoso mar irado
Acalma as ferventes vagas,
E seus pés beija humilhado,

Porque a mãe lhe concedeu
Vêr de Neptuno o tridente,
E vêr nas troyanas portas
A cruel Juno inclemente...

Assim te concedo agora
A perpetua faculdade
De vêr dos supernos numes
A sublime magestade;

E de ouvires, de saberes
O que querem decidir
As potentes divindades,
Que altos crimes vão punir.

Tu, *Lychas*, que o meu poder
N'esta rocha transformou,
Quando o forte, herculeo braço
Pelas ondas te arrojou,

Porque vi que injustamente
O thebano heroe punira
A culpa de lhe levares
Dom fatal de *Dejanira*,

Aplana a escabrosidade
De teu corpo colossal,
E logar cómmodo presta
Ao concilio divinal.

Á palavra poderosa
Da deusa, a rocha tremeu,
E as saxeas prominencias
Dentro em si mesma escondeu.

Bem sabeis, prosegue a deusa,
Que prefiro este logar
A todas as outras rochas
Que se elevam sobre o mar.

Por isto ao ceruleo Jove
Roguei que determinasse
Que o concilio, que hoje temos,
Aqui mesmo se ajunctasse.

Tu, Tritão, convoca os deuses
Á voz da equorea corneta,
Uma vez que de teu pae
És o correio, és trombeta.

Obedece o regio joven
A tal ordem sem demora,
E por sete vezes toca
A enorme tuba sonora.

Primeiro que todos chega
O grande padre *Oceano*,
Como esposo abraça a Tethys,
De esposa tal como ufano.

Após este outros mais chegam,
Cada um por sua vez,
Um *vermelho*, outro mui *branco*,
Outro *negro* como pêz;

Um parece *congelado*,
    Outro *n'uma estrella absorto*,
Um parece já *corrupto*,
    Outro agora mesmo *morto*.

Lá vem um na companhia
    De descommunal *gigante*,
Mostra um rosto *pacifico*,
    De *enterrado* outro o semblante.

Muitos mais alli se ostentam
    Menos fortes poderosos,
Mas de aspecto mui soberbo,
    De seu *archi* mui vaidosos.

Mostra um por distinctivo
    Fulgente estrella *polar*,
Um de *Lazaro* a mortalha,
    Alguns as *aves do ar*.

Mas o mais pasmoso d'estes,
    Vindo lá da zona tórrida,
Era o que vinha escoltado
    De cohorte grande e hórrida;

Trinta mil *cirurgiões*
    Esta cohorte formavam,
Uns se armavam de escalpello,
    De seringa outros se armavam;

Quando vi tantas seringas
Lá das Antilhas chegando,
(Salvo seja!) tal logar
Por cautela fui tapando.

Lá vem *Glauco*, que comsigo
Sempre traz grande porção
Das hervas, de que despoja
As praias por precaução.

Chega *Nereo*, chega *Doris*,
Que a seus paes a mão beijando,
O logar que lhes compete
Entre os outros vão tomando;

Mas aspecto magoado
Os consortes ambos tinham,
E muitas vezes o pranto
Em seus olhos não continham.

D'outros deuses, d'outras nymphas
Grande copia se ajunctou,
E por fim como alta armada
No horisonte se avistou.

Em momentos já se escuta
Um tropel grande, espantoso,
Como quando abala inteiro
Exercito numeroso.

Era o grande soberano
Que tem por sceptro o tridente,
E nos mares tudo acclama
Dos mares omnipotente.

Ante elle vinham correndo
Muitos *pristis* e *voadores*,
Bem como ante os reis da terra
Correm varios batedores.

Fardas brancas e amarellas,
Cem mil *trombetas* trajavam,
E co' espantoso estridor
Terra e mares atroavam.

Na carroça d'ouro e per'las,
Com presença magestosa,
Vinha o deus trazendo ao lado
Amphitrite graciosa;

Seis parelhas de *elephantes*
O veloz côche tiravam,
E as rodas, de mui ligeiras,
Sulcos n'agua não deixavam;

Os animaes espantosos
Ostentavam a armadura,
Que a divina mão lhes déra
Pelas da sabia natura:

Animaes que a nenhum outro
Por inimigo temeram,
Em quanto as traições do homem
Suas armas não venceram.

Mais proximo de Neptuno,
Como ministro d'estado,
Vinha o sabio e grão *propheta*,
Que pasce o marinho gado.

O veloz coche seguiam
Potentados grandes, varios:
Eram principes, senhores,
Do grande rei tributarios.

O primeiro era o *Jordão*,
Logo o *Septifauce Nillo*
Opprimindo o dorso ingente
De espantoso crocodillo;

Um cavalga equoreo *tigre*,
Outro *serpe* sinuosa,
Outro o *pranto* nunca enxuga
De princeza desditosa;

Junctos vem o *Tejo*, o *Euphrates*,
O *Guadalquivir*, o *Meno*,
O *Niger*, o *Tibre*, o *Ganges*,
O *Danubio*, o *Wolga*, o *Rheno*,

Senegal, *Scamandro* e *Ebro*,
Vem chorando a *Magdalena*,
Um traja o *Ouro*, outro a *Prata*,
E mais riccamente o *Sena*.

Entre tantos o *Thamisa*
Unico não apparece;
Não quiz vir, que não se move
Senão por sordido int'resse.

Estes e outros muitos mais
Que são de longe inimigos,
Quando o grão Neptuno tocam
Se reunem como amigos.

Vinham no couce do prestito
Dos principes respeitaveis,
De cetaceos e de feras
Exercitos formidaveis.

Todos, chegando a Leixões,
Grande circulo formaram,
E de Neptuno e Amphitrite
O throno excelso assentaram,

De *phocas*, *tigres* e *lamias*,
De *hyppopotamos* armados
Os membros do grande Lychas
Foram todos circumdados.

12

Então, quando do alto solio
Magestosa voz ergueu
O potente rei dos mares,
Rocha e mar, tudo tremeu.

Ó vós a quem tractei sempre
Como a filhos muito amados,
E que na paz, na justiça
Fostes sempre governados,

Sabei que nefando crime
Contra mim e o meu tridente,
Contra vós, contra o Ceo mesmo
Se projecta iniquamente.

Desde muito que eu sabia
Muitos factos, que ora omitto;
Quando ha pouco as rés se acharam
Mesmo em flagrante delicto.

Aos vogaes do meu conselho
Tu, caro e fiel Tritão,
Do que sabes, do que viste,
Faze a fiel narração.

Mas que vejo!... quem é esse
Mortal mesquinho e apoucado,
Que ingerir-se veio audaz
No meu conselho d'estado?...

Quando tal ouvi, convulsos
Os membros se me tornaram,
E confesso que de susto
As agoas se me soltaram;

Cabeça, estomago e ventre
Ficou tudo n'um instante,
Como se tomado houvera
Algum *drastico* purgante.

Valeu-me o ter eu mettido
(Por andar muito escaldado),
Na cuada mesmo estreme,
Meia vara d'oleado;

Adhesivo para a carne
A emplastada segurava,
Por sorte que d'alli fóra
Nada, nada transpirava;

Mas ficou-me no tal sitio
Tal alforge, tal saccola,
Que era como a do mendigo
Que na aldêa pede esmola;

O cheiro não admirava,
Era d'esse tão vulgar
Que apenas visinhas pencas
Poderão aproveitar.

Mas a tal finoria Pristis
Cuido que o caso pescou,
Porque, rindo-se, c'os dedos
As ventinhas apertou.

Então chega ao solio Tethys
E diz: soberano pae,
Não culpeis este mortal,
Antes a mim só culpae;

Mas cuido não culpará
Vossa excelsa magestade
Que por mim tal honra houvesse
Provada fidelidade.

A vossa causa, á da patria,
Á causa dos mesmos ceus,
Não são poucos, são prestantes
De certo os serviços seus;

E sabereis que escolhido
Foi por mim mesma, ó senhor,
N'estas praias lusitanas
Para nosso informador.

O sob'rano então lançou
Para mim benigna vista,
E disse: O mortal fiel
Aos conselhos meus assista.

Tritão logo a voz erguendo,
    Seu discurso começava,
E assemblea respeitosa
    Muda, attenta o escutava :

Vós, ó mares, rios todos,
    Vós, equorea divindade,
Sabeis que lá no Ceo prende
    Toda a humana potestade ;

Tal principio jámais podem
    Destruir revoluções,
Que todas tem por motores
    Encubertas ambições.

Tal ambição muitas vezes
    Do poder o rei despoja,
Mas não extingue o poder
    Que a tomar ella se arroja.

Se o poder fosse extinguivel
    Já nenhum no mundo houvera,
Que o combatem por mil modos
    Negras seitas d'esta era.

Mas quando se chega a factos,
    Chega a verdade a appar'cer,
Os odios todos aos reis
    São amores ao poder.

Mas o paternal poder
Do rei, propicio aos humanos,
Esquarteja-se nas mãos
De alguns centos de tyrannos;

Tudo querem, nada chega
A sua perfida ambição,
Por que a tantos reis não basta
O sangue d'uma nação:

Melhor era para um povo
Ficar sem governo algum,
Do que ter de saciar
Esses monstros um a um.

Com elles no throno reina
A impiedade co'a cubiça;
C'rôa e sceptro lhe ministram
O sophisma co'a injustiça.

Taes principios encerrando
Todo o germen da anarchia,
Quem pensaes que os admittisse
N'esta heroica monarchia?...

Pois foram essas Nereidas,
Já crueis por natureza,
Pois sabeis como d'*Andromeda*
Se vingaram na belleza.

Depois de mil circumstancias,
Com que não quero cançar-vos,
Só dos ultimos successos
É que agora vou fallar-vos:

Sobre esta encantada rocha
Eu me achava discorrendo
Com este mesmo mortal,
Que ante os olhos estaes vendo,

Quando horrenda tempestade
De repente se alevanta,
Que a Neptuno, a Eolo, a todos,
Ao mesmo Oceano espanta.

Vós, ó mar Mediterraneo,
Muitos factos observastes,
Fostes vós que as ondas vossas
Por Gibraltar vomitastes.

Corro, vôo a dar na origem
Da espantosa tempestade,
Que se erguia contra as ordens
Da neptunea divindade;

Passo o estreito e juncto á ilha
Por tres pontas nomeada,
Vou dar com feia batalha,
Entre as taes Nymphas travada.

Com espadas, com punhaes
    Umas a outras feriam,
Se ellas immortaes não fossem,
    Da vida o fim tocariam.

Algumas pelos cabellos
    A outras tinham seguras,
E seus rostos machucavam
    Contra as negras penhas duras;

Outras com aduncas unhas
    Bellos peitos, mas traidores,
Desfeiavam, á maneira
    Dos carnivoros açôres.

Seu furor era qual fogo
    Que do barco agita as rodas,
Eram todas contra uma,
    Era uma contra todas.

Tambem prestes alli chega,
    E acode o sabio Proteu,
Que da causa do combate
    Larga informação me deu.

O feroz, impio Mazzini,
    Da pulchra Italia o flagello,
Escondido juncto ao mar
    Podéram as Nymphas vel-o;

Que acossado da justiça,
E inda mais dos crimes seus,
Cara, traje, habitação
Muda como os grandes reus.

A primeira que na furna
O monstro vira escondido,
Disse a outra que roubal-o
Queria para marido;

Mas a tal queria o mesmo,
E as outras, que se ajunctaram,
Que o mesmo tambem queriam
Sem pejo algum declararam.

Porque intentam desthronar
Por surdas machinações
Neptuno, que no mar reina,
Reina em nossos corações;

E, usurpando-lhe o poder,
De marido precisava
Qualquer d'ellas, que qualquer
Com seu poder já sonhava.

Mas, com quanto sejam grandes
Os crimes de que fallei,
Que ellas tem mais negro crime,
Altos principes, sabei:

Ide vêr n'esse antro obscuro,
Onde a occultas se reuniam,
Os hórridos simulacros
Que adoravam e que ungiam;

Por sorte que monstros taes
Nem sceptros podem fartar,
Querem mesmo o Rei dos Ceos
Da adoração despojar.

Ajudado de Proteu,
De phocas, de hyppopotamos,
Da voraz Lamia as Nereidas
N'esse escuro antro encerramos.

Puzemos de sentinella,
Porque fugir não tentassem,
Scyla e *Carybides*, *Lamia*,
Que ao fugir as devorassem.

Agora, sob'rano padre,
Dai vós a justa sentença,
Que por mim, por todos digo
Se cumprirá sem detença.

Então — «justiça, justiça».
De toda a parte soou,
E pintada nos semblantes
A indignação se mostrou.

Logo voltado a Nereu
O sob'rano padre diz :
Eu te nomeio advogado,
Pae desditoso, infeliz,

Porque possas allegar,
De tuas filhas em favor,
Quanto possas, que attenue
De seus crimes negro horror.

Senhor, responde Nereu,
Nada tenho que allegar,
Mas a vossa misericordia
Não cessarei d'implorar.

Minhas offensas, diz Jove,
Se eu fôra um particular,
Saberia promptamente
Esquecer e perdoar ;

Mas sou rei, e aos povos meus
Devo dar justiça e paz,
E é certo que a impunidade
Resultados taes não traz.

E muito menos eu devo
Impios crimes contra o Ceu
Perdoar, inda peiores
Que os de *Encellado* e *Briareu.*

Determino pois que as rés
Soffram penas capitaes,
E que percam logo os dotes
De serem sempre immortaes;

E que sejam logo expulsas
Dos confins de meus estados,
E seus dotes, seus logares
A terrestes Nymphas dados.

A minha recta sentença
Dai mui prompta execução,
Pois que sois fieis ministros,
Vós, Glauco, Proteu, Tritão.

Logo a mão tomando á esposa,
Ao veloz coche subiu,
E dos principes seguido
Qual relampago partiu.

Em quanto para a partida
Se fazia tudo prestes,
Me diz Tethys: bons serviços
Na verdade nos fizestes;

Quanto coube em minha alçada,
Graças, honras te alcancei,
E quanto no mar quizeres
De bom grado te farei.

Tambem te concedo agora
Que possas vêr claramente
Como as ordens do sob'rano
Vão cumprir-se exactamente.

Volta pois aos lares teus,
Onde o ceo propicio tenhas,
E da terra lança os olhos
De Leixões ás duras penhas.

Se algum'hora, bom mortal,
Puderes de mim lembrar-te,
Recorda tambem que Tethys
Não cessará de estimar-te.

Aos pés da deusa me lanço,
Ouvindo tal expressão,
E com lagrimas ardentes
Eu lhe rego a nívea mão.

Estes gemidos, lhe digo,
O chôro que não se estanca
Bem vêdes, senhora amavel,
Que a saudade m'os arranca.

E qual outro testimunho
Póde dar-vos um mortal
De seu terno e vivo affecto,
De seu amor filial?...

Tudo é mesquinho, senhora,
Deficiente nos mortaes,
E nas maiores miserias
É que elles são muito iguaes.

Se d'aqui, se d'estas praias
Em breve vou retirar-me,
Ha-de sempre e em toda a parte
Vosso amor acompanhar-me;

Dizer mais não sabe a lingua,
Nem sentir o coração,
Que dos grandes sentimentos
Falta aos homens a expressão.

A vós tambem, bella Pristis,
Devo gratidão fiel,
Que rara prenda me déstes
N'este precioso annel.

Foi forçoso, emfim, da deusa
E das Nymphas separar-me,
E foi mandado o golphinho
De Leça ás praias levar-me.

Voltando os olhos á deusa,
Suffocado em meu pezar,
De vivo, saudoso pranto
No mar derramo outro mar.

FIM DO CANTO UNDECIMO.

CANTO DUODECIMO.

Sempre usaram viajantes
Por usanças muito antigas,
Quando juncto ao lar descançam
Dos trabalhos, das fadigas,

O contar e recontar,
Como gente mais experta,
Casos mil, que escutam todos
De pasmada bôca aberta.

Um refere como certo,
Sem a menor sombra d'opio,
Conservar d'*Herschel* o filho
De seu padre o telescopio;

Mas que o pae, que o *grande nome*
Entre os astros collocou,
Era um bruto a par do filho,
Que tal gloria lhe offuscou.

Porque no disco da lua,
D'alta noite no socego,
Observou cantando as pulgas
O pelludo *homem-morcêgo*.

Que o telescopio era tal
Que, depois da observação,
Com mulher e doze filhos
Dormia dentro o ratão;

Que se achava ser a lente
Um olho de Adamastor,
Mas não sabia qual olho
Se da frente, ou post'rior;

Que o gigante era tamanho
Que, de cada vez que obrava,
Por esses longinquos mares
De *goano* ilhas formava.

Outro diz que fôra historia
Que esse heroico semideus
Acabasse a raça inteira
Dos africanos *pygmeus*.

Que esconder aos grous os filhos
Elle víra as mães pygmêas,
Outras fazer linguiças,
Outras urdir suas têas:

Por signal que os taes pygmeus
De excellencia já gosavam,
Uns porque eram conselheiros,
Outros Barões se assignavam.

Outro diz que passeára
No labyrintho de *Creta*,
E lá vira o *minotauro*
C'um capote de baeta.

Outro diz que no pollo *arctico*
Por tres mezes estivera,
Que um navio de palavras
Geladas de lá trouxera;

Que os verbos e substantivos
Muito bem se conheciam,
E as conjuncções e pronomes
D'aquelles se distinguiam.

E que d'ellas facilmente
Compozera uma *epopeia*
Que vendêra a Lord Russel
Por dez mil libras e meia;

E quando o Lord borracho
Versos queria escutar,
Punha as palavras ao sol,
Que as fazia desgelar.

Ou no espeto da cosinha
As palavras espichando,
Mesmo juncto ao seu fogão
Elle as ia desgelando.

Outro diz que é ricca terra,
Formosa cidade o *Bosphoro*,
Onde as damas usam sempre
Bellos vestidos de *phosphoro*.

Que o isthmo de *Suez*
E o maior de *Panamá*,
São dous montes que separam
O *Chily* de *Calcutá*.

Que na Europa deve haver
Mais de mil constituições,
Porque inda elle vira mais
Só no paiz dos *Grisões*.

Que reinar rei, isso sim,
Mas governar, isso não,
Porque isso mesmo se usava
No *Grão Cairo* e no *Japão*.

E que alli, pelos effeitos
Do systema liberal,
Até calçadas as ruas
Eram do louro metal;

Porque lá da liberdade
Era tão ricco o thesouro,
Que os homens c..gavam prata
E as damas c..gavam ouro.

D'esta ultima asserção
Nós vemos a realidade,
Toda a vez que os olhos pômos
N'esses paes da liberdade:

Lá de furtar coisa alguma,
Isso não, não são capazes;
Mas se ha pouco como Job
Eram pobres taes rapazes...

Foi o caso, que passaram
De tão pobres a tão riccos,
C..gando sempre ouro e prata
Nas secretas e penicos.

Outro diz que os olhos vêem
Claramente os bufos sardos,
E que os vira azues e brancos,
Amarellos, negros, pardos.

E que são lá na Sardenha
De comer e de guardar,
E não como em Portugal
Só de ouvir e de cheirar;

Como aqui pimentões, bages,
Ou do perrexil a herva,
Assim lá se põe nos frascos
Bellos bufos de conserva;

Por signal que o grão rei Victor,
Ministros e deputados
Alli tem dispensas cheias
D'esses frascos bem lacrados:

E quando sabias medidas
Vão tomar no parlamento,
Levam cheios ventre e bôca
De taes bufos de foménto:

Mas sendo assaz indigesta
Essa comida nos papos,
No parlamento a vomitam
Com mil trapos e farrapos.

Agora de tudo o exposto
Tiro um resultado logico,
Que só póde criticar
Algum louco demagogico:

Se os viajantes nos referem
D'esses paizes exoticos
Os singulares costumes,
Quer liberaes, quer despoticos,

Se de taes reinos copiam
As exactas estatisticas,
E dos beefes nos descrevem
As descubertas artisticas,

Porque não faria eu,
Mesmo meio paralytico,
De minhas longas viagens
Um poema heroico-critico?...

Se um poema fez Macedo
Da viagem sua *extatica*,
E da sua fez *de Maistre*
Uma descripção mathematica,

Tambem de Deus eu sou filho,
E nas circumstancias me acho
De compôr algum versinho,
Bello não, mas tosco e baxo.

E se os recantos do caco
Com mais cuidado remexo,
Inda arranjo a minha historia
Com seu tal ou qual entrecho;

Porque sou d'esses bons tempos,
Em que brilhava o rabicho,
E de ser soffrivel vate
Conservo occulto capricho.

Ninguem deve despresar-me
Só por ter o meu pé côxo,
Porque, ou logo é desancado
A lambadas d'este arrôcho,

Ou, porque não sou de graças,
Nem certas pilulas chucho,
Eu nas ventas lhe pespego
Os effluvios do meu bucho.

De minhas viagens, pois,
Proximo a tocar a méta,
Julguei dever dar razões
De prudencia a mais discreta,

Para provar que adoptei
Um costume universal,
E que em seguir grandes homens,
Se não fiz bem, não fiz mal.

Mas que caso me succede
N'este canto derradeiro,
Que não só meus olhos choram,
Mas que chora um povo inteiro?...

Ó cantor saudoso, amado,
Como póde acontecer
Que devendo viver sempre,
Tu cessasses de viver?

Tu que a um tempo eras rival,
Eras cantor de Camões,
Que do mundo todo os feudos
Colhias d'admirações;

Tu, flagello dos hypocritas,
Dos liberaes prégadores,
Que em *malvadas leis* trocaram
As sabias leis ant'riores;

Do negro scisma flagello,
Da impiedade e jansenismo,
Que não duvidaste unir-te
Ao queixoso christianismo;

Que os relampagos vibrando
Da palavra poderosa,
Descozias dos perversos
A cohorte pavorosa;

Tu que eras do Pae commum
Filho amante e dedicado,
Dos monasticos asylos
Um defensor estremado.

Tu cujo peito os reis todos
D'honras mil tinham cuberto,
Porque o brio, honra, sciencia
Viram n'esse peito aberto,

Mas a quem titulos, honras
Não deram mais luzimento,
Do que aquelle que já tinhas
Por ti, por teu nascimento;

Tu, a quem eu reservára
Na mente, no coração,
Para melhor me acudires
N'esta mais dura afflicção,

Porque ouvias minha voz,
Porque minhas letras vias,
Porque mais que os outros todos
Acudir-me tu podias;

Tu que eu vi como o grand'astro,
Que, ao começar a carreira,
Já de raios cobre ao globo
Ametade toda inteira....

Minha voz já não escutas,
Teus ouvidos já cerrou
Cruel mão da acerba Parca,
Que teu fio aureo cortou!!!

Ah! se ao começar meu canto
Desgraça tal eu previra,
A ti primeiro que a todos
Invocações dirigira!!!

Mas creio que, para exemplo
De Misericordia escolhido,
Na excelsa Jerusalem
Tu serias recebido,

E se em vida a gloria tua
Juncto aos astros se elevou,
Sobre os astros melhor gloria,
Divina mão te outorgou.

Então nuncios luminosos
Á tua alma levarão
Meus rogos, e teus auxilios
Carinhosos me trarão.

Eia pois, Garrett amado,
Sabes bem que os votos meus
Se dirigem a que os Lusos,
Como tu, reinem nos Ceus;

Mas sabes que, se os dictames
De sãa moral lhes pintasse
Em grave, pesado estylo,
Que os meus quadros carregasse,

Nem sequer um volver d'olhos
Taes quadros mereceriam,
E do pintor e pinceis
Como de dó se ririam;

Porque sabes que este povo,
Talvez por isso infeliz,
Quer rir de quanto lhe dizem,
Ou com quanto se lhe diz.

Então póde ser que ainda
Puros dictames acceite,
E que o salutar amargo
Envolto em mel lhe aproveite.

Eis-aqui porque assim mesmo
Da saudade repassado,
Que em teu Poema, e de ti
Me deixas como em legado,

Em meu canto risos, graças
Misturo de quando em quando,
E talvez a riso mova,
Quando estou por ti chorando.

Vem pois I..... carinhoso
Ajudar-me a terminar,
Pois bem sabes que o rabinho
Mais custoso é de esfolar.

Alguns soes passado tinham
Desde que a vez derradeira
De Leixões tinha voltado
Á praia que lhe é fronteira;

Quando acaso á mesma praia
    Sem companhia cheguei;
Varias cousas meditando,
    N'um penedo me assentei:

Se uma sãa philosophia,
    Se graças especiaes
Mil verdades me descobrem,
    Que não vêem tantos mortaes;

Se pequeno canto ao veo
    Que invisivel mundo cobre,
Pod'rosa mão levantando,
    Só o eterno vejo nobre;

Que seria se o veo todo
    Diaphano se tornasse,
E que a mim, á especie humana
    O que esconde revelasse?...

Oh! como todos veriamos
    Quanto vamos desvairados,
Quanto os planos da impiedade
    Sobre ineptos, são baldados!

A impiedade attesta audaz
    Que nada crerá sem vêr;
A piedade lhe responde:
    Pois eu, não vendo, hei-de crêr,

*

Se eu e tu pouco sabemos
E vemos na ordem physica,
Eu d'ahi tiro argumentos
Para crêr na metaphysica.

Acaso vemos o frio,
O ar, a electricidade,
Ou como obra nas sementes
O calôr e a humidade?

Vemos acaso os agentes
D'um e d'outro *magnetismo*,
Do movimento e da força
Vemos além do organismo?

Porque toda a natureza
Serve o ente racional,
E o homem mais miseravel
É rei no reino animal?

Taes phenomenos só vedes
Em sua parte derradeira,
E na terra não lhe achaes
A grande causa primeira.

Tudo isto, e tudo o mais
Jámais vereis claramente,
Se em tudo a grande não vires
Sabia mão do Omnipotente.

Vós grande *Newton*, grande *Euler*,
Tu *Chateaubriand* amavel,
Bossuet, *Fenelon*, *Gaume*,
Tu cohorte invulneravel

Dos crentes (tu mesmo, ó *rei*
Dos insectos destruidores),
Porque ereis grandes subistes
Ás espheras sup'riores,

E deixastes ás mesquinhas,
Pobres, miopes toupeiras,
Buscando tudo na terra,
Mesmo altas causas primeiras;

Toupeiras!... antes jumentos,
Que elles se confessam taes,
Quando em si, nos outros negam
Bellas almas immortaes.

Para vos dar que fazer,
Como a *Locke* um pobre deu,
Basta o jocoso argumento
Que *De Maistre* forneceu:

Eu mesmo penso em mil cousas,
Ando lá por esses ares,
E ao mesmo tempo estou lendo
Varios casos singulares...

Como é isto?... é que sou eu
Que sobre as nuvens passeio,
Mas é *l'autre* o que está lendo
No livro que á mão lhe veio.

No meu penedo assentado
Estas cousas meditava,
E o fulgente sol do espaço
Sobre os mares se espelhava;

De tal extase me acorda
Linda môça, que mansinho
Me diz: compra-me este sargo,
Este polvo, este pexinho?...

Inda está saltando vivo,
Que meu pae ora o pescou,
Para vendêl-o aos banhistas
Mesmo agora me mandou.

Todo o peixe era commum,
Só do polvo eram pasmosas
As fórmas, que taes não vira
Nem nos Açôres piscosas.

Em quanto o polvo admirava,
Elle no cabaz se ergueu,
E seus *argolicos* membros
Muitas vezes retorceu;

Com debil voz abatida
    O triste animal me diz:
Ó tu de Tethys valido
    Compra, compra este infeliz!...

Eito, eito! diz a môça,
    (E dizendo isto se ri)
Chiar de tal sorte um polvo
    É cousa que nunca vi.

Pois por isso só t'o compro,
    E te dou, linda menina,
Estes dous olhos de rôla,
    Seis vintens de prata fina;

Põe-n'o aqui sobre esta pedra,
    Que vem logo os meus criados,
E tu vai vender teus peixes
    A senhores aceiados,

Mas foge dos de perinha,
    Bigode de caracol,
Senão farão de teus peixes
    Isca para o seu anzol.

Mais que o conselho, o dinheiro
    A môça esbelta aprecia,
Vai correndo, em quanto o polvo
    Com chorosa voz dizia:

Senhor, lançai-me nas aguas,
Que prometto não fugir,
Reparando um pouco as forças,
A palavra hei-de cumprir.

Com branda amorosa mão
O pobre polvo afaguei,
E d'outra penha a que fui
Na salgada agua o lancei.

Coitadinho! não fugiu,
Da penha não se arredou,
E a cabeça fóra d'agua
Dentro em pouco levantou.

Eu sou, me diz, o bom polvo
Megaloscopo chamado,
E que os crimes das Nereidas
Muito ha tenho observado.

Da patria, d'habitação
Onde tantos crimes vira,
E que em prisão transformára
Dos deuses a fatal ira,

Desgostoso, aborrecido,
A certo delphim pedi
Que das costas da Trinacria
Me trouxesse para aqui;

Julgando que, pois os deuses
Sobre *Lychas* se reuniam,
Estes sitios, estas aguas
Bem mais gratas me seriam.

E seriam, se eu não fosse
Da obedíencia obrigado
A chegar-me tanto á costa,
Antes de têl-a observado;

Não sabia quaes as rochas
D'onde póde o pescador
Lançar o barbaro *gancho*,
Dos polvos destruidor.

Mas de Neptuno a sentença,
Que acaba de promulgar-se,
Em parte por nosso officio
É que tem de executar-se;

Levaremos, como eu trago,
Nos capêllos escondida
A pasmosa herva de *Glauco*
Por elle a nós distribuida.

Impellidas as Nereidas
Para as praias designadas,
Onde por nymphas terrestes
Ellas devem ser trocadas,

Quando estas a bella frente
No oceano mergulharem,
As Nereidas tem ordem
De com ellas se abraçarem;

Nós a temos de tocar
Com as hervas que levamos,
Por que equoreas deusas fiquem,
As nymphas que vos tomamos,

E no momento do abraço
São metamorphoseadas
As Nereidas nas nymphas,
Com que estavam abraçadas,

E por que ninguem na terra
O grão portento suspeite,
As criminosas já foram
Despidas de todo o enfeite,

E foram todas vestidas,
Ao modo de anachorêtas,
Com longas, disformes túnicas
De feias, negras baêtas:

Para obter porção bastante
D'este feio e negro panno,
Anglos navios desfez
Com mão forte o padre Oceano.

E sabe mais que as Nereidas
Terão sempre na memoria
Que perderam de immortaes,
E de impassiveis a gloria;

Ao passo que as bellas damas,
Que ora vem ser immortaes,
Dos mesquinhos bens perdidos
Não se lembrarão jámais,

Porque junto á foz do *Lima*
Ellas vão ser conduzidas,
E as idêas do passado
Lá lhes ficam submergidas.

Hontem na Foz começava
Das nymphas a execução:
E mesmo por fim mostraram
De seu animo a traição;

Foi-lhes dicto que tomassem
Bellas nymphas no mergulho,
Pois o contrario fizeram
Por vingança e por orgulho;

Abraçaram tres inglezas
Que tem puxo permanente,
Para todas tres um *olho*,
Para todas tres um *dente*:

Das Velhas, filhas de Phorco,
De Petredo, Dinon, Enyo
As bellas prendas reunem
Ás das Gorgones, de Sthennyo.

Eram Milady Assafitida,
Miss Cagg e Miss Borra,
Que por atacado e grosso
Forneciam *Calahorra*;

Por que fôra a illustre patria
Do sabio Quintiliano,
Quiz Britannia pelo Ebro
Introduzir-lhe o *goano;*

E porque isso lhe vedavam
Os tractados existentes,
Do goano alli lhe mette
As tres fabricas viventes;

Já de Calahorra e Ebro
Os vastos e ferteis prados
Pelas obras dos tres ventres
Eram todos adubados.

Farta a innocente Isabel,
As mandou por causa tal,
Depois de estrumar a Hespanha,
A estrumarem Portugal,

Porque sabe d'esse achaque
Do Governo portuguez,
Que acceita os estercos todos,
Especialmente o inglez.

O caso foi que do susto,
E da volta dos mergulhos,
Correntes como a do Douro,
Lhes sahiram dos bandulhos;

N'um momento as aguas tomam
Uma côr barrenta, estranha;
Toda a gente alli repete:
« São *aguas que vem de Hespanha!* »

Mas uns sabios que alli chegam
Desenredam taes enganos,
Tres Bachareis que o Mondego
Bacharellam ha dez annos.

« No tomo decimo-nono,
« Que o grande *Acálo* escrevia,
« Se mostra o quadro symbolico
« Do compasso e da esquadria;

Isto diz um; outro torna:
« Pois do somno de *Epimenides*
« Ninguem melhor escreveu
« Do que as tres doutas *Eumenides;* »

Diz o terceiro: «se nós
«Um *isosceles* formamos,
«Ergo d'este grão phenomeno
«O segredo deciframos.

«Vamos lá, *Pamphago* caro,
«Para a casa do *Silvestre*,
«Que o phenomeno tem cheiro,
«E de cheiros não sou mestre.»

Após estes logo foge
Toda a gente por cautella,
Mas assim mesmo alli cahem
Trinta com febre amarella.

Tens ouvido o que na Foz
Inda hontem succedeu,
E mais não succederá,
Porque o previne Proteu;

Por elle as filhas de Tethys
Já foram encarregadas
De estremarem das banhistas
As que devem ser trocadas;

D'ellas vem para esta praia
Dione, *Zeuxe* e *Janira*,
Polidora e *Liriope*,
Melorosis com *Phylira*.

Das Nereidas são *Glaura*,
Amphithoe e *Ammothea*,
São *Pasiphoe*, *Amphinome*,
Neomeris, *Galatea*.

Ora as sete que da terra
Por estas vão ser trocadas,
E por vossa informação
São por Tethys designadas,

São Carlota, a amavel Cirne,
Isabelinha e Huet,
Uma Carneiro e Teixeira,
E Joanninha Garrett.

Por que causa, lhe pergunto,
São só essas escolhidas,
Das Carneiros é só uma,
E outras ficam preteridas?

É que não podem ser todas,
Me responde o polvo experto,
E que nas obras dos deuses
Reina a sciencia, o acerto :

Algumas já prende ha muito
De Hymeneo sagrado laço,
Em breve vai prender outras :
Eis-ahi todo o embaraço.

Mesmo ha muito em que escolher
Entre o sexo feminino ;
Nem um terço se acharia
Entre o vosso masculino.

Calculai portanto agora,
Dos mares todos nas costas,
Quantas damas tem os deuses
Para a troca já dispostas.

Só me resta, ó bom senhor,
Rogar-vos humildemente
Que me permittaes cumprir
Minha missão fielmente ;

Dos banhos passada a hora
E da troca, voltarei
A este mesmo logar,
Onde a vós me entregarei.

Ah! não voltes, lhe respondo,
Do elemento teu privar-te
Eu não quero, e menos quero
Que alguem possa mais pescar-te ;

Basta seres fiel servo
De Tethys e de Tritão,
Para comtigo usar sempre
De brandura e compaixão ;

As horas já são chegadas
De tua missão cumprir,
Vai pois, que tambem vou vêr
Taes portentos concluir.

Já se erguem vastas cidades
Alinhadas com acerto,
Em que os banhistas imitam
Os arabes do deserto;

Nem sequer alli faltavam,
Como annexos ás barracas,
Esses famosos cavallos,
Que elles prendem para estacas:

Mas são d'Arabia os *ginetes*
Mais briosos que os de cá,
Estes porém mais ciosos,
Mais rinchões são que os de lá.

Muitas vezes poucas horas
Existem moradas taes,
Acabam sem deixar rasto
Sobre os moveis areaes.

Vós, momentaneas cidades,
Sois dos impios a figura,
Só de vós sabe o deserto,
Só d'elles a sepultura.

Quem são aquellas meninas,
    Que no mar entram tão bellas?...
«Eu mergulho, tu mergulhas»
    Uma a outra, dizem ellas.

Ai que tão longos mergulhos!...
    Acaso se afogarão?...
Já do mar á terra voltam,
    Mas as mesmas já não são!

Era Cirne, era Carneiro
    E Carlota d'Alentem;
Depois de reinar na terra,
    Vão reinar no mar tambem.

D'aqui, d'alli, d'acolá
    As que faltam vem chegando,
Á proporção que mergulham
    Em deusas se vão tornando.

Mas ao vêr as que por estas
    Surgem do profundo mar,
Toda a gente toma o pasmo,
    Nem se farta de admirar;

Porque no rosto lhes vê
    As feições, que bem conhece,
Mas vê que nos mesmos rostos
    Mais belleza resplandece:

Porque Neptuno punindo
As Nereidas que peccaram,
Não lhes tirara a belleza
De que as Graças as dotaram.

Agora pois, bellas nymphas,
Que, como eu, já sois mortaes,
Podeis inda ser ditosas,
Se um conselho me acceitaes.

Avisos dando a seu rei
Terminou sublime vate:
Ao discipulo soffrei
Que seu canto assim remate.

Não só a vós offereço
O meu salutar conselho,
Mais salutar que os do vosso
Fiel, crystallino espelho,

Mais salutar, porque o espelho
Tem o perigo encerrado
De tornar-vos como Adonis
De si mesmo enamorado.

Com mil cuidados guardai
O myst'rioso thesouro
Que nos Ceos, na terra vale
Mais que a prata, mais que o ouro;

Em roubal-o gasta o mundo
Esse metal precioso,
E por isso mesmo prova
Que o thesouro é mais precioso.

Nos Ceos não tem galardão
O que muito ouro junctou,
Mas recebe eterno premio
Quem thesouro tal guardou.

Cruel mundo e negro inferno,
Perpetua conjuração
Calculam para tomal-o
De vossa innocente mão;

Mas, com ser vossa mão debil,
Não ha na terra poder
Que violento possa abril-a,
Sem vosso proprio querer.

Muitas vezes vos bastava
Como os *Astomos* tornar-vos
Para *arietes* cuspir,
Para invenciveis guardar-vos.

A desgraça, o pranto, a morte
Nos vem da lingua verbosa
D'essa mãe, que nos legou
Triste herança lastimosa.

O conselho que vos dá
Meu amor sincero e puro,
Não n'o despreseis por fossil
Que o não é, mas é seguro;

Cousas fósseis são algumas
Da terra desentranhadas,
As que digo são do Ceo,
São por um Deos ensinadas.

Poderá mudar o oriente,
E mudar o occaso o sol;
Mas não mudará jamais
Da virtude este pharol.

Esmaltai pois o ouro vosso,
Se sois riccas, co'a pureza,
Se sois pobres não percaes
Vossa unica riqueza.

FIM DO CANTO DUODECIMO.

DICCIONARIO

OU

NOTAS POR ORDEM ALPHABETICA.

A

Acálo — Foi um sobrinho de Dedalo, inventor do compasso.

Adamastor—Gigante de cuja historia fórma o nosso Camões um dos mais bellos episodios do seu poema. Vide o Canto V, desde a oitava 37.ª até á 60.ª

Adriana, e *Pisca*—São as duas banheiras mais conhecidas e afreguezadas, que ha em Leça da Palmeira.

Affonso — D. Affonso Henriques foi ajudado na tomada de Lisboa por alguns nobres cruzados, mas não pelo governo inglez.

Aguas, &c. — Quando o rio Douro leva aguas amarelladas, já todos sabem que são vindas de Hespanha.

Agulha mais volumosa — Refere-se esta anecdota (que anda impressa), com o fim de lembrar aos paes de familias as precauções que devem tomar, quando os facultativos visitam em suas casas pessoas do sexo feminino, e examinam as suas enfermidades.

Alcione—Esposa amantissima de Ceyx. Esperando ella o marido, que voltava de uma viagem, viu

o seu cadaver fluctuando sobre as aguas, porque tinha naufragado; então, penetrada de dôr, se precipitou no mar, e os deuses os transformaram em massaricos, aves aquaticas que andam sempre aos casaes, e macho e femea se não separam, senão pela morte.

Alma (da) os fios corta — Diz o sabio A. D. Ferrão, fallando da burra do almocreve, que o caloiro lhe alugou:

Cortabat fios almæ cuicumque videnti.

Amazônas — Mulheres guerreiras da Capadocia, as quaes não admittiam homens senão uma vez cada anno; matavam, ou aleijavam os filhos, e ás filhas queimavam o peito direito, para que pudessem combater e atirar as settas.

Amphitrite — Deusa do mar, esposa de Neptuno.

Andromeda — Filha de Cepheo, rei da Ethiopia, que as Nereidas prenderam com cadêas a um penedo, para ser devorada pelas phocas, porque a princeza se tinha por mais formosa do que ellas.

Annibal — General carthaginez, na segunda guerra punica. Vid. *Fogo corredor* e *Silio.*

Annazes e *Caiphazes* — De todos são sabidos os factos d'estes iniquissimos Juizes e sacerdotes judeus.

Anomias placentas — Bellas conchas em fórma de disco, que na côr imitam um pouco a madreperola.

Anomalia — Irregularidade.

Apoiado — O termo pelo qual os membros das modernas assembleas, que n'esta era açoitam os povos, mostram a sua annuencia ás proposições de algum d'elles.

Archi — Os archipelagos; porque o *archi* os colloca acima dos grandes mares, quando elles constam de espaços muito menores, em que ha grupos de ilhas. Os que logo abaixo vão indicados no texto, são: o do Norte, o de S. Lazaro, os dos Açôres e Canarias, o das Antilhas.

Arctico (pollo) — O do norte.

Arfavam — Arfar é um verbo portuguez, que exprime o movimento das embarcações de prôa a pôpa, que é determinado pelo das ondas.
Argolicos — Similhantes aos de Argos só por ter cem olhos, com metade dos quaes dormia, e com a outra velava.
Arietes — Eram umas machinas de guerra, formadas de pesados madeiros, que os sitiantes de cidades fortificadas, empregavam em bater e desmoronar as suas muralhas, antes da invenção da artilheria.
Ariosto — Um dos quatro mais famosos poetas italianos. Compôz o immenso poema — *L'Orlando Furioso* — em 46 cantos, no qual se encontram mil dictames da mais pura moral. A oitava de que fallamos no Canto 5.º, é a seguinte:

« Miser chi mal oprando si confida
« Ch'ognor star debbia il maleficio occulto;
« Que quando ognaltro taccia, intorno grida
« L'aria e la terra istessa in ch'é sepulto:
« E Diu fa spesso che'l peccato guida
« Il peccator, poi ch'alcun di gli ha indulto,
« Que se medesmo, senza altrui richiesta,
« Inavvedutamente manifesta.

L'Orlando Furioso, Cant. 6., Oit. 1.ª

Asphyxiado — Asphyxia, chama-se a suspensão dos phenomenos da respiração, que causam a das funcções cerebraes, da circulação, &c.; a submersão, e outras causas produzem este estado, e n'elle um dos remedios que se applica é o introduzir pelo anus o fumo do tabaco.
Assignalados — Vid. *Armas.*
Assento (alto) — Vid. *Conticuere.*
Astomos — Homens que não tinham bôca, e que, por consequencia, não fallavam.
Avisos — Vid. os Lusiadas de Camões, desde a oit. CXLVI até a ultima do Canto X.
Avremar — Pequena povoação, pouco distante da Povoa de Varzim. N'esta, e em todas as da beira-mar é miseravel a credulidade da gente em bruxas e bruxedos. Não são poucas as senhoras banhistas, que tambem as vão consultar, e tudo isto é que criticamos.

B

Bacchantes — Mulheres que, em quanto duravam os bacchanaes e orgias, corriam furiosas, e practicavam mil excessos e loucuras.

Baccho — Deos do vinho, e dos borrachos; figura-se ordinariamente sentado sobre um tonel.

Barôas — Conta-se de certo Barão das ultimas fornadas que, quando falla de sua illustre consorte, diz = isso é lá com a Barôa = vão fallar á Barôa, &c.

Barões e *Armas* — O primeiro verso dos Lusiadas de Camões:

As armas e os Barões assignalados —

é motivo sobre que compomos umas pobres variações, no nosso primeiro Canto.

Barruel — A. da celebre obra, em que revela os mysterios da maçoneria; das Cartas Provinciaes, em que cobre de ridiculo as demencias dos philosophos impios do seculo passado; e da Historia da perseguição e martyrio do Clero francez.

Bergier — Doutissimo apologista e incansavel escriptor, cujas Obras andam nas mãos de muitos, e deviam andar sempre nas de todos.

Besta esfolando — Refere-se isto á Obra do P.e Macedo, chamada = A Besta esfolada.

Bonald — Sabio philosopho Christão, e que sempre defende e sustenta a mais sãa doutrina.

Borla — Do facto de se conferir em Coimbra o gráo de Doutor, pondo na cabeça dos que o recebem uma grande borla, e do de a usarem nos seus barretes os indigenas de Leça, é que se diz no Canto 1.º = *Mesmo a grande borla*, &c.

Bosphoro — É o canal de Constantinopla.

Bouça — O Concelho de Bouças: aqui se refere o celebre comprimento de um rustico a sua conversada = *Assim como o senhor teu pae s'onra, t'onra* e *m'onra, assim Deos o ouça, t'ouça e m'ouça.*

Briareu — Gigante que tinha cem mãos, e um dos que fez a guerra contra o ceo.

Bruttio — Este, na batalha do lago Transimeno, já expirando, salvou a aguia romana das mãos dos carthaginezes, escondendo-a na terra e morrendo sobre ella. (Vid. Sil. Ital. L. VI, desde v. 16 até 40).

Buraco — Por onde nos dias de grandes beneficios se lança uma multidão de papeis de côres, em que estão impressos sonetos, odes, &c.

Busios chinezes — Tem estes pela parte inferior uns bicos, postos a distancias iguaes, e de sorte que imitam a corôa real, e por isso são chamados = Corôas chinezas.

Bysantino — De Constantinopla, que antigamente se chamava Bysancio.

C

Caceteiras — Á *honrada* e *respeitavel* familia dos caceteiros pertencem alguns dos vigias da Camara d'esta cidade.

Caco — Famoso ladrão, filho de Vulcano, que Hercules matou.

Cacophonia — Ou *cacophaton*, quer dizer = *má consonancia das vozes* = ordinariamente quando, da reunião de duas, resulta uma palavra desagradavel, como as que logo depois se apontam no texto do Poema.

Cajeta — A ama que creára Eneas, e que acabou no logar onde ainda hoje existe a cidade e porto, a que ella, morrendo, deu o seu nome:

> Tu quoque littoribus nostris, Æneia nutrix,
> Æternam moriens famam, Cajeta, dedisti;
> VIRG. L. VI, v. 1. e 2.

Calabria — Provincia meridional do reino de Napoles; a Sicilia, e todo este paiz viu o Governo inglez, desde 1791, por meio de Acton, Awervech, a prostituta Emma Haste (já casada com Lord Hamilton), e o celebre almirante Nelson, promover a punição de todos os liberaes, sem exceptuar o almirante Caracciolo, que foi enforcado na verga de um navio, e outros persona-

*

gens. Nos ultimos annos porém, quando as barbaras revoluções, que nos mesmos paizes se tem forjado, não tem a menor causa, nem desculpa, o mesmissimo Governo inglez por mil modos favorece e ajuda os perversissimos demagogos, especialmente na Sicilia, &c. Vid. Regnault, Arlincourt, e outros AA.

Calahorra — Cidade de Hespanha, em Castella a velha, situada no declive de uma collina fertilissima, que se estende até ás margens do Ebro.

Calcanhar — A figura da Italia é muito similhante á de uma perna humana, tendo calçada uma bota com grande tacão; d'este facto, e do de irem fieis de todas as partes do mundo a beijar o pé ao Pontifice, que tem em Roma a sua séde, é que se falla no texto.

Caligula — Costumava dizer = *Utinam Populus Romanus unam cervicem haberet!...* Divertia-se muito tempo no seu quarto em apanhar moscas, e traspassal-as com um ponteiro = *captare muscas, ac styllo præacuto configere.*

Capetos, legitimos Reis de França — *Bourbons,* de Hespanha e de Napoles — *Braganças,* de Portugal e Brasil — *Fredericos,* de Prussia e suas dependencias — *Habsburgos,* de Austria, Bohemia e Hungria... todos estes tem sido flagellados, e alguns desthronados por meio de revoluções promovidas, ou favorecidas pela Inglaterra, que bem quizera pôr, em vez d'elles, os seus servos Coburgos, como em mais de uma parte tem feito.

Carbunculo — Pedra preciosissima, que os antigos dizem brilhava até de noite, e imitava o carvão accêso, uma braza viva: querem uns que seja o rubim, outros o diamante, na moderna nomenclatura.

Carlos (*D.*) — O Pretendente á corôa de Hespanha.

Carthago — Potencia rival de Roma, que, depois de diversas guerras, foi aniquilada por Scipião Africano, *o môço.* Por que o seu governo tinha por costume illudir os tractados, se compara hoje com ella a Inglaterra; para n'aquelles tem-

pos se exprobrar a alguem sua infidelidade, se lhe dizia = *Fides tua, fides punica,* hoje deve dizer-se = *Fides tua, fides britana*; então se disse = *Delenda Cartago*, agora deve dizer-se = *Delenda Britannia...*

Cassandra —Filha de Priamo, a quem Apollo concedeu o dom de prophecia, que suppomos, com *outros chistes*, ligado ao annel. Tudo isto é mais natural do que o que referem os antigos do annel encantado de Gyges, por cujos *chistes* chegou a ser rei de Lydia, como provavelmente tambem cá nós chegaremos a ser pelos do nosso.

Castores — Amphibios, que tem singulares qualidades, e entre ellas a de formarem casas, meias na agua, meias na terra; os homens os matam para lhes tirarem o pêllo, de que fazem os melhores chapeos.

Cervantes e Yriarte — O primeiro, o A. do celebre D. Quixote, e de outras engraçadas novellas, entre as quaes é notavel a que intitulou = *El Licenceado Vidrera* = o qual scismou que era um homem de vidro, e como tal queria ser tractado: ora, entre estas obras em prosa, se encontram bellas *coplas*, ás quaes se allude no texto, bem como ás de *D. Thomaz Yriarte.*

Cetaceo — Diz-se de alguns peixes grandes, especialmente da balêa, que se alimenta de uma immensidade de arenques.

Chalé — Enorme e horrendo peixe, que vimos ha poucos annos na Villa da Povoa de Varzim; tinha mais de 50 palmos de comprido; era exactamente o *Squalus Carcharias*, de Linneu, em francez *Squale Requin*, cuja figura e dimensões descreve Lacépede. Em linguagem poetica é *Lamia*, filha de Neptuno, cujos filhos matou a zelosa Juno, porque ella os houve de Jupiter; e d'isto concebeu Lamia tamanha raiva, que devorava tudo o que encontrava; foi metamorphoseada em cadella (do mar), e conserva o caracter devorador: a esta illustre familia se costumam hoje ir buscar os Ministros d'Estado.

Mas porque lhe dá a auctoridade dos pescadores portuguezes o nome de Chalé?... talvez porque elle tambem habita os mares da India, e alli ha a Chalé de que falla Camões, C. VII, Oit. 35; na historia dos naufragios dos nossos galeões, que andavam na carreira da India, tambem se falla d'este grande e negro peixe, mostrando-se na vaga das enormes ondas dos mares indicos.

Chelone — Nympha, que foi convertida em tartaruga.

Circulos e *centro* — Suppõe Dante, no seu Inferno, diversos circulos concentricos, nos quaes são mais intensos os tormentos na razão directa da sua proximidade do centro: n'estes logares suppõe elle tambem acharem-se os personagens que lhe eram contrarios, ou de quem era inimigo.

Cire mustache — É uma cêra negra, vinda de França, com que os janotas alcatroam os bigodes.

Cirne — Filho de Neptuno, que combatia em defeza de Troya. Não podendo Achiles feril-o, o suffocou nos braços, e então Neptuno o converteu na ave que conserva o seu nome, e em linguagem é o mesmo que *cisne*.

Cirurgiões — O peixe chamado = *Acanthuro Cirurgião* = que habita o archipelago das Antilhas. Vid. Lacep., ou Cuvier: *Acanthurus Chirurgus*, ou *Chætodon Chirurgus*.

Cleopatra — Foram tres as rainhas do Egypto que tiveram este nome; a de que se falla no texto é a que foi filha de Ptolomeu Aulete, e se lhe compara a môça de Leça, por sua grande esperteza, velhacaria, e quantidade de apaixonados que teve.

Climatérica — Ordinariamente se diz do anno a que se chega pelo numero de sete, e que muitos tinham por aziago e de máo agouro.

Cognat (L'Abbé J.) e *Viviers* (Bispo de) — O primeiro tem publicado no = *Ami de la Religion* = uma serie de doutissimos artigos contra a diabolica mania de obrigar as inertes madeiras das

mesas a fallar aos homens e descubrir-lhes o que ignoram, assim como ultimamente tem revelado que o agente, que por meio d'ellas falla, é o demonio: veja-se o dicto periodico, de 27 de Dezembro de 1853, n.º 5624. O segundo publicou uma tão judiciosa e sabia Pastoral contra a tal mania, que os outros Bispos francezes a mandaram observar na sua integra em suas respectivas dioceses. Estas manias já teem gerado a nova seita dos *Espiritualistas*, muitos suicidios e ataques de loucura: é o que quer o tal agente. Muitas obras se teem escripto ultimamente sobre as mesas fallantes, de cuja leitura se colhe não ser já muito razoavel a outra mania de negar a pés junctos a realidade de taes phenomenos.

Colméa — É este um dos emblemas de certas sociedades secretas, e por isso o adoptaram as Nereidas; proprio era, porque as abelhas e as nymphas pertencem ao sexo feminino; mas nas taes sociedades monarcho-machas, não sei como não vêem em tal symbolo o principio monarchico vivificando tudo, e na ausencia de *abelha* mestra, em que elle reside, definhando-se e tocando a extrema ruina toda aquella monarchia.

Combatida das ondas — A Italia não só é incessantemente combatida, de um lado pelas ondas do golfo de Veneza, e de outros pelas do mar Mediterraneo, mas por innumeraveis invasões e por infindas revoluções.

Condores — O Condor é a maior de todas as aves.

Consul dos romanos — O cavallo de Calligula, a que elle mandou dar as honras de consul.

Conticuere omnes — Assim começa o segundo Canto da Eneida. O nosso Barretto traduz assim:

Calaram todos promptos escutando
O que o grão Padre Eneas contaria,
Quando do EXCELSO ASSENTO alevantando,
Com grave gesto a voz assim dizia...

Aqui se vê tambem a razão porque dizemos — *o alto assento*.

Cosmopolitas — Habitantes de todo o mundo, que não se julgam ligados a uma determinada patria.

Cracas — Precioso marisco que abunda nos ilheos proximos á ilha Terceira, o qual dentro da casca tem uma pequena quantidade de liquido de exquisito sabôr.

Crateras — São os boqueirões pelos quaes são vomitadas as chammas, as lavas, os detritos, e penedos que arrojam os vulcões.

Crescente — Ou meia lua, é o brasão, ou insignia do Grão Sultão.

Creta — Ilha celeberrima na antiguidade, em que Dedalo construiu o grande labyrinto: Minos alli encerrou o Minotauro, filho de sua mulher Pasiphae.

Croacas, etc. — Com effeito, as cloacas dos Quarteis andam arrendadas a lavradores, por boas moedas; e elles, nas das casas particulares, costumam metter o seu páo, que cheiram e provam, como temos testimunhado: estes actos de extrema immundicia é que criticamos, bem como a barbara linguagem de que usam.

Crocodillos — A fera mais horrorosa e malfazeja que ha no mar, ou antes nos grandes rios, como o Nillo e outros. Attribue-se-lhe geralmente uma indole atraiçoada; é porém uma fabula que elle imite os lamentos humanos, para attrahir as suas victimas.

Cupido — ou *Amor* — As travessuras d'este menino alado são tão sabidas de todos, e de tantos experimentadas, que só diremos d'elle que era filho de Venus e de Marte.

Cyclopes — Obreiros de Vulcano, que forjavam os raios, e muitas obras de ferro: no nosso caso foram as necessarias para se fazer o jantar a este creado de VV. Ex.as

D

Dante — Poeta do seculo XIII, insigne pela sua Divina Comedia, cheia de bellezas e de absurdos.

Atrevido critico e furioso revolucionario, mereceu ser perseguido, e que lhe arrazassem a casa. Vid. *Circulos*.

Decumana — (onda). Isto é, a que vem de dez em dez, que é maior e mais violenta do que as nove precedentes.

Dedalo — O celebre artifice, que construiu o labyrinto de Creta: muitas vezes se dá á obra o nome de seu auctor, como no nosso caso.

Deiphobe — Era a sybilla de Cumas, uma das mais celebres na antiguidade.

Dejanira — Mulher de Hercules, que lhe mandou por mão de Lychas a camisa do Centauro Nesso, não sabendo ella, nem o conductor, os horriveis effeitos que produziria. Assim que o heroe a vestiu, sentiu-se como abrazado, e se lançou no fogo de um sacrificio, em que morreu queimado, depois de ter arrojado Lychas ao mar, onde Tethys o converteu em rochedo.

Deleuse — *Rostan* — Auctores que escreveram sobre o Magnetismo animal. Entre os escriptos do segundo o que achamos admiravel é que elle prohibisse a seus discipulos o investigarem qual fosse o agente dos phenomenos do Magnetismo, que elle sem a menor duvida queria encubrir, por isso mesmo que o tinha descuberto.

Delfim — O innocente menino, filho de Luiz XVI, que foi morto pelos maçons francezes á força de continuos sustos, ameaças, e insomnia.

Depositado — São já muitos os casos de homens postos em deposito para casarem por justiça, como d'antes se usava com meninas: é de notar que os taes innocentes depositados são sempre os riccos, e as futuras pobres.

Diana — A lua.

Dias — Era o Doutor que fumava os monstruosos charutos, e que na verdade lançou algum accêso ao mar, por lhe estranharmos que até tomando banho fumasse.

Dido — ou *Elisa* — Fundadora e rainha de Carthago, onde recebeu, e amou a Eneas, fugido de Troya; depois da magnifica cêa que ella lhe deu,

é que elle contou a historia da destruição de sua patria.

Diocleciano — Imperador romano, que por dez annos a fio martyrisou os Christãos; tal foi a sua perseguição, que ainda hoje entre os abyssinios e cophtas se diz = a era de Diocleciano, ou dos Martyres = e começa a 29 de Agosto de 284.

Dione, e as seguintes. Todas filhas do Oceano e de Tethys.

Douro — As suas correntes, de que se falla no Canto primeiro, são as do precioso vinho, tambem chamado do Porto.

Drastico — Diz-se dos purgantes mais energicos e violentos, que conhece a medicina.

Duqueza — A menina, filha da Viuva Ferreirinha, esteve quasi roubada para ser *Duqueza* á força.

Duendes — Uns certos diabinhos, que levam as cousas em ar de brincadeira: *esprit folet* — se chama em francez.

Dysenterias — O seu cantor, Martins Rua, as celebra d'este modo:

> Todos lançam p'las vias superiores
> Tudo, bem como lançam p'las inf'riores.
> PEDREIDA, Cant. 7., Oit. 10.

E

Eito — Especie de interjeição, muito usada em Leça, para mostrar admiração.

Elephantes — O mais volumoso animal terreste, assim como a balêa marinho; por isso Tyro queria a tal permutação. Um e outro d'estes gigantes irracionaes são conhecidos por vulgares descripções. Mas são-n'o bem pouco os elephantes marinhos (que figuram no Canto XI), e por isso diremos que tão admiravel animal tem tambem duas defezas de marfim, porém na mandibula superior, do comprimento de cousa de 3 palmos e meio. Chamam-lhe Morse, Vacca marinha, e Elephante, mas Cuvier insiste em que só este

ultimo nome lhe é proprio. Foi sempre insuperavel, em quanto o homem se não declarou por seu inimigo. O que observou Mr. Crantz, tinha 36 palmos de comprido.

Emblemas—As *cornucopias, meias luas, espigas*, &c. com que as senhoras se adornam, são distinctivos das divindades mythologicas.

Empreza (das estradas).—Muito fallados são os almôços do Snr. Fontes, que poderiam chamar-se *patinarios*, como a cêa do imperador romano. Ao menor passeio que dá, para vêr as magnificas estradas que nos tem dado, logo nos come um dos taes; eu diria: que lhe prestem, se elles fossem de m.... marmellada.

Encellado e *Vesuvio*—O primeiro é o mais poderoso dos gigantes que fizeram guerra contra o ceo, e que Jupiter metteu debaixo do monte Etna, na Sicilia; dizem os poetas que quando o immenso gigante se move, então vomita o monte horrendas labaredas, e torrentes de lava abrasada; e o segundo é outro monte a 4 leg. E. de Napoles; as erupções d'este espantoso volcão, de que havia memoria pelos fins do seculo passado, eram 33, algumas das quaes haviam com effeito aniquilado villas e cidades.

Eneida—De Virgilio, que os sabios julgam ser a obra mais bella, e mais perfeita, que em tal genero tem produzido o engenho humano.

Eneas—Heroe troyano, filho de Venus e Anchises. Na Sicilia celebrou as honras funebres a seu pae, onde figuraram as náos de que fallamos n'este Poema, agora já convertidas em nymphas pela deusa Cybele, depois que aportaram ao Tybre. Vid. *Dido*.

Entello e Dáres—Dous troyanos, que nos jogos funebres celebrados por Eneas, se esmurraram as ventas com os céstos, que eram umas corrêas de couro cru, empastadas de chumbo, com que armavam os punhos.

Eolo—Filho de Jupiter e deos dos ventos.

Epimenides—Philosopho cretense, de que Diogenes Laercio diz que dormira de uma assentada

57 annos, Plutarcho 50, e outros 27: de todos os modos, foi bella somnata!...

Epopeia — Poema heroico.

Escollar — É um peixe grande e escuro, que vimos, e comemos na ilha Terceira, mas na do Pico é que fôra pescado; é saborosissimo; mas guarde-se quem o comer de lhe chupar as espinhas, que, se o fizer, logo, alli mesmo se sentirão odoriferos effeitos.

Esculapio — Deos da medicina. Este sim: como era a um tempo deus e medico, podia fazer os milagres que não fazem os sómente medicos.

Espadarte — Se chama em portuguez, o *Squalus Pristis* dos latinos, o *Epée de mer,* ou *Squale scie* dos francezes. Os maiores que se tem observado tem o comprimento de 22 a 23 palmos. A sua força e velocidade, a dureza da arma que tem na cabeça, arma dentada de ambos os lados, lhe dá uma tal audacia, que sustenta longos combates com as maiores balêas, e as mata muitas vezes.

Estyge — Rio que circulava o inferno nove vezes; quando os deuses juravam pelas suas aguas, não ousavam jámais perjurar.

Eugenio Sue — O A. da impiissima, immoralissima, velhaquissima e mentirosissima obra = *O Judeu Errante.*

Eumenides — As Furias; eram tres, Alecto, Megera e Tisiphone; tinham as mãos sempre armadas de achas accêsas, e as cabeças toucadas de cobras vivas; eram encarregadas de perturbar o socego dos malvados no mundo, e depois da morte atormental-os no Tartaro.

Eunomia, Dice, Irene — São os nomes das Horas.

Extatica (Viagem) — É uma das mais bellas e sublimes obras poeticas do P.e Macedo.

Excicial Domiciano — Era um dos peiores imperaradores romanos, do qual diz Suetonio — *Domitiano exitiali tyranno...*

F

Famina — Palavra da invenção do classico de Caminha, pela qual quer dizer *fome*, como se vê na seguinte citação:

> Como deve illudir Juno lhe ensina
> Sem apparentar meios de gerença;
> Que em breve findará dira FAMINA,
> Mas que ligeiro, sem menor detença,
> Sobre o Algarve a Napier velejar
> Fizesse, p'ra Migueis logo acabar.
> PEDREIDA, Cant. 7., Oit. 27.

Féno — (Assim ella o dizia) [a fome]

> Eu na minha caverna ROER FENO
> Vou, pois me privam do meu gosto ameno.
> PEDREIDA, Cant. 7., Oit. 22.

Ferreirinha — É publico que se quiz roubar violentamente, a filha da ricca viuva *Ferreirinha*.

Feyjoo — Sapientissimo Benedictinó, A. do Theatro Critico.

Filippes — O rei d'este nome 2.º de Hespanha, e 1.º de Portugal, mandou construir a maior armada, de que fallam as historias, que desde logo chamou = *La invencibil armada* =, e que chegou a aproximar-se da Inglaterra que ella pretendia conquistar, por causas cuja narração não cabe n'este logar. Uma espantosa tempestade lh'a aniquilou: e o rei, ao receber tal nova, disse placidamente = *Tinhamos uma armada para combater homens, mas não elementos.*

Fogo corredor — O grande general Annibal, vendo-se cercado entre os pantanos de Literno, montes e rochedos que apenas offereciam um desfiladeiro para sahida, que lhe tomava o exercito romano, commandado por Q. Fabio Maximo, empregou o admiravel estratagema de mandar amarrar molhos de ramos sêccos ás pontas de muitos bois, e lançar-lhes fogo de noite; elles, percorrendo os bosques, intimidaram os romanos, que não attenderam á guarda do desfiladeiro, e por elle se evadiu o exercito carthaginez.

G

Galêno — Medico celebre, que floresceu no imperio de Antonino, Marco Aurelio, e outros imperadores.

Gama — (Paulo da) —

> Dos espumantes vasos se derrama
> O licôr, que Noé mostrára á gente:
> Mas comer o gentio não pretende,
> Que a seita que seguia lh'o defende,

Diz Camões no C. VII, Oit. 75; e dizem graves AA. que, por se não perder o vinho que o Catual recusou, o bebêra o illustre Gama.

Gancho — Os polvos são ordinariamente pescados com um gancho, adaptado á ponta de uma vara.

Garção — Poeta portuguez, bem conhecido de todos. Entre as suas obras ha um drama intitulado = *A Assemblea* =, notavel pela bella Cantata de Dido.

Garrett, e os outros indicados — Vem a ser: O Visconde de Almeida Garrett, Mendes Leal, João de Lemos Castello-Branco, Antonio Pereira da Cunha, Camillo Castello-Branco, Palha, de Lisboa, José de Souza Bandeira, &c.

Gati-cania, ou a guerra dos cães com os gatos — Os *Burros* do P.e José A. de Macedo — *La Sechia Kapita* de Tassoni, (o balde roubado) — *O Desertor das Letras* — *L'Henriade Travestie,* (a Henriada de Voltaire, convertida em poema joco-serio) — *O Hysope,* de Diniz — *Le Lutrin* (estante do côro), de Boileau... são todos, bellos e engraçados poemas heroi-comicos.

Gêmas — *Boticario* e *Carniceiro* — O primeiro é o barbeiro universal de Leça e Mathosinhos, homem delicado, habil e mesmo douto barbeiro, chamado Jaime: e este nome tão simples teve aquella gente a habilidade de converter em *Gêmas*; o segundo faz pagar aos banhistas os mais simples remedios pelos preços, que poderiam custar quando levavam rubins, esmeraldas ou perolas moídas, para se darem a principes; o

terceiro, em oito arrateis de vacca, rouba só tres ou quatro: por sorte que todos, os que o podem fazer, mandam ir do Porto os remedios e a carne.

Genuense e *Horacio* — O primeiro é um A. que tractou da logica, e pelo seu compendio a estudam os aprendizes; o segundo é o principe dos poetas lyricos latinos: a sua Arte Poetica é uma obra prima, e a esta é que nos referimos no Canto segundo.

Gerundio de Campazas — Obra muito original, em que são criticados os oradores que pretendem ostentar uma exagerada e inchada, mas vãa eloquencia: pelo oppositor da Universidade de Valladolid, D. Francisco Lobon de Salazar.

Ginetes (da Arabia) — Os cavallos arabes são hoje tidos pelos melhores do mundo, e as familias nomades, que os trazem sempre comsigo, os prendem a estacas juncto de suas barracas. A comparação, feita no texto com os de cá, tem por fim criticar alguns individuos que se afferram ás barracas, em que as senhoras se despem e vestem ao entrar e sahir do banho, para as espreitarem e escutarem, incommodando-as e vexando-as gravemente.

Girafa — Admiravel e grande animal, que habita a Ethiopia e ao centro do Cabo de Boa Esperança. Os Hottentotes nomades matam estes innocentes animaes para lhes comerem a carne, e o tutano, que acham precioso, e se vestirem da sua grossa pelle. Antigamente lhe chamavam *Camellopardo*.

Glauco — Deos marinho, convertido em tal, de pescador que era, por virtude de certa herva desconhecida, que um acaso lhe deparou. Suppõe-se que depois já não queria vulgarisada uma tamanha ventura, e por isto despojava as praias da milagrosa herva, dando-a só para que as Senhoras fossem metamorphoseadas em deusas aquaticas, ao serem trocadas pelas Nereidas.

Goano — É o excremento das gaivotas e outras aves aquaticas, accumulado por seculos em al-

gumas ilhas desertas. Esta descuberta, utilissima á especie humana, deve-se aos inglezes, que introduzem este adubo para as terras onde podem, e a elles lhes rende boas sommas. Ora, é muito provavel que os homens, e quaesquer animaes, que abordem a taes ilhas, dêem incremento a tal *goano*.

Go dem'your yes — É uma especie de imprecação, usadissima entre os inglezes, que em linguagem vem a dizer — *o diabo te leve os olhos.*

Godos e *scytas* — Alarico I, godo, em 410; Attila, scyta, em 452; Totila, godo, em 546... foram os grandes flagellos que Deos mandou sobre a cidade de Roma, que se havia saciado do sangue dos Martyres.

Golphinhos — Peixe grande, porém o menor dos cetaceos, de que os deuses do mar se servem, como os homens dos cavallos.

Goraz — Peixe avermelhado, de grandes olhos, muito vulgar nas nossas praias.

Graças — Eram estas: Euphrosina, Thalia e Aglaia, companheiras das Musas.

Grande nome — O immenso planeta Herschel recebeu este nome de seu sabio descubridor.

Grão Cairo e *Japão* — A primeira é a grande cidade, capital do Egypto, despoticamente governada pelos Pachás; o segundo, vasto imperio na parte oriental da Asia, que se compõe de muitas e algumas grandes ilhas, ainda mais despotica e barbaramente governado.

Grisões — Povo desmantelado, nos Alpes, e alliado da Suissa, que nunca tem chegado a cem mil almas, e occupa um territorio que apenas tem a extensão de 35 legoas.

Groenlandia — *Panamá* — O primeiro é o vasto e frigidissimo paiz, que fica quasi todo dentro do circulo polar arctico: e portanto é impossivel o produzir algodão; o segundo é o nome de uma cidade, com seu ricco districto, e o do isthmo em que ella está situada, que reune as duas Americas, e vem a ficar proximo ao Equadôr: e logo é impossivel que alli caia neve. De tudo se

deve concluir qual seja a verdade das promessas que nos faz o diabo, quando nos tenta e seduz, medindo os seus embustes pela nossa ignorancia.

Guiana — Vasto paiz da America meridional, entre os rios do Orenoque e das Amazonas, que produz enormes cannas de assucar, e d'onde passou essa variedade para o Brasil, e outros paizes que hoje quasi só essa cultivam.

Guichard, Gautier, etc.—Modistas francezas, e negociantes de fazendas e ornatos proprios de senhoras.

H

Hecate — Divindade dos infernos.

Heliogabalo — Imperador Romano, que subiu ao throno em 218. Entre as suas extravagancias e vicios, lembrou-se de crear um senado de mulheres, no monte Quirinal, a que presidia Soemia, sua mãe, e legislava sobre vestidos e modas. Fez adorar a pedra Elagabal, que trouxera de Phenicia, e casou este grande deus com uma bella estatua da Lua, que mandou vir de Carthago. As suas inauditas extravagancias, barbaridades e vergonhosos vicios excitaram uma revolução na sua guarda, que o degolou a par de sua mãe, digna de tal filho, depois do curto reinado de 3 annos, 9 mezes e 4 dias, e tendo elle apenas 18 annos de idade.

Hesperie — Nympha excessivamente amada por Esaco, filho de Priamo. Fugindo ella á perseguição d'elle, foi mordida de uma serpente, e da mordedura morreu. Esaco, desesperado, se lançou ao mar, onde Tethys o converteu em gaivota.

Hippopotamos — Cavallos marinhos. Estes amphibios, que ordinariamente não perseguem os homens, são comtudo medonhos, e mesmo terriveis se estes os irritam. No fragmento de uma viagem que se encontra em Buffon, se lê que um d'estes grandes animaes cravou os dentes

superiores na borda de um barco, e os inferiores a 6 palmos de distancia no mesmo barco, e assim o afundou. Um dos que matou Zerenghi, juncto ao Nillo, tinha 22 palmos e 2 pollegadas de cumprido. No museu de Lisboa se vê um pequeno hyppopotamo.

Holofernea cabeça — Holofernes foi o general dos exercitos de Nabucodonosor que, depois de conquistas e victorias, de mil barbaridades e soberbas (no que comparamos com elle a Inglaterra), foi degolado, quando cercava Bethulia, pela debil mão da formosa Judith (no que desejamos seja imitada pela Italia).

Homero — Pae da poesia grega, e portanto da latina e de todas as modernas. Viveu mil annos antes de Jesus Christo. Sete cidades disputaram a honra de lhe terem dado o berço; erigiram-lhe estatuas e Templos. Suas grandes obras são a Iliada, que tem por objecto a cólera de Achilles, e a Odyssêa, que descreve as viagens e aventuras de Ulysses depois da guerra de Troya.

Hybernia — A Irlanda, que por seculos a fio tem sido martyrisada pelo governo inglez, por seu constante amor á Religião Catholica.

Hybrido — Bastardo, ou filho de animaes de diversas especies: diz-se mesmo de plantas nascidas de sementes, fecundadas pelo pollen de outras differentes.

Hymeneo — Divindade que presidia aos casamentos.

Hypocrates — O maior e mais celebre medico de toda a antiguidade. Os seus aphorismos, e o tractado dos ventos são as mais admiraveis obras que nos deixou, e o exemplo de uma grande beneficencia e probidade.

Hyppocrene — Fonte proxima do monte Helicon, que nasceu no logar onde o cavallo Pegaso deu uma das grandes patadas, que ainda hoje contínúa a dar. Era consagrada a Apollo e ás Musas.

Hyppogrypho — Cavallo alado.

I

Ilha — A de que se falla, logo depois da Sicilia, é Malta, que os antigos reis de Napoles haviam dado á heroica Ordem de Malta, cujos Cavalleiros a regaram com o mais illustre sangue da Europa, e tambem com torrentes do musulmano. Os iniquos e injustos meios por que o Governo inglez usurpou esta famosa ilha, sem jamais a querer restituir, nem á Ordem, nem ao Rei de Napoles, não só constam da historia, mas até das discussões do parlamento inglez.

Indostão — Imperio fundado por Tamerlan, cujo soberano tinha sempre de guarda duzentos mil soldados, e quinhentos elefantes domesticados, e soberbamente ajaezados. A sua extensão é de 500 leguas, e a sua largura de 400; sua riqueza e fertilidade não tinham par; as suas vinte e tres provincias eram como grandes reinos.

Innata — Por muitas vezes temos pasmado ao vêr a immensa auctoridade, que se arrogam alguns d'aquelles que a negam aos reis; e ignorando completamente d'onde a houveram, julgamos que será n'elles *innata*, como se diz no texto.

Innocente Isabellinha — Assim chamavam sempre os liberaes hespanhoes á sua actual rainha: segundo alguns dizem, ainda continúa na mesma innocencia....

Isabel — A virtuosa princeza, irmã do rei de França Luiz XVI, degolada na guilhotina pelos maçons francezes, sem outra causa mais do que seu nascimento e sua grande piedade. Do mesmo modo degolaram uma familia inteira de illustres senhoras, só porque ellas mandaram estampar umas Imagens do Sagrado Coração de Jesus!!!... Eis-aqui a gente que tanto ralhava, e ralha da Inquisição.

Isabel d'Inglaterra — A mulher mais diabolica que algum'hora se assentou no throno, não digo só da Inglaterra: mandar abrir o ventre aos Catholicos e arrancar-lhes as entranhas em vida; man-

dal-os estirar por meio de cylindros, movidos em sentido contrario por algozes robustos, até lhes despegar os membros; promulgar e pôr em execução as leis mais barbaras e iniquas que jámais se viram, contra a nação martyr, muitas das quaes subsistiram em vigor até os nossos dias, na chamada culta Inglaterra.... a impudicicia, a impiedade, mil crimes, todo o mal, tornaram singular o longo reinado d'essa virago, que queria ser uma nova Semiramis, mas que não passou de Parca, até de sua parente, a rainha Stwart.

Isosceles — Triangulo que tem dous lados iguaes. Quando se junctam tres pessoas, que pertencem a certa seita, costumam chamar-se um *triangulo.*

J

Janota — Termo moderno, que corresponde a *taful,* ou *petit maitre*; ultimamente já dão masculino e feminino ao nome, que d'antes era commum de dous.

Jezabel — A mulher mais perversa, de que as sagradas letras fazem menção: era filha d'Ethbaal, rei de Sidoma, e mulher de Achab, rei de Israel. Sobre mil actos de impiedade, soberba, crueldade, foi perseguidora do sanctissimo propheta Elias, e assassina do virtuoso Naboth.

Joppe — A antiga cidade, hoje chamada Beyruth, que não dista muito do logar do Libano, em que vivia Stanhope.

Jordão — Em primeiro logar, porque n'elle foi baptisado o seu proprio Creador. Depois: chama-se o *Nillo septifauce,* porque desagua no Mediterraneo por sete bôcas; o que vem montado no *tigre* é o rio d'este mesmo nome; o seguinte é o Amazonas, em que vivem enormes serpentes aquaticas; o que não *enxuga o pranto etc.,* é o Mondego, de que disse Camões:

> Nos saudosos campos do Mondego,
> De teus formosos olhos nunca enxuito.
> . . . .

O *Tejo* é o principal rio de Portugal; o *Euphrates*, um dos mais celebres da Asia; o *Guadalquivir*, um dos maiores de Hespanha, que desagua no Atlantico; o *Meno*, da Allemanha, que se reune ao *Rheno*; o *Niger* atravessa a Africa, passando por Tomboktou, e n'este são muito communs as Tramelgas; o *Tibre*, da Italia, que passa por Roma; o *Ganges* divide as Indias oriental e occidental, e n'elle se encontram o ouro e pedras preciosas; o *Danubio*, o maior da Europa, que banha os principaes paizes da Allemanha; o *Wolga*, grande rio da Russia, que desemboca no mar Caspio; o *Rheno*, da Allemanha, singular pelas revoluções que tem padecido, as quaes, como as dos reinos, lhe tem roubado a riqueza e a gloria; *Senegal*, da Africa, que alguns AA. dizem um braço do Niger; *Scamandro*, torneava Troya, e n'elle iam banhar-se as noivas d'aquelle paiz; *Ebro*, de Hespanha; *Magdalena*, grande rio da America meridional; traja ouro o *Douro*, e prata o R. da Prata; o *Sena* é o principal de França, e por isso mais ricco no trajar; *Thamisa*, o mais consideravel de Inglaterra.

José Joaquim, e *Mourão* — São dous habeis e honrados ourives do Porto.

Judiciaria astrologia — Sciencia falsissima, que ensinava a descubrir o futuro, especialmente a respeito da sorte dos homens, por meio de observações dos astros.

K

Kalley — Medico inglez, encarregado de semear na nossa ilha da Madeira os erros da igreja anglicana. Temos presentes innumeraveis documentos comprobativos dos estragos e desordens, que o teimoso agente alli causou, e temos mesmo exactas informações, dadas pelo virtuoso P.e Joaquim Lopes de Azevedo, de Bagunte, que disputou com o medico, e o confundiu, mas debalde. De uma vez foi expulso, a instancias do

Nuncio, de outra por uma especie de revolta dos Fieis contra elle, que veio a produzir o martyrio do piedoso Conego Carlos Telles, perseguido barbaramente pelos muitos sectarios de Kalley, que de ambas exigiu grossas sommas de indemnisações. Mas S. Paulo louvava a Deos por ter sido achado digno de soffrer por sua Religião.... Kalley pede dinheiro, quer que lhe paguem por ter padecido pela sua!!! Que comparação?... Logo por ironia lhe chamo — *novo Paulo*. Saiba todo Portugal que o povo da Madeira tem soffrido o rigor de muitos flagellos, por escutar tanto a voz da heresia, por perseguir o servo de Deos, por.... não digamos mais.

L

Lacrymoso Vate — Ovidio, que sendo desterrado por Augusto para a Tomes, juncto do Ponto Euxino, por ter reduzido a systema a Arte de Amar, alli compoz as bellas e tocantes elegias de que se falla no texto, especialmente da III. do L. I., em que pinta a lacrymosa scena das despedidas de sua esposa e casa, na partida para o desterro.

Lamia — Vid. *Chalé*.

Laura — Vid. *Petrarcha*.

Leça — Rio antigamente chamado Celando, pobre de aguas, mas não de fama, que vai morrer entre os braços de duas grandes villas, Mathosinhos e Leça da Palmeira.

Leixões — Grande penedia, formando ilheo, na distancia de meia legua ao mar, da foz do Leça. Suppõe o A. que este é o penedo em que foi metamorphoseado *Lychas*: vid. este nome.

Leopardo — Fera sedenta de sangue, que por todas as razões figura no escudo d'armas da Inglaterra; por isso no Poema se toma o emblema pela nação que o adoptou, como usava Napoleão.

Libano — Um dos montes mais celebres da Asia,

entre os confins da Palestina e da Syria, e por muitas vezes nomeado nas Sagradas Paginas.

Lima — D'este nosso rio escrevem os antigos que é o Lethes, cujas aguas, bebidas ou atravessadas, produziam o total esquecimento do passado.

Literno (Pantanos de) — Vid. *Fogo corredor.*

Lobo — Vid. a fabula de Phedro, do lobo e do cordeiro.

Locke — Sabio, e profundo philosopho meditativo, cuja principal obra é o Ensaio sobre o Intendimento humano. Não sendo elle impio (tanto assim que continuamente se empregava no estudo e na oração), os impios se tem valido muito da sua atrevida proposição = *Que Deos, por sua omnipotencia, poderia ter dado á materia a faculdade de pensar* = que podia dar, mas não deu, tem provado outros cabalmente. O que d'elle dizemos no texto é relativo á confusão, em que o poz um rustico, que lhe provou a possibilidade das idéas innatas no homem, uma vez que as tem todas as aves, as quaes, sahindo do seu ninho ainda mal emplumadas, e não tornando a vêl-o, d'alli a um ou dous annos, compõe outro das mesmissimas dimensões, das mesmissimas materias, da mesmissima perfeição.

Lychas — Vid. *Dejanira.*

Lysia — Outro nome de Portugal, que lhe vem de Lysias, filho de Baccho.

M

Mãe — Venus, mãe de Eneas, que, na noite da destruição de Troya, dizia ao filho:

Aspice, namque omnem, que nunc obducta tuenti
Mortales hebetat visus tibi, et humida circum
Caligat, nubem eripiam. . . . .
VIG. Lib. II, v. 604 e seg.

Maistre (*De*) — O de que se falla no C. 11.º é o sabio e eximio apologista, A. das *Soirées de St. Petersbourg*, *Du Pape*, &c.; o citado por duas vezes no C. 12.º é seu irmão Xavier, A. da ga-

lante obra *Voyage autour de ma chambre*, e outros opusculos. Ora o que este chama = *mon systeme de l'ame et de la bête* = o que por muitas vezes diz a este respeito, especialmente no Cap. XXXIX, não só é um dos mais galantes, mas um dos mais insuperaveis argumentos da superioridade da alma sobre o corpo, e da contradicção em que estão as mais das vezes: o corpo, ou a *besta*, é o que elle chama = *l'autre*.

Magicas palavras — Estas tres palavras, os mesmos tres dogmas, de que mais abaixo se falla no texto, são = LIBERTÉ, ÉGALITÉ, FRATERNITÉ. = Chama-se em certas sociedades secretas = *vêr a luz* = o ir dando ás taes palavras um sentido cada vez mais lato, por sorte que nos gráos superiores esta latitude toca mesmo o infinito, e tambem o absurdo. Ora, do poder magico que ellas tem sobre os iniciados é que o governo inglez se vale, por intervenção de suas creaturas, para accender as guerras civis por toda a Europa e America, para infirmar e depois aniquilar as forças das nações, que ella quer dominar e roubar. Desgraçados!... que não conhecem estas verdades, e mais desgraçados se, conhecendo-as, ainda assim não desistem de trabalhar a favor da tyranna que tudo *escravisa* em nome da *Liberdade*, *humilha* em nome da *Igualdade*, *despoja* e *rouba* em nome da *Fraternidade*.

Magna Charta — João Sans-Terre, pessimo rei de Inglaterra, assassino de seu sobrinho, Arthur de Bretanha, a quem usurpára a corôa, vendo-se odiado por seus crimes e vicios, para contentar os povos, deu a Magna Charta (que existe em um pequeno pedaço de pergaminho) e a Charta das florestas. D'estas tomam o titulo as modernas Chartas: bom seria que estas fossem sequer tão breves e compendiosas como aquellas, porque emfim é certo que — *do mal o menor*....

Magnetismo — O propriamente assim dicto é o complexo dos phenomenos que produz o iman; o chamado animal é (segundo Rostan) « um es-

« tado particular do systema nervoso, estado in-
« solito, anomalo, e que apresenta uma serie de
« phenomenos physiologicos até agora mal apre-
« ciados. » Hoje porém é n'elles cada vez mais
manifesta a intervenção diabolica: sabios theo-
logos o declaram formalmente = *um pacto tacito*
com o mesmo demonio. Vid. *Cognat* e *Viviers.*

Magriça e lerda — O Snr. Martins Rua assim diz:

> Verás MAGRIÇA fome e esfaimada
> Mui contente entre os teus tomando assento.

E da mesma fome diz tambem:

> LERDA, mirrada, fêa, e esqueletada.
> PEDR. C. 4.°, Oit. 54, e C. 7. Oit. 14.

Mahomet — O fundador da absurda religião que
d'elle tomou o nome = mahometismo =: no
texto se toma o auctor pela obra.

Malhete — Nas sociedades secretas, que reinam
em Portugal, usam os seus presidentes de um
malhete, que corresponde, em varios sentidos,
á campainha do presidente da Camara dos Pa-
res, e da dos Deputados: é mesmo um dos dis-
tinctivos de sua auctoridade. Vid. Manifesto do
Irmão Lycurgo, a Bybl. M., e outros.

Malvadas leis — O Visconde de A. Garrett deu este
titulo, no Parlamento, a muitas das leis que
d'alli tem sahido para angustia e ruina do povo
portuguez; e defendeu energicamente os que
padeceram perseguição por não adherirem nem
communicarem com o scisma, desde 1834 até
1840; trabalhou muito a favor da Unidade ca-
tholica, do restabelecimento das Ordens reli-
giosas, e por fim até na Camara dos Pares de-
clarou que se unia ao immenso numero de Chris-
tãos portuguezes, que pública e animosamente
protestaram contra as doutrinas impias, erro-
neas e atacantes contra o Summo Pontifice, pro-
feridas por alguns Deputados, e por quasi todos
apoiadas na sessão de 20 de Julho de 1853: isto
explica o que se diz logo abaixo, no texto.

Marat, e *Robspierre* — Os dous monstros mais im-
pios e sanguinarios, que adornaram os quadros
da revolução franceza, começada em 1789.

Mar branco, etc. — São estes os nomes de diversos mares; o de Asoff é separado do Negro pela Crimêa, em cuja ponta está edificada a grande e heroica Praça de Sebastopol, e o exercito que a defende tem sido commandado pelo Principe Menschikoff: ora por ser pessoa capaz, e estar perto, é que foi escolhido para informador.

Marcos — O celebre Padre que acabou (não sei como) Prior de Guimarães, e chegou, quando intruso, a lançar uma irrisoria excommunhão contra aquelles Fieis que recorressem ao Summo Pontifice, do que elle amargamente se queixou em Consistorio.

Martins Rua (José) — A gloria de Caminha, e A. do nunca assaz admirado poema = a *Pedreida.*

Martello, bigorna, etc. — São os nomes dos diversos ossinhos que entram na organisação do admiravel apparelho auricular, e que na verdade são muito similhantes aos objectos de que usurpam o nome.

Mazzini — O principal cabeça das sociedades secretas da Italia, cujos horriveis crimes e atrocidades são conhecidos em todo o mundo: o sabio Visconde d'Arlincourt lhe chama o *Mahomet cosmopolita.*

Megaloscopo — Palavra composta de duas gregas, que diz = *O que vê cousas grandes.*

Memorias gloriosas — Diz Camões :

> E tambem as memorias gloriosas.
> LUSIADAS, C. 1., Oit. 2.

Mentindo Lord Minto — Allude-se ás iniquas manobras d'este digno agente da politica ingleza em Roma, onde preparou a revolução, que por fim forçou o Summo Pontifice Pio IX a fugir disfarçado. Alli se não envergonhou o estupido orgulho inglez de convidar um carniceiro a um lauto almoço, só porque o tal era um insigne revolucionario.

Megéra — Uma das tres Furias. As mulheres, que se deixaram tomar do satanico espirito da revolução de França, commetteram taes horrores,

que nem resumidos cabem n'uma nota. Veja-se qualquer historia da mesma revolução, que seja imparcial.

Mephitica — Dá-se este epithecto a todo o gaz, ou vapor, que exerce uma acção perniciosa sobre a economia animal.

Mexilhões — Quando se abrem á força as duas conchas d'este marisco, vivo, vê-se-lhe uma membrana muito similhante a uma lingua, em um continuo movimento, e por isso se lhe attribúe o caracter de fallador e denunciante. O modo por que as mulheres da beira-mar os apregoam no Porto é = *Quem merca o mexilhão d'Aveiro.*

Midas — Rei da Phrygia, que, por castigo d'Apollo, tinha orelhas de burro.

Midões, Marçaes, e *Suancas* — As duas primeiras quadrilhas são bem conhecidas. A dos Suancas compunha-se de quatro irmãos; Anselmo que dispunha da vida e morte e propriedades de todos os realistas do concelho de Vallongo: de uma vez levava elle uma de suas victimas, o mestre pedreiro João Furão, a quem mandára caminhar adiante de si para o matar em certo sitio, e o pedreiro, apesar de valente, obedecia aterrado, pedindo, pelo caminho do seu Calvario, orações por sua alma, pois que seu horrivel algoz o não deixava confessar-se; o outro, José, depois de arrancar os dentes a sua mulher, matou-a cruelmente; o Manoel, como os precedentes, matava, roubava, incendiava. Os tres monstros acabaram de mortes desastrosas, e não assim o quarto irmão, Mamede, que era de outro pensar e obrar.

Milton, e os seguintes — Este o A. do *Paraizo perdido e recuperado* — *Shakespear,* tragico insigne — *Dryden,* optimo traductor da Eneida — *Ossian,* A. de bellas poesias — *Pope,* illustre traductor da Odyssea e da Illiada de Homero, e A. do Ensaio sobre o Homem, em que introduz opiniões inadmissiveis, &c.

Mirones — Os que estão vendo as danças, ou jogos, mas sem n'elles tomarem parte.

Miserere — Em algumas aldêas temos ouvido dar este nome á dysenteria.

Moire antique — Esta, e as seguintes palavras syriacas, hebraicas, gregas, botecudas, são os nomes de diversas fazendas, e ornatos vindos de França, para uso das senhoras e martyrio dos senhores.

Momos — Momo, filho do Somno e da Noite, e deus da zombaria. Occupava-se continuamente em criticar as obras dos homens e mesmo as dos deuses.

Monte — O insipido, stulto e criminoso jogo assim chamado.

Morcego (homem) — *Vespertilio-homo*, é o titulo de um folheto, que certo maganão de Londres imprimiu, attribuindo-o ao filho do celebre Herschel, que dizia ter descuberto taes monstros habitando a lua, e ter excedido muito ao pae, cujas observações continuava no Cabo de Boa Esperança: era tudo uma grande mentira.

Morpheo — O principal ministro do Somno, e geralmente tomado por este.

Moscovia — A Russia.

Musas — Deusas das sciencias e das artes. Algumas fontes lhes eram consagradas, como a Hyppocrene, e habitavam varios montes, como o Pindo e o Parnaso, nos quaes pastava o cavallo Pegaso, companheiro de suas Ex.as, e que muitas vezes parece ser o unico que attende ás invocações e preces dos poetas.

Mustardão e *Xeringapatão* — Assim estropiava o marujo os nomes das duas famosas cidades — *Amsterdão*, e *Seringapatão*, a primeira nos Paizes Baixos, a segunda na peninsula indica, áquem do Ganges.

Mysteriosa Rainha — Lady Stanhope, a mais celebre e maniaca de quantas Ladys tem havido; Lamartine observou n'ella, quando por singular obsequio foi admittido á sua presença, na habitação que com grande despeza fizera no Libano, uma indigesta mistura de judeismo, christianismo, firme crença na astrologia judiciaria. A

tal rainha de Palmyra por especial graça lhe mostrou uma jumenta baia, que parecia sellada por natureza, e que ella tractava com os maiores desvelos, crendo que a cavallo na tal faria a sua entrada triumphante em Jerusalem, o Messias que esperava. Vid. a Viagem de Lamartine na Syria.

N

Nabucodonosór — Rei dos assyrios e babylonios, morto 503 annos antes de Jesus Christo. A famosa estatua, que elle viu em sonho, tinha a cabeça de ouro, o peito e braços de prata, o ventre e côxas de bronze, pernas de ferro, pés de barro; uma pedra despedida, não por mãos humanas, reduziu tudo — *quasi in favillam æstive areæ quæ rapta sunt a vento.* Dan. II, 35.

Nasins, Rajhas, Nababos — São os principes, vice-reis, de diversas categorias do vasto, e outr'ora riquissimo imperio do Indostão, cujo soberano se intitula o Grão Mogol, Sol do mundo, Luz dos crentes. Tudo o que se diz no texto é exacto: cada tiro das salvas que os inglezes dão *em honra* d'este principe, e *em utilidade* d'elles, está avaliado em um preço exorbitante, que em cada passeio dá a somma de 1:400$000 reis. Os outros principes subalternos, todos creaturas dos inglezes, são forçados a pagar igualmente taes quantias, que os povos tem por vezes abandonado os campos de seu arroz, por nenhum lhe ficar para seu alimento. Em muitos outros reinos da India, seguem os inglezes a mesma politica.

Nautilios — No mesmo texto do Poema se acha uma sufficiente descripção d'este admiravel marisco.

Necromancia — A parte da arte magica que consiste na evocação dos mortos.

Nectar e ambrosia — Eram a bebida e comida de Jupiter e dos outros deuses.

Nenuphares — Bellas flores, da familia das *hydro-*

charideas, que vivem nas aguas; são de côr branca as europeas, de azul as egypcias.

Neptunea prole — Siculo, filho de Neptuno que reinou na Sicilia, e lhe deixou o seu nome.

Nereo e *Doris* — Ambos filhos do Oceano e de Tethys, e paes da multidão de nymphas, chamadas Nereidas. As que especialmente figuram n'este Poema são — Nesea, Galene, Eione, Tyro, Pherusa, Agave, Pronoe, Glaura, Amphitoe, Ammothea, Pasiphoe, Amphinome, Neomeris e Galatea.

Em nenhum dos AA. mythologicos encontrei o nome de Glaura, entre os das Nereidas; cinjo-me porém á auctoridade de Bocage, que diz:

Por Glaura das Nereidas a mais bella.

Nero — O mais cruel e monstruoso tyranno de quantos imperaram em Roma e seus vastos dominios.

Nestor — Rei de Pylos, que adquiriu grande reputação no cerco de Troya, e a quem Apollo prolongou a vida por sorte, que chegou a ser o homem mais longevo da antiguidade mythologica.

Newton — e os seguintes AA. — O primeiro é o sabio inglez que por ventura prestou maiores serviços á sciencia humana, e ao mesmo passo não se deixou entrar da soberba que tem perdido a infinitos outros, em tudo inferiores a elle; entre tantas, e tão admiraveis obras, compoz commentarios ao Apocalypse, e em toda a natureza reconhecia a mão de Deos. A Inglaterra lhe elevou um magnifico tumulo, em que mandou lavrar o mais honroso epitaphio, assim terminado:

Sibi gratulentur mortales
Tale tantumque extitisse
Humani generis decus.

Euler — Grande mathematico, e apologista nas Cartas a uma Princeza. — *Chateaubriand* — Não ha recanto do mundo em que não sejam conhecidas as suas obras. — *Bossuet* — D'este tão extraordinario homem diz La Bruyere: «*Que n'est-il* «*point? Orateur, Historien, Theologien, Philo-*

« *sophe, d'une rare erudition, d'une plus rare elo-*
« *quence....* » As suas immortaes obras converteram o grande Turenne, e muitos outros, e á sua Historia das Variações da I. Protestante, jámais poderam responder os mais eruditos hereges. — *Fenelon* — O sabio e virtuoso Bispo de Cambraia, coevo do precedente, muito conhecido pelo seu Telemaco, posto que outras obras compoz de maior merito. — *Gaume* — A. ainda vivo, entre cujas obras é mais notavel o Cathecismo de Perseverança, que vai publicando em linguagem o Snr. P.e Barboza.

Nicotiano — Porque a planta do tabaco se chama Nicotiana.

O

Oberon — O Genio que figura no poema de Weilland, e era o senhor do instrumento de marfim, que forçava o mundo inteiro a dansar.

Obras da Batalha e do Bolhão — Tem estas absorvido enormes sommas, por isso se chamam logares *predilectos*, ao passo que outras da primeirá necessidade ha annos não merecem a menor attenção da Camara, e por isso estes bairros se chamam seus *bastardos*.

Oceano — Esposo de Tethys. Os mares, que logo adiante figuram, bem designados vão: assim, bastará dizer que pelo *congelado* se intende o Glacial; pelo *absorto em uma estrella*, o do Norte; pelo *corrupto*, o Putrido; pelo que *vem na companhia do gigante*, o Atlantico (do gigante Atlas, convertido em monte); pelo *enterrado*, o Mediterraneo.

Odyssea — Vid. *Homero*.

Oitava primeira — É a seguinte:

Miser chi mal oprando si confida
Ch'ognor star debbia il maleficio occulto;
Che quando ogn'altro taccia, intorno grida
L'aria e la terra istessa in ch'é sepulto:
E Dio fa spesso che'l peccato guida
Il peccator, poi ch'alcun di gli ha indulto,
Che se medesmo, senza altrui richiesta,
Inavvedutamente manifesta.

Olho — Dente — As filhas de Phorco, nomeadas no texto, tinham um só dente de que alternadamente se serviam; assim como as Gorgones, Medusa, Euriale e Sthenyo tinham um só olho.

Opalo — Pedra branca com alguma, mas não completa transparencia; quando recebe a luz, imita a nuvem branca illuminada pelo sol.

Orpheo — Tão suaves eram os sons da sua lyra, que obravam mil prodigios; quando obteve dos deuses a permissão de ir tirar do inferno a sua esposa Euridice, ficaram suspensos todos os tormentos, em quanto a tocou.

P

Paciente rei—Luiz XVI o successor de vinte e seis reis, que depois de padecer infinitos opprobrios e angustias da parte dos maçons francezes, foi sentenciado á morte pelos senhores Deputados, que em toda a parte se dizem da Nação, sendo-o em toda a parte só da facção dominante. O benigno, e innocente rei, perdeu a vida na guilhotina em 21 de Janeiro de 1793, e a sua grande alma foi unir-se á de seu progenitor Luiz IX, o grande Sancto.

Padre bysantino—Um dos soberbos Patriarchas de Constantinopla, maniaco por bestas, estava celebrando de pontifical em dia de grande solemnidade; foram dar-lhe parte de que uma égoa, sua predilecta, parira um mulo, o que ouvido, deixou os Officios Divinos para ir vêr o recemnascido. Foi d'ahi a pouco castigado por Deos, sendo despedaçado por um dos seus cavallos.

Pamphago — Palavra composta de duas gregas, e significa = *o que tudo devora.*

Pança — (Sancho) O escudeiro de D. Quixote, quando foi manteado, como refere Cervantes na sua veridica historia.

Palinuro — Piloto da náo *capitanea,* em que ia Eneas; adormecido e arrojado ao mar por Morphêo, lamenta Eneas a sua perda, dizendo:

Ó nimium cœlo et pelago confise sereno,
Nudus in ignota, Palinure, jacebis arena!
VIRG. L. V. v. 870.

Palmyra — Foi uma cidade magnifica da Syria, 30 leg. N. E. de Damasco, celebre pelo valor e poder de Odenato, vencedor do rei da Persia, Sapôr, e pela coragem de sua mulher Zenobia, que alli reinou, depois que Odenato foi envenenado. Apenas restam soberbas ruinas da famosa cidade.

Papimania —Paiz imaginario, a que Lafontaine attribue as mais agradaveis qualidades, e principalmente a de lá se dormirem longos e placidos somnos. Vid. *Cont. de Lafontaine.*

Parcas — Eram tres: Clotho sustentava uma roca, Lachesis, girava o fuso, e Atropos cortava com uma tesoura o fio da vida humana.

Páris — Filho de Priamo, rei de Troya, que, por ser gentilissimo mancebo o escolheu Jupiter para decidir a qual das tres deusas, Juno, Minerva e Venus, devia ser dado o pomo de ouro, que a Discordia lançára sobre a mesa, no banquete das bodas de Thetys (outra diversa da que figura no Poema), com a legenda = *Para a mais formosa.* = Páris deu o pomo a Venus; mas as duas, especialmente Juno, nunca mais lhe perdoaram o ter elle dado a preferencia á outra.

Parnaso e Pegaso — Vid. *Musas.*

Pasigraphia — Sciencia, ou antes projecto d'ella, pela qual os homens de todo o mundo fallariam e escreveriam em um só idioma, como os antidiluvianos.

Patricios — As pessoas mais nobres de Roma, e que se tinham pelas mais nobres do mundo.

Paulo Cordeiro — Um ricco negociante d'este nome, offereceu ao Senhor D. Miguel de Bragança um enorme canhão, que tomou o nome de quem o deu: do canhão é que se falla.

Pedreida — O poema composto em honra do Imperador do Brasil, D. Pedro I, e de seus companheiros na expedição contra Portugal. O Au-

ctor queria que o poema fosse heroico, mas sahiu-lhe heroi-comico, sem elle o saber. Dizem pessoas lidas que nunca se viu, em letra redonda, um tamanho montão de disparates.

Penelope — A mulher de Ulysses, que durante o cêrco de Troya, e as suas longas viagens, illudiu por diversos modos as seducções dos que a pretendiam, que foram chamados = *os prócos* = Ulysses, voltando a Ithaca, os matou: e ella, em premio de sua rara honestidade e fidelidade, ainda hoje tem a gloriosa fama de ter sido a mulher mais virtuosa de toda a antiguidade pagãa.

Pedro de Malas-artes — Quasi toda a gente tem noticia dos annaes d'este heroe, e de suas raras proezas; entre ellas se distingue a de lançar o seu proprio excremento sobre a comida dos ladrões, que ceiavam debaixo de um pinheiro, em que elle estava empoleirado.

Pedro luiz, etc. — Queria a velha dizer por isto, um *penarisio*; por *sarilho*, um *garrotilho*; por *claustro*, um *caustico*; por *salomão*, uma applicação, em que entrava *solimão*.

Pérfido rabinho — Diz-se que alguns dos modernos Barões são judeus agiotas; ora todo o mundo sabe que os judeus tem rabinho; e querem varios Auctores que por elles o terem é que lhes chamam *rabinos*, e não por se lhes chamar *rabinos* se diz que elles o tem: e alguns de que tamanho!...

Peso — Os sabios antigos ignoravam a causa que determina os fluxos e refluxos do mar; os modernos descubriram que era o pezo da lua.

Petit maitre — Isto é, um taful, um janota, ou bixo que o valha.

Petrarcha — Um dos rarissimos poetas, cujo merito foi applaudido e exaltado durante a sua vida, por Papas, imperadores, reis e republicas. Este famoso poeta italiano, dedicou uma grande parte de suas poesias a Laura de Noves, em quanto ella viveu, e ainda depois que morreu.

Phebo — O Sol.

Phocas — Animal amphibio muito fallado na antiga e moderna idade. Segundo o que prova Cuvier, e é communmente hoje sabido, os antigos naturalistas e poetas bem mal o conheciam. Seria impossivel expôr n'este logar quanto se tem observado a seu respeito: basta, para o nosso caso dizer que, com todos os poetas, o consideramos como uma espantosa e cruel féra marinha.

Phosphoro — Corpo combustivel, que mostra na escuridade bastante luz, e se extrahe principalmente dos ossos, por meio de processos complicados.

Pilula — Os vigias da Camara, quando para isso tem ordem, lançam aos pobres animaes estas pilulas, carregadas de noz-vomica.

Poetisa do Ceo — Soror Violante do Ceo, foi uma Religiosa A. de bellissimas poesias sobre objectos sagrados, e na melhor linguagem. Os outros poetas de que fallamos no mesmo logar são tão conhecidos, que julgamos ocioso dar noticia d'elles.

Polvilhos — Rebuçados — Tinteiros filippinos — Diz-se que um pobrissimo fabricante de polvilhos por acasó lêra no poema do insigne poeta Parini = *Il Giorno* = a descripção de uma sanguinolenta batalha de polvilhos; que d'aqui lhe veio a idéa de fazer, dos que eram obra de suas mãos, um exercito, e arvorar-se em seu general. Assim o fez, e escolheu por inimigo a deusa Themis, a quem tem feito implacavel guerra, já cegando-a inda mais, porque *vendida* (quero dizer vendada) já ella estava; já desequilibrando-lhe a balança por meio de rebuçados com effigies (d'estes vindos de fóra); já roubando-lhe, alli na sua presença, os riquissimos tinteiros de prata, que um dos reis Filippes havia dado á Relação do Porto, quando elles reinaram em Portugal. Em auxilio de Themis veio o Presidente da Relação, publicando uma especie de monitoria contra *polvilheiro, polvilhos, rebuçados, e apolvilhados,* e veio o Governo de Lisboa

mandando o Snr. Aguiar Ottolino syndicar dos mesmos objectos e factos: chegou mesmo a instaurar-se processo (*pro forma*) contra o Guarda mór e o chaveiro, por causa da evaporação dos tinteiros, de que se diz — o R. F. os deu, o R. F. os roubou.... Tudo ficou em nada.... só serviu de dar mais gloria ao general dos polvilhos, que aos mesmos auxiliares de Themis *apolvilhou*, que lhe não permitte pezar na balança senão rebuçados, que não a deixa servir-se da espada para punir os crimes, que sepulta os codigos debaixo de cartuxos de.... de *polvilhos*, e d'estes fórma tão densas nuvens, que entre ellas, e sem saber-se por onde, lá se evaporam os riccos e antigos tinteiros, que ao proprio Junot haviam escapado. Vid. o discurso do Snr. Deputado Faustino da Gama, na Sessão de 25 de Abril de 1855.

Polvos — Quem vê este peixe, como andando debaixo d'agua, parece-lhe que elle vai espreitar alguma cousa pé ante pé, e que leva sobre a cabeça um capêllo.

Pressa — A que tinha de adiantar as minhas Viagens, ao começar o Canto 1.º

Pretinhos — Porque negociar na escravatura, agiotar, introduzir espantosos contrabandos em Portugal, e moeda falsa no Brasil, tractar ruinosissimos emprestimos, sumir a sua importancia, bem como a do incalculavel valor dos Conventos, seus fóros, pratas e mais bens ecclesiasticos, e sobre isso sepultar a nação em insoluveis dividas.... e estes, e outros taes factos bem notorios, são crimes e não serviços feitos á patria por armas ou por letras... é que dizemos o que se lê no texto. Que o valor, a sciencia, mesmo a honra e virtude sejam elevadas á grandeza não é o que criticamos, que só estas qualidades julgamos dignas da gloria usurpada por homens vis, e muitas vezes criminosos.

Primas donas — Nos dias dos beneficios d'estas italianas, uma especie de furor accommette bastantes pessoas no Porto, as quaes felizmente re-

cobram o uso da razão no dia seguinte. Não se poupam a despezas, e mesmo a indignas baixezas para obsequiar e presentear umas mulheres de ganhar, que já são pagas e repagas por seu trabalho e merito, que ás vezes bem pequeno é.

Pristis — Os de que se falla no Canto XI são os *espadartes,* que em linguagem zoologica se chamam — *Squalus Pristis — Pristis Pectinata.*

Privado do gosto ameno — Vid. *Féno.*

Propheta — Proteu.

Prosodia e Lexicon — São dous muito bons diccionarios das linguas latina e portugueza.

Proteu — Filho do Oceano e de Tethys; era dotado do conhecimento do futuro, e da faculdade de tomar a figura que queria; tido e havido por muito sabio e prudente, e pelo pastor de todos os animaes sem conto, que vivem nos mares.

Prototypo — Palavra composta de duas gregas, que vem a dizer — primeira-fórma, ou figura.

Pygmeus — Povos de Lybia, cuja maior estatura era de um covado, e que foram destruidos por Hercules. As pygmeas tinham os filhos na idade de cinco annos, e os escondiam em buracos, para lh'os não devorarem os grous.

Pyra — A grande fogueira, em que os antigos queimavam os cadavares.

Pyramyde de Egypto — Esta expressão, e as outras que na mesma quadra se vêem em italico, e que o A. dá a Quevedo por senha, são tiradas do seu incomparavel Soneto, feito a um enorme nariz, o qual copiamos por divertir nossas amaveis leitoras:

A una Nariz.

Erase un hombre à una Nariz pegado,
Erase una Nariz superlativa,
Erase una Nariz Sayon, y Escriba,
Erase un Peze espada muy barbado.

Erase un Relox de Sol mal encarado,
Erase una Alquitara pensativa,
Erase un Elephante boca arriba,
Erase Ovidio Nason mal narizado.

Erase un Espolon de una Galera
Erase una Pyramide de Egyto
Las doze Tribus de Narizes era.

Erase un Naricissimo infinito,
Muchissima Nariz, Nariz tan fiera
Que en la cara de Anás fuera delito.

Q

Queiroz — Este e os seguintes eram mancebos de pouco tempo formados na Universidade.

Quintella e Bolhão — O Conde do Farrobo em Lisboa, e o Barão do Bolhão no Porto são affamados pelas enormes despezas que tem feito.

Quinto F. Tardador — Q. F. *Cunctator*, assim chamado porque differia sempre dar batalha a Annibal, commandando o exercito romano. Vid. *Fogo corredor, etc.*

R

Rainha — Maria Antonieta, a filha de tantos Imperadores da nobilissima casa d'Austria, e já viuva de Luiz XVI, tambem os Snrs. Deputados (*soi disant*) da nação franceza, a mandaram decapitar na guilhotina, aonde foi levada na mesma vil carreta, que fornecia aquelle immenso açougue de carne humana: na verdade açougue, até porque n'essa espantosa épocha havia lá muitos antropophagos tão habituados a comerem essa carne, que até já escolhiam as partes do corpo humano de que mais gostavam. Ódonel, general de D. Carlos, tambem foi devorado em Hespanha.

Racine, Boileau — Voltaire, Rousseau. — Os dous primeiros são a gloria da poesia franceza; os dous ultimos são a gloria da impiedade.

Rancio e *Hermosilla.* — O Primeiro era um douto Dominico, que a si mesmo se intitulou — *El Filosofo Rancio* — porque defendeu as doutrinas religiosas, que alguns modernos impios chamam *rançosas*; o segundo é o A. de uma

bella e concludente obra em 3 tom., intitulada = *El Jacobinismo.*

Rei dos insectos destruidores. — Isto é, dos gafanhotos. Assim chamam a Napoleão os modernos expositores do Apocalypse, onde o Sagrado Evangelista na verdade o nomeou por seu proprio nome (Apoleão), 1700 e tantos annos antes de sua existencia, como outr'ora succedeu com Cyro, filho de Cambyses, e o grande propheta Isaías. O que no texto se diz de Nopoleão refere-se aos elevados e vehementes argumentos, que elle, conversando particularmente com seus generaes, empregava para provar a divindade de Christo.

Reina amada — A rainha D. Maria Christina, que por muito tempo chamavam assim os liberaes hespanhoes; depois já por duas vezes a tem expulsado, e mesmo tem a sua vida estado em perigo. Diga com Ovidio:

Heu! patior tellis vulnera facta meis!

Religião do amor — Ou da verdadeira Caridade, é a Catholica Romana.

Rocaz — Lindissimo peixe, todo de côr escarlata vivo, que muitas vezes vimos nos Açôres.

Rousseau — Este phylosopho, possuido até as unhas da mania do estado da natureza nos homens, por fim nem as unhas queria cortar: e dizem que já nem podia andar, embaraçado pelas dos pés, mas que com as das mãos podia sachar qualquer horta com a maior perfeição,

Roussilhão — Quando voltou a Portugal o contingente de soldados, que déra para essa guerra, onde se portou bem (como sempre,) o governo nada lhes deu (como sempre não dá), e apenas determinou que os taes soldados trouxessem por distinctivo uma granada dourada, ou prateada, no braço; isto deu causa ao pasquim seguinte:

«Ta, té, ti, tó, tu,
«Granada no braço,
«Pontapé no cú.

Rouxinol de Maio — Nas nossas provincias da-se este honroso titulo ao jumento, que no tal mez entôa em bella musica as coplas, que alguma cousa exprimem.

S

Sabá — Na parte da Arabia, chamada *Feliz*, proxima ao Sino Persico, abundantissima em incenso e outros aromas preciosos.
Sapos — Os de que falla o texto no Canto terceiro, são os peixes assim chamados em Portugal.
Scylla e Carybdes — Duas mulheres que foram transformadas em monstros, e se precipitaram no golpho de Sicilia, defronte uma da outra; assim formaram um perigoso estreito, onde as embarcações, desviando-se de um, são devoradas pelo outro. Porque estes monstros estavam proximos, é que foram chamados para guardar as criminosas na prisão.
Scylla, Centauro, etc. — Vid. *Eneas*.
S. Sebastião — Como os verdugos fizeram a este Sancto, assim as actuaes leis orphanologicas fazem aos orphãos e viuvas, para locupletarem os juizes e escrivães.
Seita — A dos espiritualistas. Vid. *Cognat* e *Viviers*.
Semidoutores — Os que ainda não tinham concluido a sua formatura na Universidade.
Serêas — Filhas de Acheloo e da Musa Calliope, dotadas de uma voz encantadòra. Ulysses, para livrar-se de tal encanto, tapou os ouvidos, e os de seus companheiros, e se mandou atar ao mastro da sua náo. Seus nomes eram: Pisione, Aglopgeme, Leucosia, Parthenope, etc.
Sibyllas — Donzellas, que prediziam o futuro, influidas, por Apollo, ou pelo espirito de Python (*id est*, tudo o demonio), se eram verdadeiras, se não fingiam-se taes.
Sino-salomão — Isto é, o *sêllo de Salomão*: o adjuncto de uns poucos de angulos, que muita

gente tem o prejuizo de pôr sobre as creanças, entre Reliquias e Medalhas, attribuindo-lhe alguma virtude, que não tem, mesmo que fosse o sêllo do sabio e peccador rei. O mesmo prejuizo tem a respeito das figas de azeviche etc.

Silio (Italico)—Foi Consul romano, e dono da casa que fôra de Cicero, e da em que estava o tumulo de Virgilio; muito inferior porém ao d'este é o seu poema da segunda guerra punica, ainda que abunda em isoladas bellezas. Do juramento de Annibal ante a estatua de Dido diz:

Vultusque in marmore sudat Elissæ

Na descripção de uma batalha:

. . . . galea horrida flictu
Adversæ ardescit galeæ clypeusque fatiscit
Impulsu clypei: atque ensis contunditur ense,
Pes pede: virque viro teritur. . . . .

Dos mortos no campo:

. . . . premit omnis dextera ferrum
Armatus que jacet servans certamina miles:
Fronte minæ durant, et stant in vultibus iræ.
Lib. I. v. 99 — L. IX — L. V. v. 674 e seg.

Silvestre — O dono de uma casa de pasto na Foz.

Soberanos — O vocabulo, que no C. 2.º se acha em italico, refere-se aos de ouro, que vem de Inglaterra, para levarem a prata, que por cá havia, de volta comsigo.

Soberanos paternaes — Estes são especialmente, o Papa, o Rei de Napoles e outros da Italia; e os canibaes são Mazzini e os seus grandes e miudos sectarios. Ao escrevermos esta nota lá apparece em França o sapateiro Pianori querendo assassinar Napoleão III, por ordem do dicto monstro. Vid. a bella obra = *L'Italie Rouge*.

Stalactites—Concreções lapideas e ordinariamente calcarias, pendentes de abobadas subterraneas, onde se formam pouco a pouco pela agua, que gota a gota, transuda d'ellas, trazendo em solução as moleculas dos terrenos superiores. Ellas abundam em algumas grutas celebres, onde chegam do tecto ao chão, formando grossos piláres do aspecto mais pittoresco.

Sueño de las Calaveras — É um dos Opusculos mais originaes e galantes de Quevedo, no qual suppõe que viu em sonhos o dia do Juizo final.

Suez — É o isthmo que juncta a Asia á Africa; o de *Panamá* é que reune as duas Americas; *Chily*, grande paiz da America meridional; *Calcutá*, grande cidade do Indostão, reino de Bengala: de tudo isto se vê a exactidão com que fallava o tal viajante.

Suspiros — Para a significação d'esta flôr, e das mais nomeadas no Canto oitavo, veja-se a erudita obra = *Novo Diccionario, ou Linguagem das Flôres* = edição do Porto, 1850: ou a obra do sapientissimo Aimé Martin = *Langage et embleme des fleurs.*

Syringa — Formosa nympha da Arcadia, muito amada do deus Pan. Os sabios etymologicos estudam ha muitos annos a causa por que se deu em Portugal este mesmo nome ao instrumento dos clysteres.

T

Taprobana — Grande ilha das Indias, que os portuguezes possuiram até 1658, em que a tomaram os hollandezes, aos quaes os inglezes a tiraram em 1782: mas não a restituiram aos primeiros, seus descubridores e legitimos possuidores (segundo o seu louvavel costume).

Tartarugas — Amphibios que na figura imitam os cágados, vulgares nos nossos rios, mas não na grandeza, pois que em alguns paizes são enormes as tartarugas.

Tasso — O A. do mais bello e perfeito poema italiano = *La Gerusaleme Liberata* = e de algumas outras obras poeticas, muito inferiores á primeira.

Telemaco — Filho de Ulysses, que, nas prolongadas viagens que fez em busca de seu pae, era acompanhado por Minerva, disfarçada sob a figura de Mentor.

Terpsychore — Uma das Musas, e deusa da musica e da dansa.

Tethys — Filha do Ceo e da Terra, e esposa do Oceano; não deve confundir-se com a outra, de que fallamos na nota a *Páris.* Representa-se sobre um coche em forma de concha, tirado por golphinhos.

Thalmud — Livro muito estimado dos rabinos, e que se compõe dos escriptos dos maiores doutores judeus, depois da vinda de Christo; os de primeira classe chamam-se Tanaim, os da segunda Emoraim, os da terceira Gaom. Os primeiros, e de maior credito, todos concordam, bem como muitos dos outros, com os Christãos, no computo das semanas de Daniel, e no claro sentido das prophecias sobre a vinda do Messias: isto torna mais criminosa a obstinação dos judeus.

Themis — Deusa da Justiça; representa-se com uma balança na mão, tendo os braços horisontaes, na outra uma espada, e os olhos vendados. O primeiro symbolo indica a rectidão com que deve pezar-se a justiça e administrar-se ás partes; o segundo, o castigo que se deve ao crime; o terceiro que os encarregados de distribuir a mesma justiça nem sequer devem olhar para dadivas, nem attender a parentescos, amizades, ou categorias. Assim mesmo se practica hoje em Portugal.... Vid. *Polvilhos, Rebuçados, Filippinos tinteiros.*

Tiberio — Outro imperador romano, dotado de muito maiores talentos do que Nero, mas seu imitador na crueldade, na extravagancia e desregrados costumes.

Tigres — Quando isto escrevemos, se mostra no Porto um espantoso tigre marinho, vivo.

Times — Periodico inglez, magnificamente escripto, orgão do partido wigg, que corresponde ao que em Portugal se chama septembrista.

Tormentorio Cabo — O de Boa Esperança, onde os inglezes tem riccos estabelecimentos, e d'onde tiram immensos interesses, desde que em 16

de Setembro de 1795 o conquistou para elles o almirante Elphinstone. Para ahi mandam elles, como escravos, os escravos que tomam no mar; capitães, tripulações, passageiros dos navios, apanhados a titulo de negreiros, mas que muitas vezes o não são, tudo é lançado lá n'essa Serra Leôa, onde os pobres homens, roubados de tudo, nem meios tem para d'alli sahirem: o nosso patricio o Snr. Leça, negociante e proprietário, em Villar do Porto, foi um d'estes martyres, e é interessantissima a sua historia, que nos contou.

Torqueza — Pedra que tem uma bella côr azul clara, mas não é transparente como a saphira.

Torre — A de Babel, ou Babylonia, que por muitos seculos se conservou, até onde a puderam levar os homens, antes de sua separação por causa da superveniente diversidade de idiomas.

Tramelga — A raia *Torpedo* — que, ao tocar-se, dá uma repercussão electrica muito sensivel.

Treze — É o numero predilecto de certos senhores nossos, por peccados nossos.

Triangulo — Vemos esta figura geometrica modernamente pintada, esculpida, entalhada por tantas partes (até nas navalhas de barba, e nas caixas, de charutos), que não queremos ir fóra da moda no nosso Poema: é o mesmo que o n.º 13.

Tridente — Sobre uma haste, como as de lança, um travessão de aço, tendo tres grandes pontas, como ferros das antigas settas, tal era a figura do Tridente, sceptro e poderosa arma de Neptuno, ao qual estão sujeitos todos os mares.

Triforme divindade — A Lua, que com effeito nos mostra tres formas, crescente, cheia, mingoante.

Tritão — Filho de Neptuno, e um dos deuses do mar, do qual diz Camões:

> Era mancebo grande negro e feio,
> Trombeta de seu pae e seu correio.
> Item — Por gorra na cabeça tinha posta
> Uma mui grande casca de lagosta.
> Item — O corpo nu, e os MEMBROS GENITAES.
> Item — Ostras e messilhões de musgo sujos
> As costas com a casca e caramujos.

O chamar-lhe feio, trombeta e correio de Neptuno, a sua gôrra, o descubrir-lhe os membros, e logo cubrir-lhe as costas... são as cousas que tomamos de Camões, ou lhe estranhamos. — Vid. Lusiadas, C. VI, desde Oit. 16.ª até 19.ª

Trombetas—Peixes que usurpam este nome, não de sua figura, mas do som forte que fazem ouvir, e que se assemelha ao de tal instrumento: a sua côr é amarella, riscada de branco.

Tubarão—Peixe grande e horrendo, da familia das Lamias.

Tubulosos—Dizem alguns AA. que as cobras e outros animaes tem os dentes furados de alto a baixo, e então são como tubos.

Tyrrheno — O mar Mediterraneo.

U

Ulysses — Rei de Ithaca, principe excessivamente astuto e enganador, um dos que mais contribuiram para a destruição de Troya. Vid. *Serêas* e *Odysséa.*

V

Veneno cru, vehemente — É o opio, que o governo inglez manda cultivar especialmente ao Cabo de Boa Esperança, e depois introduz á força na China, cuja immensa população dizima, e para a dizimar assim, a dizimou tambem já com barbara guerra.

Ventura — Habil cirurgião de Leça.

Verrinas — As vehementes orações de Cicero contra Verres.

Vicco (Jiambattista)—Sabio napolitano, que no seculo XVIII compôz a obra = *Principi di Scienza Nuova* = da qual muito lhe tomou para o seu *Novo Principe*, o nosso illustre escriptor Gama.

Victoria e *Nicoláo*—A rainha de Inglaterra e o Imperador da Russia.

Victoria — N'esta freguezia do Porto se celebrou o consorcio de duas pessoas muito conhecidas, sem precederem proclamas, nem licença do Bispo diocesano, contra a expressa determinação do Sagrado Concilio de Trento (que, sobre lei religiosa, o é tambem d'este reino), e estando ainda pendente o pleito sobre o mesmo consorcio. O Bispo D. Jeronymo suspendeu o Abbade por este facto, que assustou os honrados paes de familias d'esta cidade.

Vigilantes e Terriveis (Irmãos) — São os que nas sociedades secretas estão encarregados de vigiar e ameaçar os profanos que se approximarem.

Vinha — De uma senhora já acabada, e que tem tido filhos, costuma dizer-se o adagio:

É chão que deu vinha.

Voadores — Peixes que habitam entre os tropicos e com suas longas barbatanas se elevam e voam sobre o mar, em quanto ellas conservam humidade: conta Blanchard quatro variedades d'esta especie.

Volney — Philosopho impio, A. da obra intitulada = *As Ruinas de Palmyra.*

Vulpino rei soberbo — Tarquinio, o Soberbo, não querendo confiar do mensageiro, que seu filho lhe mandára de Capua, a ordem de acabar com os magnates da cidade, não lhe deu outra resposta mais que decepar na sua presença, com a bengala, as altas cabeças de papoulas do seu jardim. O mensageiro foi contar ao filho do rei o que lhe vira fazer, e que nem palavra quizera dizer-lhe; e o filho entendendo o enygma, deu cabo dos nobres, sendo logo depois bem facil aos Tarquinios o assenhorear-se da preza.

Weilland — Poeta allemão, auctor do *Oberon*, poema heroi-comico, que se acha traduzido em portuguez por Filinto Elysio; n'elle figura um corno de marfim, cujo som obrigava a dansar a quantos o escutavam, e em quanto elle fosse tocado.

X

Xerxes — O quinto rei da Persia, filho de Dario; é famoso na antiga historia o seu exercito de 800:000 homens, e 100 náos, com que atacou a Grecia.

Z

Zoilos — Era Zoilo um rhetorico de Thracia, que adquiriu a mania de criticar sem descanço a Homero; d'aqui vem o chamarem-se *Zoilos* os criticos dos poetas.

Zoophytos semivivos — Chamamol-os assim, porque n'estes entes, aliás admiraveis, parece que quasi não ha vida; tão pequenos e mesmo imperceptiveis são os seus movimentos... Este nome litteralmente quer dizer — animal-planta. — As *esponjas* e os *coraes* são aquelles de que fallamos no Poema; ha porém muitos outros no mar, na terra, e dentro de nós mesmos; mas os do mar são os que muito nos servem.

FIM.

ERRATAS.

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
VIII	22	injuria	injurias
XI	3	Bocage	Bocace
Ibid.	20	extirpal-a	extirpal-os
10	23	Mão	Não
26	24	outras	outros
29	5	de fogo	do fogo
35	1	fastos	factos
42	21	Outras elaboradas	outros elaborados
43	17	A commissões	As commissões
55	20	de Guiana	da Guiana
121	4	doentes,	doentes.
124	3	muito	mui
150	12	Dignos pares, deputados	Carta, par e deputado
203	12	esguiche.	esguiche
216	4	mosquitos,	mosquitos;
217	3	apanhavam	apanham
Ibid.	18	em Reina	na Reina
244	12	Meus couces	Menos couces
253	2	a Magdalena	o Magdalena
268	3	cantando	catando
274	22	como pode	como pôde
275	20	estremado.	estremado;
Ibid.	21	Tu cujo	Tu, cujo
276	13	Tu que	Tu, que
288	5	Assafitida	Assafetida
295	19	como Adonis	qual Narciso
296	2	precioso	valioso
320	22	Sidoma	Sidonia
322	16	para a Tomes	para Tomes
323	33	Callgat	Caligat

Algumas outras faltas menos essenciaes facilmente supprirão os instruidos Leitores.